

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**QUANDO A PARENTALIDADE SURGE ANTES QUE A CONJUGALIDADE**

**São Paulo**

**2012**

**LAURA FERNANDES MERLI**

**QUANDO A PARENTALIDADE SURGE ANTES QUE A CONJUGALIDADE**

(Versão Reformulada)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre  
em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Isabel Cristina Gomes

**São Paulo**

**2012**

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES  
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Merli, Laura Fernandes.

Quando a parentalidade surge antes que a conjugalidade / Laura  
Fernandes Merli; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo,  
2012.

127 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Família 2. Parentalidade 3. Conjugalidade 4. Transmissão  
psíquica 5. Psicanálise I. Título.

HQ10

**Folha de Aprovação**

Laura Fernandes Merli

Quando a parentalidade surge antes que a conjugalidade

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre  
em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. ....

Instituição:.....Assinatura:.....

Prof. Dr. ....

Instituição:.....Assinatura:.....

Prof. Dr. ....

Instituição:.....Assinatura:.....

Aos meus pais,  
pelo amor e apoio.

## **Agradecimentos**

À Isabel Cristina Gomes, pela orientação atenciosa, confiança em meu trabalho e sabedoria em ensinar-me.

À todos os casais que participaram, dividindo comigo suas histórias e tornando possível a realização deste trabalho.

Aos membros da Banca de Qualificação, Profa. Dra. Maíra Bonafé Sei e Profa. Dra. Audrey Setton Lopes de Souza, pelas valiosas contribuições.

À CAPES pelo apoio financeiro à realização desta pesquisa.

Aos professores, funcionários e colegas do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pelo carinho com que me acolheram e pelas esclarecedoras críticas e sugestões, ajudando a conclusão deste trabalho. Aos colegas Daniel e Lucas pela amizade e companhia.

Aos membros do “Laboratório Casal e Família: Clínica e estudos psicossociais” pelas reflexões constantes enriquecendo minha forma de pensar, facilitando a conclusão desta pesquisa. Em especial à Brunella companheira e amiga, presente de forma única e especial em toda trajetória deste trabalho. À Maria e Sandra por tantas vezes, com cuidado e carinho, me indicarem o melhor caminho a ser percorrido.

A todos os meus amigos, pelo apoio e paciência com minha ausência, em especial ao Marcus Vinícius, amigo de tantas horas, sempre acolhendo minhas angustias.

À minha família, pela compreensão, incentivo e paciência, pela presença em minha vida e pelo que sou hoje. Sem vocês não seria possível.

## Resumo

MERLI, L. F. (2012). *Quando a parentalidade surge antes que a conjugalidade*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 127p.

Na contemporaneidade o modelo tradicional de família cede lugar a múltiplos arranjos familiares, que vêm sendo aceitos e legitimados pela sociedade. Observa-se uma família contemporânea, que sofre com alto número de divórcios e a permanência de uma necessidade das pessoas em continuarem se relacionando. A parentalidade e a conjugalidade encontram-se dissociadas e os papéis feminino e masculino permitem diferentes variações. Esta pesquisa teve como objetivo compreender o estabelecimento da conjugalidade a partir de uma gravidez, buscando refletir acerca da possibilidade de estruturação de um vínculo de casal na interface com o parental, bem como, das influências da transmissão psíquica familiar neste tipo de formação conjugal. Para tanto, a amostragem foi constituída por quatro casais na faixa etária dos 25 aos 35 anos, que estavam casados legalmente ou vivendo juntos por um período mínimo de três anos e máximo de oito anos, relações estas precedidas e determinadas pela concepção do primeiro filho. A metodologia aplicada foi da pesquisa clínico-qualitativa proposta por Turato. Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevistas semi-dirigidas e gravadas. Os resultados apontaram a presença de dificuldades na construção e vivência de uma conjugalidade plena e independente da parentalidade, observando-se uma identidade conjugal enfraquecida, em detrimento do exercício da função parental. As famílias de origem exerceram grande influência na estruturação e manutenção da dinâmica conjugal e familiar, os filhos ocuparam o papel de mediadores e mantenedores da conjugalidade, impedindo a construção de um espaço de intimidade do casal, denotando para a impossibilidade dos mesmos em se depararem diretamente com o outro da relação e, por assim dizer, constituírem uma conjugalidade propriamente dita. Acredita-se que a constituição do vínculo conjugal tenha por função manter recalcado a impossibilidade de saírem da posição de filhos e tornarem-se sujeitos de si. Concluiu-se que os participantes da pesquisa, por encontrarem-se ainda muito determinados pelas famílias de origem, reproduzem o modelo tradicional de família sem a possibilidade de exercerem a criatividade permitida pelos novos arranjos contemporâneos.

Palavras-Chave: Família, parentalidade, conjugalidade, transmissão psíquica, psicanálise.

## Abstract

MERLI, L. F. (2012). *When parentality comes before conjugality*. Masters dissertation. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 127p.

In contemporary times the traditional family model yields to different family structures, which have been accepted and legitimized by society. A contemporary family can be observed, suffering from a high number of divorces and the permanence of people's need to continue relating. The conjugality and parentality are dissociated and the female and male roles allow different variations. This research aimed to understand the establishment of conjugality based on a pregnancy, trying to reflect on the possibility of structuring a satisfactory couple bond at the interface with the parental as well as the influences of family psychic transmission in this type of marital formation. The sample was composed of four couples aged 25 to 35, who were legally married or living together for a minimum period of three years and a maximum of eight years; these relations were preceded and determined by the conception of the couples' first child. The methodology used was the clinical-qualitative research proposed by Turato. The data was collected through a script of semi-structured interviews recorded. The results indicated the presence of difficulties in building and living a conjugality full and independent of parentality, observing a weakened marital identity rather than the exercise of parental function. The families of origin exercised great influence on the structuring and maintenance of marital and family dynamics; the children took on the role of conjugality mediators and supporters, preventing the construction of an intimate space for the couple, showing their impossibility to face directly each other in the relationship, in other words, constituting a conjugality itself. It is believed that the constitution of the marital bond had a function to repress the impossibility of leaving the position of children and becoming subjects themselves. It has been concluded that the research participants, because they still keep themselves very determined by the families of origin, reproduce the traditional family model excluding the possibility of exercising the creativity allowed by contemporary models.

Keywords: Family, parentality, conjugality, psychic transmission, psychoanalysis.



## Sumário

Introdução .....	10
Referencial Teórico .....	11
Reflexões acerca da Conjugalidade .....	14
Transmissão psíquica.....	18
Histórico do Casamento .....	21
Justificativa.....	24
Objetivos.....	26
Geral .....	26
Específicos.....	26
Metodologia.....	27
Seleção da amostra .....	29
Forma de análise dos resultados .....	30
Análise dos aspectos éticos .....	31
Relato das Entrevistas.....	32
Casal 1 – André e Vanessa .....	32
Primeiro Contato com o Casal.....	32
Histórico do casal .....	33
Início da relação.....	33
Descoberta da gravidez.....	34
Decisão pelo casamento.....	34
Primeiros anos de casamento.....	35
Separação.....	37
Reconciliação.....	38
Retomada do casamento .....	39
Relacionamento conjugal .....	41
Histórico da família de origem – André .....	43
Histórico da família de origem – Vanessa.....	44
Contato Final .....	45
Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais.....	46
Casal 2 – Mateus e Adelini.....	49

Primeiro Contato com o Casal.....	49
Histórico do casal .....	50
Início da relação.....	50
Descoberta da gravidez.....	51
Decisão pelo casamento.....	53
Primeiros anos de casamento.....	54
Relacionamento conjugal .....	55
Histórico da família de origem – Mateus .....	59
Histórico da família de origem – Adelini .....	60
Contato Final .....	62
Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais.....	62
Casal 3 – Marcelo e Luciana .....	65
Primeiro Contato com o Casal.....	65
Histórico do casal .....	66
Início da relação.....	66
Descoberta da gravidez.....	67
Perspectiva do marido .....	71
Decisão pelo casamento.....	73
Primeiros anos de casamento.....	74
Relacionamento conjugal .....	75
Histórico da família de origem – Marcelo.....	77
Histórico da família de origem – Luciana .....	78
Relacionamento Anterior Luciana.....	79
Contato Final .....	79
Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais.....	80
Casal 4 – Antônio e Denise .....	82
Primeiro Contato com o Casal.....	82
Histórico do casal .....	83
Início da relação.....	83
Descoberta da gravidez.....	84
Decisão pelo casamento.....	85
Primeiros anos de casamento.....	86
Relacionamento conjugal .....	88
Histórico da família de origem – Antônio.....	92

Histórico da família de origem – Denise .....	93
Contato Final .....	94
Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais .....	94
Análise das Entrevistas .....	97
Casal 1 – André e Vanessa.....	97
Casal 2 – Mateus e Adelini.....	102
Casal 3 – Marcelo e Luciana .....	106
Casal 4 – Antônio e Denise .....	110
Discussão.....	114
Considerações Finais .....	118
Referências bibliográficas .....	120
Anexo A.....	125
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	125
Anexo B.....	126
Roteiro de Entrevista Semi-dirigida .....	126
Anexo C.....	127
Convite de Pesquisa.....	127

## Introdução

O interesse pela Psicanálise de Família e Casal surgiu durante a graduação da pesquisadora, quando a mesma se propôs a pesquisar a influência da dinâmica familiar nos comportamentos agressivos de crianças. O Trabalho de Conclusão de Graduação intitulado “Estudo sobre as influências da dinâmica familiar nos comportamentos agressivos infantis” avaliou 262 prontuários de crianças atendidas em uma clínica escola da cidade de São Paulo. Os resultados apontaram forte associação entre os comportamentos agressivos destas crianças e a dinâmica familiar e conjugal em que estavam inseridas.

Por conseguinte, a vivência da prática em clínica psicológica particular e de convênio proporcionou à mesma experiência no atendimento a casais e famílias. Esta prática clínica foi embasada a partir do referencial teórico da Psicanálise de Família e Casal, que considera relevante o entendimento do tipo de escolha conjugal, a natureza da relação do casal, as motivações conscientes e inconscientes acerca da manutenção do vínculo, bem como, a psicopatologia das relações amorosas e os aspectos transgeracionais envolvidos nos vínculos.

Em particular, um destes atendimentos provocou maior interesse suscitando a inspiração para realização deste estudo. Descrito brevemente no artigo “Parentalidad Temprana, Conjugalidad y el Ejercicio de la Función Parental: Observaciones sobre una experiencia clínica con pareja” (Merli, Zanetti, Gomes, 2011), o processo terapêutico foi realizado com um casal que apresentava dificuldades na estruturação e manutenção do vínculo conjugal e parental. O histórico familiar apontava algumas particularidades, dentre elas, a constituição de um vínculo de casal determinado prioritariamente pelo surgimento precoce da parentalidade.

As dificuldades apresentadas pelo casal motivaram a pesquisadora a buscar uma melhor compreensão acerca deste tipo de conjugalidade e seus predicados, como: a possibilidade de estruturação conjugal a partir de uma gravidez precoce, que tipo de vinculação é estabelecido e como se dá a influência geracional. Considerando ainda, que na contemporaneidade, a família, o casamento, a maternidade e a paternidade têm sofrido uma série de transformações, possibilitando a pluralidade de configurações familiares, como alternativa ao modelo tradicional, questionou-se a decisão pelo casamento realizada por estes cônjuges, suas motivações conscientes e inconscientes.

Consultas realizadas nas bases de dados nacionais e internacionais, como Medline, SciELO, PsycINFO, BVS-Psi, Web of Science, Lilacs, entre outras, mostraram a inexistência de pesquisas sobre este tipo de vínculo conjugal, aguçando ainda mais o interesse pelo tema. Portanto, esta pesquisa pretende pensar a conjugalidade na interface com a parentalidade, em casais cuja construção da vida conjugal é iniciada precocemente pelo surgimento da vida parental. Isto é, investigar o significado que esta parentalidade precoce traz para o vínculo do casal, além de sua relação com a transmissão geracional.

Para melhor compreensão e discussão acerca do tema, julga-se necessário uma apresentação do referencial teórico utilizado, refletindo acerca dos principais conceitos abordados nesta dissertação, como vínculo, escolha amorosa, conjugalidade e transmissão psíquica. Bem como, um levantamento teórico acerca da contextualização histórica do casamento, buscando, através dos estudos psicossociais, observar a passagem de um modelo tradicional à modernidade.

### Referencial Teórico

O presente trabalho utiliza-se do referencial psicanalítico, mais especificamente da Psicanálise de Família e Casal, como instrumento para a compreensão acerca da construção e manutenção da conjugalidade na interface com a parentalidade, bem como, para investigar as motivações conscientes e inconscientes envolvidas nesta construção. De acordo com Calil (1987), o método psicanalítico de atendimento a família e casal tem seu percurso histórico iniciado a partir das idéias de Freud e seus estudos a respeito dos mecanismos intrapsíquicos dos indivíduos. Posteriormente, este corpo teórico sofre modificações; autores como Klein, com seus estudos sobre crianças, Bion e os atendimentos a grupos e Winnicott e a compreensão da relação mãe-bebê, assinalam a passagem de uma Psicanálise voltada para o intrapsíquico à uma valorização dos mecanismos interpessoais, enfatizando a necessidade do indivíduo se relacionar com o outro.

Gomes (2007) aponta que Winnicott traz uma complementação ao ponto de vista intrapsíquico, quando evidencia em sua teoria o ambiente externo e o conceito de vínculo, “... ”

que futuramente e mais recentemente será amplamente estudado pelos autores da ‘Psicanálise vincular’ ou das ‘Configurações vinculares’, que tem na França, como principais fundadores, Eiguer e Käes e, na América Latina, Berenstein e Puget...” (p. 28). De acordo com Porchat e Gomes (2006) os autores ingleses, franceses e argentinos, que mais se dedicaram aos estudos acerca do casamento e tratamento de casais e família, não constituem um grupo homogêneo, usando esquemas teóricos diferentes.

A Psicanálise de Família e Casal trata do campo conjugal e familiar e, portanto, do interacional e intersubjetivo. Kaës (2011a) aponta que a intersubjetividade é “...a parte constitutiva do sujeito que se dá na subjetividade do outro...” (p.23), consistindo “...na articulação de dois espaços psíquicos parcialmente heterogêneos, dotados cada um de lógicas próprias.” (p. 23). De acordo com o autor, a intersubjetividade diz respeito àquilo “...que partilham esses sujeitos formados e ligados entre si por suas sujeições recíprocas – estruturante ou alienantes – aos mecanismos constitutivos do inconsciente: os recalques e as negações em comum, as fantasias e os significantes partilhados, os desejos inconscientes e as proibições fundamentais que os organizam.” (p. 22).

Considerando a existência de esquemas teóricos distintos, faz-se necessário um delineamento do referencial aqui adotado. O conceito vínculo é utilizado neste trabalho referindo-se à condição de ligação de pelo menos duas estruturas distintas, ou seja, dois egos. Eiguer (2008) afirma que o vínculo consiste em uma relação de reciprocidade entre dois sujeitos ou mais, cujos funcionamentos psíquicos estão articulados e se influenciam mutuamente. O contato com o outro ativa em cada sujeito funcionamentos e conteúdos conscientes e inconscientes, o outro é, então, ao mesmo tempo lugar e realização dos desejos primitivos (Spivacow, 2005). Considerando-se o vínculo conjugal, complexos familiares e imagos parentais estão envolvidos e são reeditados no encontro com o outro.

Kaës (2011b) define o vínculo como uma realidade psíquica inconsciente específica do encontro de dois ou mais indivíduos, ou melhor descrita, como um “... movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos.” (p. 159). Segundo o autor, o estabelecimento de um vínculo exige certo trabalho psíquico, como por exemplo, a obrigação de investir o vínculo e o outro com a libido narcísica objetal e, a exigência de recalque ou renúncia de formações psíquicas próprias do sujeito. Portanto, para formar laços, associar-se em grupo e mais especificamente neste trabalho, formar um casal e constituir uma família, é necessário sermos investidos e investirmos libidinalmente uns aos outros.

Diante desta concepção de vínculo, cabe refletir acerca das motivações inconscientes da escolha amorosa, isso é, as motivações presentes na busca por um objeto de realização do desejo, que se faz presente desde Freud. O autor, em “Contribuições à psicologia do amor” (1910, 1912 e 1918), “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1910) e no artigo “Sobre o narcisismo” (1914), defende a idéia de que o amor é uma busca incessante por algo que perdemos e aponta a existência de dois tipos de escolha amorosa, ambas presentes em todo indivíduo: a do tipo narcísica e a anaclítica.

A escolha narcísica consiste na eleição amorosa de um objeto representativo do modelo estabelecido de relação do sujeito consigo mesmo, representando de alguma forma o próprio sujeito ou algum de seus aspectos. Desta forma, o indivíduo busca no objeto amado “o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser, alguém que foi parte da própria pessoa” (Freud, 1914, p. 56). De acordo com Titan (1999), a escolha narcísica de objeto consiste na escolha do parceiro como sendo o próprio eu do indivíduo, denotando ao autor a impressão de que o objeto sempre deve ser possuído em sua totalidade, em uma relação de absoluta exclusividade.

A escolha anaclítica ou por apoio é estabelecida a partir do modelo de relação presente nos primeiros momentos de vida, em que a satisfação sexual se apoiaria sobre objetos responsáveis pela conservação da vida. Este tipo de escolha de objeto baseia-se no desejo de reconstruir a relação de cuidado, alimentação e proteção vivida no início da vida, buscando no objeto amado, o objeto perdido da infância, “a mulher que alimenta, o homem que protege e a sucessão de pessoas substitutivas que venham a ocupar o seu lugar” (Freud, 1914, p. 57). Sendo assim, ao buscarmos um objeto de amor tentamos reconstruir a ligação original, os sentimentos que permeavam nossa relação com o pai ou com a mãe.

Retomando o conceito de vínculo intersubjetivo, Kaës (2011a) aponta que, além da necessidade de investimento necessária à criação dos vínculos, deve-se ainda selar alianças, tanto conscientes como inconscientes, com o intuito de manter e fortalecer os vínculos. Para o autor, “contrair uma aliança é o ato por meio do qual duas ou mais pessoas ligam-se entre si para realizar um objetivo específico, o que implica de sua parte um interesse comum e um compromisso mútuo” (p. 198). A respeito das alianças inconscientes, Kaës (2011a) aponta que elas existem para reforçar e estabelecer os investimentos narcísicos e objetais em cada um dos indivíduos, organizando o vínculo intersubjetivo e o inconsciente de seus sujeitos. O autor as distingue em três categorias: estruturantes, defensivas e ofensivas.

As alianças inconscientes estruturantes contribuem para a estruturação da psique e dizem respeito ao “pacto edipiano, concluído com o Pai e entre os Irmãos, o contrato de renúncia à realização direta dos fins pulsionais destrutivos” (p. 199), bem como, ao contrato narcísico, no qual o sujeito deve “assegurar a continuidade do conjunto ao qual ele pertence. Em troca, o conjunto deve investir narcisicamente o novo indivíduo.” (p. 203). No conjunto de alianças defensivas, o autor dá enfoque ao pacto denegativo, que aponta “um acordo inconsciente sobre o inconsciente, imposto ou concluído mutuamente para que o vínculo se organize e se mantenha na complementariedade dos interesses de cada sujeito e de seu vínculo” (p.204). O pacto denegativo consiste em uma metadefesa baseada no recalque e na negação, o motivo do vínculo é exatamente algo “...inconcebível àqueles que ele liga” (p. 204) e cria zonas de silêncio, da ordem do não significável, do não transformável. Por fim, a categoria de alianças, formada pelas alianças ofensivas “... selam o acordo de um grupo para conduzir um ataque, uma exploração ou exercer uma supremacia.” (p. 199).

### Reflexões acerca da Conjugalidade

Uma vez descrita a abordagem teórica do trabalho, considera-se importante refletir acerca da construção conceitual existente a respeito do tipo de vínculo aqui focado, o vínculo conjugal. Comumente utilizamos a terminologia conjugalidade para referir a este tipo de vínculo. Segundo Diehl (2002), o termo conjugalidade surgiu como um neologismo da palavra conjugar, trazendo “a ideia de união, de ligação entre duas pessoas, sem necessariamente, a existência de um contrato formal entre elas.” (p.138). O autor afirma que o surgimento de neologismos como este decorre das abrangentes e profundas transformações sociais e culturais que a família vem passando na atualidade.

A contemporaneidade propicia ao casal uma série de possibilidades de vivência da conjugalidade, muitas delas diferenciando-se do modelo tradicional de casamento. Diehl (2002), citando alguns dos possíveis arranjos, aponta os casais que decidem viver juntos sem legalizar o relacionamento, casais que vivem em diferentes locais, casais que optam por não terem filhos, entre outros. Jablonski (2003) descreve como um dos fatores possivelmente responsáveis por estas mudanças o movimento feminista, que será discutido mais adiante.



Giddens (1993) discorrendo acerca das transformações da intimidade e das formas de relacionamento na sociedade, propõe o surgimento de uma nova forma de relacionamento amoroso denominado relacionamento puro, que tem como estrutura básica a igualdade e os princípios democráticos. O autor aponta que o amor confluyente e a sexualidade plástica promovem as condições para o desenvolvimento do relacionamento puro e são igualmente constitutivas dele. O amor confluyente é resultado da emancipação feminina e caracteriza uma escolha por parceiro, que ausente de identificações projetivas e fantasias de completude, presume igualdade nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. O desenvolvimento da contracepção e de técnicas de reprodução descentraliza a sexualidade, abrindo espaço para a sexualidade plástica, liberta das necessidades de reprodução. Segundo o autor, o relacionamento puro consiste na decisão por dar início a uma relação “apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.” (p. 69).

Refletindo a respeito do casamento contemporâneo, Féres-Carneiro (1998), aponta que a maior dificuldade do vínculo conjugal “... reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. ...”. Autores como Falceto e Waldemar (2001) consideram que o casamento é o momento em que os indivíduos têm que aprender a conviver um com o outro, aprofundando o conhecimento mútuo e descobrindo o funcionamento de ambos como casal. Também, devem instituir uma relativa distância emocional das famílias de origem, que anteriormente eram as detentoras das relações emocionais mais significativas, para transferir esta relação ao cônjuge, estabelecendo uma conjugalidade.

Benghozi (1994), ao pensar acerca da conjugalidade, descreve a existência de uma díade-casal, sendo esta um meio de funcionamento emergente entre as duas partes, que contempla mais do que a soma dos psiquismos, formando um sistema casal, com estruturação, regras de funcionamento e modo de regulação definidos, isto é, um aparelho psíquico de casal. Para o autor, o aparelho psíquico do casal é fundado a partir do pacto de aliança conjugal, que confere um compromisso inconsciente embasado em um tripé matricial, sendo

seus três eixos a satisfação da necessidade, a demanda de amor e o respeito às lealdades genealógicas. Portanto, no pacto de aliança conjugal, o casal traz também sua genealogia de pertencimento, instituindo um pacto de lealdade e continuidade dos laços genealógicos da linhagem familiar. Sendo assim, o autor acredita que a escolha do parceiro encerra em si "... uma compulsão de lealdade em relação aos ancestrais. Assim, com eles, os dois participantes são, também, duas famílias que se casam." (p. 256).

Spivacow (2005) discorrendo sobre os casais que procuram atendimento terapêutico, descreve algumas características comuns a eles e interessantes para se pensar a conjugalidade. Aponta que estes casais elegeram livremente o parceiro e, portanto, contam em sua subjetividade com a liberdade de separação; ainda, são vínculos que se originaram de um processo de enamoramento, elemento este importante no funcionamento do casal. De acordo com o autor, o enamoramento é um modo de relação baseado em idealizações e negações que só se mantém com reformulações ao longo da vida do casal. Outra característica destes vínculos conjugais é que contam com projeto de duração e planos futuros. Por fim, a sexualidade, seja pela presença ou ausência, tem papel de protagonista da relação.

Sobre os tipos de vínculos conjugais, Berenstein e Puget (1994), desenvolveram uma tipologia, baseada na escolha do casal heterossexual. Os autores acreditam que a maioria dos casais escolhe seu parceiro para complementar o vínculo edípico da infância, sendo o outro um prolongamento de si mesmo. Dentro desta concepção de indiscriminação do outro é que Berenstein e Puget (1994) desenvolvem a tipologia do vínculo do casal, com três tipos de funcionamento, considerando desde o menor nível de diferenciação entre os dois egos, como a fusão, até o maior nível, da autonomia.

A primeira estrutura, denominada pelos autores de estrutura dual, tem predomínio do vínculo de tipo fusão com total indiscriminação entre eu e outro, não existindo neste relacionamento dois egos. Implica na idealização mútua, existindo uma relação de simetria quanto a idealização, gemelaridade, ou de assimetria estável, complementariedade. Este vínculo dual evolui para a necessidade de um terceiro na relação, partindo-se para a estrutura da terceiridade limitada, onde a presença do terceiro é necessária para que não haja mais indiscriminação total, entretanto ele ocupa um lugar de excluído na relação, assim sendo, a autonomia do outro só é aceita em determinadas condições. Na estrutura da terceiridade limitada os autores descrevem quatro tipos de funcionamento: pervertedor-pervertido, enciumante-ciumento, hiperdiscriminação e inibidor-inibido. (Berenstein, Puget, 1994).

O terceiro presente na estrutura da terceiridade limitada é mantido, até a etapa da terceiridade ampla, onde o casal não mais necessita da fusão total para manutenção do vínculo, podendo assim, se perceberem como indivíduos discriminados e então, o terceiro perde seu caráter de exclusão na relação. Na terceiridade ampla, última estrutura descrita pelos autores, o casal apresenta a capacidade de representação de si mesmo como um conjunto, no qual, “o fornecido pelos egos é maior do que a soma de seus componentes” (Berenstein, Puget, 1994, p.47). Ainda, Berenstein e Puget (1994) pensam a construção da conjugalidade a partir do projeto vital compartilhado, caracterizada pela possibilidade de reunir representações de realizações e conquistas em uma dimensão de tempo futuro.

A respeito da psicopatologia das relações amorosas, temos Kernberg (1995), que ao discorrer sobre o assunto, desenvolve o conceito de amor sexual maduro, como condição essencial a uma relação profunda e duradoura, sendo este, uma disposição emocional complexa, que integra: a excitação sexual transformada em desejo erótico para outra pessoa; a ternura, com a integração das representações libidinais e agressivas em relação ao objeto de amor; uma identificação com o outro, tanto genital, quanto de interesses e desejos; uma forma madura de idealização, acompanhada de comprometimento com o outro e com o relacionamento; e um caráter apaixonado da relação amorosa.

Considerando a descrição acerca do conceito de conjugalidade, o presente estudo pretende observar a qualidade do vínculo conjugal estabelecido pelos sujeitos aqui pesquisados. De acordo com a tipologia do vínculo de casal descrita por Berenstein e Puget (1994) podemos descrever o tipo de interação estabelecido entre este casal, ou seja, seu funcionamento vincular; dimensionando também, o lugar ocupado pelo terceiro nesta relação. Verificaremos a possibilidade de estabelecimento de um vínculo conjugal satisfatório, no qual existam dois egos e um espaço de intersecção entre os mesmos, sem a necessidade de inclusão de terceiros para o estabelecimento e manutenção deste vínculo.

Também, faz-se importante pensar, que o relacionamento conjugal sofre expressivas mudanças com a chegada do primeiro filho. Inicialmente, o bebê demanda cuidados extremos, apresentando uma dependência total dos pais que devem satisfazer todas suas necessidades. Posteriormente, com o crescimento da criança, as demandas modificam-se, porém continuam intensas, sendo necessário acompanhamento de suas atividades e investimento amoroso. Desta forma, com o nascimento do primogênito, vem também o surgimento de novas identidades, bem como, novas demandas emocionais e relacionais. Além disso, a paternidade

ou maternidade mobiliza diversos sentimentos nos indivíduos, como a idéia de continuidade da existência, a projeção de fantasias, entre outros. (Merli, 2005).

Houzel (2004) aponta que a maternidade e a paternidade se constituem como uma fase da existência na qual o indivíduo é confrontado com transformações identificatórias profundas, através da revivescência de conflitos antigos. Para tanto, não basta ser genitor para ser designado como pai, “é necessário *tornar-se pais*” (p.47), que consiste em um processo complexo que abrange níveis conscientes e inconscientes do funcionamento mental. Féres-Carneiro (1998), acredita que a parentalidade pode ser exercida de modo satisfatório, consciente e coerente, quando o casal parental consegue construir um relacionamento anterior ao nascimento do filho. A autora afirma que grande parte dos elementos fundamentais ao exercício parental, como o estabelecimento de acordos, cumplicidade, comunicação e afetividade podem estar garantidos pela construção anterior de uma relação conjugal satisfatória, que delimite um campo de troca entre os cônjuges e posteriormente pais.

Considerando-se a parentalidade como um processo que é construído a partir da experiência da paternidade e maternidade, demandando investimento emocional dos pais, busca-se compreender a possibilidade de construção de um vínculo conjugal em paralelo à constituição de uma vinculação parental. Observando-se a possível existência de um espaço de estruturação do casal, quando o mesmo encontra-se ocupado e imerso nos cuidados com uma criança.

### Transmissão psíquica

O presente trabalho propõe, ainda, refletir acerca dos padrões de relacionamento transmitidos geracionalmente nos casais que constroem uma conjugalidade na interface com a parentalidade, sejam eles da ordem do vínculo conjugal, ou do histórico da construção familiar. Käes (2005) ao tratar do conceito de transmissão geracional, afirma que a transmissão psíquica consiste em um conjunto de questões que ultrapassam a diferença entre gerações e organizam-se sobre as categorias dos interditos, do recalque dos desejos e da culpa. Para o autor a transmissão geracional refere-se essencialmente às identificações

projetivas e introjetivas com o objeto do desejo e consiste em um processo obrigatório para obtenção de um lugar de pertencimento no vínculo entre gerações. Ainda, como exposto anteriormente, Kães (2005) atenta para a existência de alianças inconscientes, que asseguram a transmissão da vida psíquica. O autor aponta que todo vínculo organiza-se positivamente através de investimentos mútuos sobre modalidades toleráveis de realização de desejo; e negativamente, a partir de renúncias, apagamentos e rejeições a desejos intoleráveis. Desta forma, todo vínculo intersubjetivo requer do sujeito operações de recalque e de denegação para constituição e manutenção do mesmo, assegurando a continuidade dos investimentos. A aliança inconsciente diz respeito ao pacto realizado inconscientemente pelos sujeitos garantindo que estes desejos continuem desconhecidos.

Benghozi (2000) descreve dois tipos de transmissão psíquica: a intergeracional e a transgeracional. De acordo com o autor, a transmissão intergeracional refere-se ao material metabolizado ou elaborado psiquicamente pela geração atual, que é passado à geração posterior. Este material diz respeito aos conteúdos mais conscientes, como costumes, valores e crenças que são transmitidas, permanecendo respeitadas as fronteiras e a lealdade geracional. Para Benghozi (2000) a transmissão transgeracional não apresenta metabolização psíquica, diz respeito ao indizível, impensável e inconfessável, sendo por assim dizer conteúdos não pensados, não elaborados, transmitidos inconscientemente para seus membros. O autor denomina estes conteúdos de negativo, fazendo uma analogia a uma fotografia a qual não foi revelada.

Para Wagner (2005) pode-se compreender, em grande parte, a maneira como cada família e seus membros se relacionam partindo do entendimento dos componentes emocionais herdados pelos seus antepassados. Assim, as facilidades ou dificuldades no enfrentamento de certas demandas podem estar sendo transmitidas transgeracionalmente. A transmissão psíquica diz respeito a padrões familiares que se repetem de geração para geração e que mesmo não sendo verbalizados, apresentam uma continuidade nos sentimentos inconscientes a eles ligados. Estes padrões são definidos a partir dos legados, valores e segredos que se perpetuam através da história da família. Pincus & Dare (1981) descrevem a existência destes segredos e apontam que "... a manutenção destes segredos tem por função acalmar as angústias do grupo, evitando o enfrentamento com a ferida narcísica a qual eles estão ligados...". (Merli, 2005; p. 29).

Benghozi (2000) afirma que, mesmo antes da concepção do filho, a criança já é herdeira de missões inconscientes, que são delegações transmitidas pelas gerações

precedentes. “Antes mesmo de nascer, elas são portadoras de antecipações fantasmáticas de uma herança que precede sua concepção.” (Benghozi e Féres-Carneiro, 2001; p.113). Houzel (2004) aponta “... que a família é ao mesmo tempo o lugar de inscrição da criança numa genealogia e numa filiação, inscrição necessária à constituição de sua identidade...” (p. 51).

Para Benghozi e Féres-Carneiro (2001) a família consiste em um clã que eles intitulam de grupo fratria. O grupo fratria diferencia uma linha de geração singular sincrônica de legitimidade, situando a pessoa numa cadeia filiativa de ascendentes e descendentes. Os autores pensam a fratria como uma “entidade psíquica grupal sincrônica, com um aparelho psíquico do grupo fratria e, principalmente, um continente fratria.” (p.112). A fratria é um organizador do laço genealógico, tido pelos autores como um conceito grupal, ou seja, uma entidade psíquica exclusiva, que assim como a aliança conjugal, difere da soma dos psiquismos individuais de cada participante do grupo. Este grupo fratria é herdeiro da transmissão psíquica, partilhando o patrimônio psíquico familiar transmitido pelas gerações, suscitando em cada membro da família a lealdade genealógica como uma responsabilidade ao fato de pertencer. Os autores afirmam que “As lealdades genealógicas se referem ao ideal do eu familiar. Elas veiculam o mito familiar e asseguram o narcisismo grupal familiar.” (p.116).

## Histórico do Casamento

Na antiguidade o casamento tinha finalidade social e política. A definição de família se baseava no matrimônio e patrimônio e constituía-se em função da segurança social e política, em detrimento do afeto. Da antiguidade à idade média, o casamento era um negócio de família, um contrato realizado entre duas pessoas, a conselho de suas famílias, visando o bem familiar. Caracterizava-se como forma de intervenção sobre os bens materiais considerados escassos e essenciais para a sobrevivência. (Lévi-Strauss, 2009).

O casamento consistia em um ato privado, que não sofria interferência da Igreja, com a função de transmissão da herança, de títulos e formação de alianças políticas, desta forma, a mulher era considerada parte do patrimônio familiar, sendo transferida de uma família à outra, como símbolo da união entre as duas famílias. Eram consideradas indispensáveis ao casamento a fecundidade e a fidelidade absoluta da esposa em relação ao seu marido. Estes valores eram aplicáveis aos filhos primogênitos que tinham o papel de perpetuar a linhagem, transmitir a herança e exercer o poder, liberando os descendentes mais novos a estabelecerem outros tipos de união. (Vainfas, 1986).

Segundo Vainfas (1986), a partir do século V, com a expansão do cristianismo e a queda do Império Romano, a Igreja passou a estender seu poder sobre o casamento e a sexualidade. Por volta do século XII o casamento tornou-se um sacramento divino, sem a possibilidade de dissolução da união, consistia em o único espaço legítimo para a sexualidade, com o objetivo exclusivo de procriação, proibindo a utilização de qualquer método contraceptivo. Assim sendo, o casamento tinha por função principal a procriação.

Este panorama do matrimônio se perpetua até a revolução burguesa, momento em que, segundo Áries (1987), se inicia a modernidade e a valorização do amor individual, dotando o casamento de um ideal amoroso. Desta forma, o matrimônio transforma-se no espaço de realização de expectativas amorosas e promessa de felicidade, sendo assim valorado pelo ideal do amor romântico. O ideal do amor romântico surge na literatura através das canções dos trovadores, mais conhecido como amor cortês, tinha por modelo o cavaleiro que honrava a bela dama e fazia dela sua inspiração, símbolo de toda beleza e perfeição que o incentivava a ser nobre e refinado. Caracterizando o amor como a adoração ou paixão de um homem ou de uma mulher que representasse a perfeição, investido simbolicamente como único e eterno.

Gomes (2003) aponta que o amor romântico abriu espaço para a união conjugal institucional associada à união amorosa por livre escolha.

Para Áries (1987) é o ideal do amor romântico que abre a possibilidade para o divórcio, sendo a separação, uma sanção natural a um sentimento que não deve durar para sempre e desta forma deve dar lugar ao sentimento seguinte. Entretanto, a modernidade ainda trazia consigo o modelo patriarcal de casamento, em que a mulher deve manter-se fiel ao homem e dedicada à criação dos filhos, em um modelo de submissão social e econômica do feminino. É com a revolução feminina e o desenvolvimento de métodos contraceptivos, que o casamento passa a ser uma instituição questionada, provocando o surgimento de alternativas ao modelo tradicional patriarcal.

Com o crescimento da industrialização, surge a demanda de um número maior de trabalhadores, possibilitando a entrada da mulher no mercado de trabalho, culminando em alterações sociais no papel feminino e masculino. A vida doméstica e a maternidade deixam de ser os únicos aspectos marcantes do feminino e, o masculino perde o lugar de força e poder. O advento da pílula anticoncepcional produz alterações nos costumes sexuais, permitindo a dissociação entre sexualidade e procriação. De acordo com Jablonski (2003), o movimento feminista e a entrada da mulher no mercado de trabalho proporcionaram também casamentos mais tardios, diminuição no número de filhos, a busca por igualdade de direitos e a queda da submissão à religião católica.

Esta nova organização sociocultural e econômica leva a outros modelos de casamento, muitas vezes caracterizados por uma relação igualitária entre os parceiros, a valorização do companheirismo no vínculo conjugal e a ausência de obrigação quanto à procriação, abrindo espaço a múltiplos arranjos familiares. Segundo Féres-Carneiro (2001) “o casamento contemporâneo representa uma relação de intensa significação na vida dos indivíduos, tendo em vista que envolve um alto grau de intimidade e um grande investimento afetivo.” (p. 67).

Anteriores, Goldenberg (1991) já apontava que a contemporaneidade carrega consigo um novo ideal de relacionamento conjugal, caracterizado pela igualdade dos sexos; ênfase à díade-casal; a possibilidade de decisão conjunta e planejada a respeito de ter filhos; além de, uma valorização do trabalho profissional, seja por parte do homem ou da mulher, como fonte de realização pessoal; a rejeição de vínculos formais e obrigatórios; a ausência de um padrão de moralidade; bem como, uma valorização do gozo e do prazer, não apenas sexuais.



Na atualidade o modelo tradicional de família cede lugar a múltiplos arranjos familiares, que vêm sendo aceitos e legitimados pela sociedade. Observa-se uma família contemporânea, que sofre com alto número de divórcios e a permanência de uma necessidade das pessoas em continuarem se relacionando, constituindo novas famílias, podendo esta ser nuclear, monoparental, homoparental ou recomposta. A parentalidade e a conjugalidade encontram-se dissociadas e os papéis feminino e masculino permitem diferentes variações, propiciando outros modelos familiares, como a família gerada artificialmente ou mesmo os casais sem filhos por opção (Rios, 2007). Diante deste panorama de múltiplas possibilidades busca-se compreender a decisão pelo casamento em função de um vínculo parental precoce, em suas motivações conscientes e inconscientes.

## Justificativa

Consideramos a família uma instituição que está em constante transformação. Na contemporaneidade observa-se uma família contemporânea, que sofre com alto número de divórcios e a permanência de uma necessidade das pessoas em continuarem se relacionando, constituindo novas famílias, fazendo-se assim surgir múltiplos arranjos familiares, que despertam interesse em todas as áreas das ciências humanas, sendo estudada das mais diversas formas e enfoques.

Esta dissertação se propõe a refletir acerca de um arranjo familiar comumente encontrado, a família tradicional heterossexual. Entretanto, com um enfoque nas famílias que se constituíram articulando concomitantemente duas fases importantes da história de vida familiar, a conjugalidade e a parentalidade. Estudos apontam para importância do momento em que o casal ainda não possui filhos, sendo este um período em que se constrói um vínculo conjugal satisfatório, a partir da convivência do casal, do estabelecimento de regras e distanciamento das famílias de origem.

Algumas destas pesquisas indicam que a relação e satisfação conjugal são negativamente afetadas pela parentalidade. Wilkinson (1995) e Crohan (1996) investigaram as mudanças na qualidade da relação conjugal de casais que passavam pela transição da conjugalidade para a parentalidade a partir do nascimento do primeiro filho, comparando-os a casais que não tinham filhos. Ambos os autores apontam em suas pesquisas que há um declínio na satisfação conjugal e felicidade do casal ao longo dos anos do casamento e afirmam que este declínio se torna maior em casais que passam para a parentalidade.

Cowan e cols. (1985) a partir de pesquisas demonstraram que os conflitos conjugais aumentam desde a gravidez até 18 meses após o nascimento do filho. Pittman (1994) afirma que com frequência, a diminuição da afetividade entre os casais aparece no momento da transição para a parentalidade. Em contrapartida, outros autores como Lewis (1988), constataam que não é a transição para a parentalidade em si que provoca o declínio da satisfação conjugal, mas sim a forma como cada casal se relacionava antes do nascimento do bebê. Burchinal, Cox, Paley e Payne (1999) apontam que tanto a conjugalidade quanto a parentalidade são vivenciadas de forma única em cada casal.

Considerando-se estes indícios teóricos que apontam a complexidade da transformação do casal sem filhos em uma família, bem como, a dificuldade apresentada pelos casais ao passarem de uma vinculação conjugal para uma estruturação parental, esta pesquisa pretende verificar a possibilidade da construção de um vínculo de casal satisfatório, quando o mesmo é precedido e determinado pela parentalidade, bem como o tipo de vínculo conjugal construído e o envolvimento da transmissão psíquica, tanto na relação do casal, como na precocidade da gravidez. Assim como, as motivações conscientes e inconscientes na escolha pela constituição familiar diante de uma gravidez, uma vez que a contemporaneidade abre espaço a outras formas de vinculação, como a parentalidade dissociada da conjugalidade.

Foram feitas diversas pesquisas nas bases de dados nacionais e internacionais, como Medline, SciELO, PsycINFO, BVS-Psi, Web of Science, Lilacs, entre outras, e pode-se verificar a inexistência de estudos com a população proposta por esta pesquisa. Tornando-se assim um tema original e relevante para área da Psicologia, uma vez que o estudo das relações humanas permite o desenvolvimento de novas técnicas de intervenção e tratamento para o sofrimento humano em sua vertente individual ou grupal.

## **Objetivos**

### **Geral**

Este trabalho propõe pensar a conjugalidade de casais construída precocemente pelo surgimento da vida parental, buscando compreender as repercussões desta gravidez inesperada na construção da conjugalidade.

### **Específicos**

- Debater a interferência da parentalidade exercida precocemente no estabelecimento e manutenção da conjugalidade;
- Refletir acerca da influência da transmissão psíquica, inter e transgeracional, neste tipo de formação conjugal.

## Metodologia

Esta pesquisa baseia-se no referencial metodológico da pesquisa clínico-qualitativa proposta por Turato (2008), que consiste em um refinamento do método qualitativo, onde os sentidos e as significações dos fenômenos são o foco principal do pesquisador, estes capturados por meio da escuta e da observação dos sujeitos da pesquisa. Para o autor, o método clínico-qualitativo estuda o particular em profundidade; enfatiza a diferença, o individual e a contextualização dos particulares, levando a teorias gerais que devem ser adaptáveis a cada situação; tem por propósito a compreensão, com foco na ocorrência natural dos fenômenos.

O método clínico-qualitativo valoriza os elementos psicanalíticos como ferramentas básicas de pesquisa, considerando o pesquisador um instrumento de coleta de dados, uma vez que suas percepções apreendem os fenômenos. De acordo com Turato (2008), o pesquisador divide-se em um que mescla com o objeto e outro que observa como ocorre essa mistura. Desta forma, a entrevista de pesquisa consiste em um processo interativo moldado pela articulação entre pesquisador e sujeito de pesquisa, enfatizando a transferência, contratransferência e associação de idéias.

A amostra foi delimitada a partir de critérios elaborados apropriadamente às questões de pesquisa. Sendo assim, delimitou-se uma amostragem constituída por quatro casais na faixa etária dos 25 aos 35 anos, que estavam casados legalmente ou vivendo juntos por um período mínimo de três anos e máximo de oito anos, relações estas precedidas e determinadas pela concepção do primeiro filho. A respeito do tamanho da amostra, Turato (2008) aponta que o método clínico-qualitativo não busca uma amostra estatisticamente representativa, uma vez que tem por proposta a análise em profundidade de cada caso.

A faixa etária de 25 a 35 anos foi determinada, para a amostra constituir-se em uma população adulta, devida à imensa gama de estudos já realizados sobre gravidez e conjugalidade na adolescência. O período mínimo de três anos foi escolhido, uma vez que, apesar de o código civil brasileiro não estabelecer um tempo mínimo para a união estável, é o tempo considerado pela jurisprudência. Além disto, um período de três anos de união, mesmo tendo sido instituída em função de uma gravidez, leva a acreditar que exista uma decisão em estarem juntos e constituírem uma conjugalidade. O período máximo de oito anos foi

determinado com intuito de evitar grande discrepância no tempo de vinculação conjugal estabelecido entre os casais da amostra, preconizando a formação de uma amostragem homogênea. Podendo, desta forma, amparar a investigação acerca da estruturação de uma vinculação conjugal e da qualidade da relação estabelecida.

Com o intuito de salvaguardar que as relações tenham sido precedidas e determinadas pela concepção do primeiro filho, a pesquisa delimitou o trabalho a casais que contavam com pouco tempo de convivência antes da gravidez, sendo este até dois anos. Podendo assim, buscar compreender o papel que esta gravidez ocupa no imaginário do casal, questionando a possibilidade desta criança ocupar um papel de satisfação de uma necessidade de dependência ou preenchimento de um vazio existencial, onde os pais estabelecem uma relação fusional com a mesma.

Além disso, para proporcionar maior homogeneidade à amostra, definiu-se escolher casais que tenham concluído o nível universitário e que constituam uma população não-clínica. A delimitação por uma população não-clínica acontece ainda, para evitar um viés contaminado, pois supõem-se que casais que procuram ajuda terapêutica percebem algum tipo de dificuldade no vínculo conjugal ou familiar e por meio do processo terapêutico buscam elaborações ou modificações.

Os dados foram coletados através de entrevistas, previamente autorizadas, através de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) onde os sujeitos concordam com a pesquisa, bem como, a pesquisadora compromete-se em utilizar os dados para fins científicos, conservando a identidade dos mesmos preservada. Estas entrevistas foram gravadas para maior fidedignidade das informações recolhidas e aconteceram na própria residência do casal, pois acredita-se que o local possa trazer dados relevantes ao entendimento do funcionamento conjugal. Turato (2008) aponta que o ambiente natural é o local ideal para a coleta de dados, uma vez que a configuração ambiental engloba e preserva as características e relações do indivíduo.

As entrevistas foram realizadas com o casal conjuntamente, com objetivo de observar a dinâmica relacional dos sujeitos. Rios (2007) aponta que a utilização de entrevistas em conjunto permite não apenas um alcance informativo, mas também desempenha uma função terapêutica, sendo um espaço que possibilita a reflexão acerca do fenômeno pesquisado. A entrevista em conjunto tem fornecido resultados consistentes no estudo de famílias e suas relações conjugais, como observado nas pesquisas realizadas por Paiva (2003, 2009).

Para coleta dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semi-dirigida (Anexo B), que abordou: dados sobre a dinâmica do casal e histórico da família nuclear; a história da família de origem de cada um dos cônjuges, incluindo três gerações, período considerado importante para o entendimento dos vínculos familiares e possíveis conteúdos transmitidos geracionalmente. (Burd, Baptista, 2004). O modelo de entrevista semi-dirigida foi escolhido, por constituir-se como um instrumento de conhecimento interpessoal rico para coleta de dados, possibilitando que o sujeito de pesquisa associe temas particulares ao assunto geral proposto pelo pesquisador (Turato, 2008). Podendo, desta forma, apontar dados expressivos sobre o funcionamento do casal, o tipo de conjugalidade e as interferências da transmissão psíquica.

### Seleção da amostra

Para estabelecer contato com os casais foi distribuído através de meios digitais um convite de pesquisa (Anexo C). Este convite trazia dados gerais sobre os objetivos de pesquisa e delimitação da amostra. Considerou-se pertinente, neste momento, a não divulgação completa da delimitação da amostra, uma vez que a mesma conta com diversos critérios de seleção. Posteriormente ao primeiro contato realizado por parte dos sujeitos interessados foi verificado o enquadre completo aos critérios de seleção.

Em resposta ao convite, vários casais entraram em contato demonstrando interesse em participar da pesquisa, entretanto, foi realizada uma confirmação prévia dos critérios de escolha dos sujeitos, observando-se a impossibilidade de muitos deles em participar. A respeito dos casais que respondiam a todos os critérios de seleção da amostra, houveram algumas desistências, parte delas justificada pela ausência de interesse de um dos integrantes do casal, outras, por questões descritas como dificuldades relacionadas ao vínculo conjugal. O que nos leva a pensar acerca dos aspectos concernentes ao vínculo conjugal aqui estudado, indicando certa fragilidade e impossibilidade de pensar a respeito do mesmo. Ainda, observa-se a dificuldade de constituição de uma amostra, quando a mesma conta com a presença dos dois sujeitos que constituem o casal.

Cabe ressaltar, que mesmo com a confirmação dos critérios de escolha dos casais, durante a realização das entrevistas, verificou-se inconsistência das informações fornecidas, culminando na não utilização de todas as entrevistas realizadas. Foram efetuadas nove entrevistas, sendo utilizada apenas quatro na constituição da amostra. Das outras cinco, em duas houve incompatibilidade quanto à faixa etária relatada pelos sujeitos; em outras duas, o tempo de relacionamento estabelecido entre o casal antes da gravidez ultrapassava o período de dois anos delimitado para amostragem; e em uma outra, o casal, mesmo recebendo a pesquisadora em sua casa, não respondeu à entrevista, permanecendo o tempo todo assistindo televisão e oferecendo à mesma respostas difusas e sem aprofundamento. Neste último caso, acredita-se que não responder à entrevista possa apontar uma dificuldade de aprofundamento no vínculo conjugal.

Para agendamento da entrevista foi orientado apenas a necessidade imprescindível da presença de ambos os indivíduos que compõe o casal, sem direcionamento quanto à presença ou não dos filhos ou de terceiros, considerando-se que dados da dinâmica familiar e conjugal possam ser verificados através da organização definida pelo casal para o momento reservado à entrevista.

### Forma de análise dos resultados

Para análise dos resultados foi feita a transcrição literal das fitas de entrevista com o casal. A partir disto, foi realizado um levantamento dos principais tópicos abordados, buscando estabelecer o histórico de construção da relação conjugal; momentos pontuais desta relação, como a descoberta da gravidez, a decisão pelo casamento, entre outros particulares a cada caso; bem como, o histórico das famílias de origem e dados transferenciais e contratransferenciais da entrevista. Os tópicos foram determinados com objetivo de esclarecer o estabelecimento do vínculo conjugal, suas formas de vinculação, a presença e resolução de conflitos e os conteúdos transmitidos pelas gerações<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> As entrevistas não estão anexadas à dissertação, por representarem, juntas, cento e trinta páginas datilografadas em espaçamento simples, fonte Times New Roman, tamanho 12.



A análise dos dados será feita de forma qualitativa, a partir de raciocínio clínico, baseado no referencial psicanalítico, tendo como representante Freud com uma psicanálise voltada para compreensão dos processos intrapsíquicos. Mas especificamente a pesquisa tratará os dados à luz da Psicanálise de Família e Casal que tem como principais representantes autores como Eiguer, Kães, entre outros.

### Análise dos aspectos éticos

Precedendo a realização desta pesquisa, o projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos para devida aprovação. Esta pesquisa ancora-se nos quatro princípios básicos em bioética do Instituto Kennedy em Ética, descritos por Turato (2008) em seu livro “Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa”. O primeiro princípio, a autonomia, refere-se à participação voluntária dos sujeitos, sem coerção institucional ou psicológica, resguardando o direito dos mesmos a obterem as informações adequadas quanto aos objetivos, procedimentos e divulgação dos resultados obtidos. Como segundo princípio, considera-se a beneficência, definindo a obrigação moral da pesquisa de agir em benefício dos outros. Em seguida, a não-maleficência, isso é, a obrigação de não infligir danos intencionais ao entrevistado, garantindo, desta forma, “... a não invasão da privacidade, a não mobilização emocional de elementos traumáticos e a preservação do anonimato...” (p. 598). Quarto, a justiça, lidando com os sujeitos de pesquisa, de forma justa e apropriada.

## Relato das Entrevistas

### Casal 1 – André e Vanessa

André<sup>2</sup> – 30 anos

Vanessa – 30 anos

Ivan – 8 anos

Bruno – 2 anos

#### Primeiro Contato com o Casal

Vanessa respondeu o convite de pesquisa enviado para seu e-mail demonstrando disponibilidade em participar da pesquisa. Foi realizado por parte da pesquisadora um contato telefônico, para conferir dados de enquadre na pesquisa e fornecer explicações sobre a realização da entrevista. Vanessa demonstrou-se solícita, confirmando a participação do casal e explicando que verificaria os horários disponíveis de seu marido. A mesma encaminhou um e-mail com os horários disponíveis, desta vez com o marido em cópia. Este contato se deu de maneira rápida, contando 10 dias entre o primeiro contato via e-mail e a realização da entrevista.

Ao chegar à residência do casal, ambos tomavam café da manhã juntamente com o filho mais velho, a pesquisadora foi convidada a se juntar a eles. Em conversa inicial, relataram um pouco sobre a escola de Ivan, o que fez com que o mesmo interagisse com a pesquisadora, mostrando alguns instrumentos musicais que tocava. Em seguida, falaram um pouco sobre o Bruno, dizendo que ele é uma criança um pouco “birrenta”, que exigia atenção,

---

<sup>2</sup> Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa.

até que o mesmo acordou. O pai foi ao quarto buscá-lo e chegando à sala Bruno se inclinou para o colo da mãe. Após terminarem o café, o casal encaminha as crianças para o escritório, solicitando que brinquem no computador enquanto conversam com a pesquisadora. O Termo de Consentimento é lido e devidamente assinado, a pesquisadora fornece informações sobre a gravação e inicia-se a entrevista.

### Histórico do casal

André e Vanessa descobrem a gravidez um ano e quatro meses após o dia em que se conheceram. O casamento acontece aos seis meses de gravidez, totalizando um ano e dez meses de relacionamento. Após um ano e três meses de casamento, devido às brigas constantes do casal em relação às prioridades e interesses familiares, resolveram se separar. A separação durou cerca de um ano e meio, após sete meses da retomada do vínculo o casal engravida do segundo filho.

### Início da relação

André e Vanessa estão juntos há dez anos e se conheceram em uma festa de um amigo em comum. André afirma que antes da festa, havia visto uma foto deste mesmo amigo com Vanessa e demonstrou-se interessado pela mesma. Durante a festa, apenas conversaram, dias depois André busca o número de telefone de Vanessa com o amigo e a convida para sair. Vanessa relata que se encontraram algumas vezes e logo depois começaram a namorar. Cerca de um ano e dez meses após o início do namoro Vanessa engravida. Ambos apontam que o relacionamento não era muito “sério”, pois ainda eram muito jovens, afirmam que gostavam um do outro, mas “era um namoro tranquilo, namoro de fim de semana”.

### Descoberta da gravidez

André, recém formado, estava em seu primeiro emprego, morava com a mãe e uma de suas irmãs. Vanessa cursava a faculdade, estagiava em uma empresa e morava com uma amiga. André conta que foi um “choque” muito grande descobrir que seria pai, “Fiquei congelado quando recebi a notícia... Acabou toda aquela farra, bar, balada, chegar em casa à noite... Essa notícia, sem estar preparado, parar com a diversão, é complicado. Teria que mudar tudo de repente”. Complementa dizendo que acredita que para a esposa não tenha sido da mesma forma “Não sei se para ela foi um choque não?!”.

Vanessa afirma que naquele momento, receber a notícia de que estava grávida foi sim muito chocante, “Naquela época, exatamente no momento que fiquei grávida, eu queria trabalhar, queria estudar e não queria que houvesse interferências familiares desse nível, eu não queria mesmo, foi um choque... Mas por outro lado, lá em casa a gente tem uma escuta muito aberta a qualquer realidade, tanto que, eu tinha a realidade de fazer um aborto, a minha família me apoiaria. Minha mãe é feminista e perguntou ‘a primeira coisa que a gente tem que decidir é se você vai ou não ter o bebê’, pensei ‘bom, é uma escolha minha, mas vou encarar’. Só que não foi fácil, eu achava que a gravidez não ia ajudar eu a evoluir nesses planos, eu sempre fui muito além, tinha que pensar dez anos à frente. Então foi muito difícil, eu tive que desconstruir tudo isso e começar a viver um dia depois do outro, isso foi um fato bem complicado. E o André também nunca propôs o aborto”.

André aponta “Eu não queria que ela tirasse. Já que aconteceu, eu fiquei dentro... E eu também tinha a programação assim, para dois dias, qual seria a próxima balada, que também foi quebrada”.

### Decisão pelo casamento

Vanessa relata que após a notícia da gravidez, sua decisão era ter o bebê apenas e continuar morando no apartamento que habitava com sua amiga. Seriam apenas pais e não um casal, entretanto, afirma: “Aí o André propôs que a gente morasse junto, só que eu achei nada a ver, mas aí ele insistiu, falou que ia ser bacana, porque aí eu ia ter uma família, porque ele queria estar presente. Também, estava difícil entender a gravidez... Eu achei que fosse ter um piripaque, essa questão da estabilidade mesmo financeira, eu não sabia o que ia ser... E ele queria que eu mudasse tudo, ia ser o maior problema. Achei que não ia ser muito bom, mas também, como eu estava muito frágil, sensível, achando que estava tudo errado, a gente fica meio assim, acabei aceitando”. André complementa a fala da esposa dizendo “É ao contrário, a mulher quer casar e o homem não quer, quer fugir, aqui parece que foi ao contrário, foi ela que me engravidou”. Continuando, Vanessa afirma “É, ele que estava com o lance de família na cabeça, eu não, sabe, para mim era só um bebê”.

Uma vez que André estava disposto a morar junto e ela não queria se mudar, Vanessa foi aconselhada pela mãe a propor o casamento, com intuito de afugentá-lo. Entretanto, André aceitou a proposta. Emocionado André afirma: “Já que aconteceu mesmo, então vamos casar. Vamos morar juntos, vamos criar, vamos tomar uma decisão para frente. Porque lá na minha família, meu pai se separou da minha mãe e não por causa dele, mas eu não queria que tivesse a mesma história, tivesse um filho e ficasse separado”.

Quando questionados sobre a interferência da gravidez na decisão pelo casamento André relata que até o momento da descoberta da gravidez não tinha como objetivo em sua vida estabelecer uma relação conjugal. Complementa afirmando que seu pensamento era “Vamos viver na festa até o resto da vida, não vou ter filhos nunca, porque quem tem filho é careta”. Vanessa diz: “Se não tivesse isso, a gente talvez tivesse continuado junto, mas não casado. Nos meus planos de dez anos não tinha casamento”.

### Primeiros anos de casamento

Desta forma, o casal iniciou uma busca por apartamento, algo que fosse próximo ao trabalho dos dois, de forma a facilitar os cuidados com o bebê. Ambos afirmam que foi um

período difícil, pois apresentavam divergências quanto às expectativas. Ela buscava algo barato, que pudesse condizer com o orçamento financeiro dos dois, ele não se preocupava tanto com a questão financeira, mas sim desejava um apartamento confortável e amplo. Somente aos seis meses de gravidez conseguiram entrar em acordo optando por um apartamento menor, de um quarto, que pudessem arcar financeiramente. Casaram-se e foram morar juntos, dois meses depois Ivan nasceu e a mãe de Vanessa juntou-se ao casal para auxiliar nos cuidados com o bebê.

Vanessa afirma que o casal começou a ter atrito após o nascimento de Ivan, pois ela estava preocupada com o dia a dia familiar e os cuidados com o bebê, enquanto ele fazia planos futuros para a carreira e para a família, como economizar dinheiro para comprar uma casa. André diz: “Agora assim, minha preocupação inverteu com a dela, era completamente invertida. Ela tinha planos de carreira, de vida, a minha era o tempo de balada e tal. Aí quando veio o bebê, a minha mudou para dez anos, o que a gente iria fazer”. Além disso, o orçamento financeiro era pequeno diante dos gastos para manutenção familiar e cuidados do bebê. Desta forma, André propôs que fossem morar no andar de cima da casa da mãe dele, que segundo ambos é bastante espaçosa, Vanessa conta que não queria, mas como “era para o bem comum” aceitou.

Neste momento, segundo Vanessa, os conflitos aumentaram, “Lá, ele se sentiu mais a vontade eu acho, porque enfim, a dificuldade do aluguel. A gente dividia as contas, então ficou tudo mais leve e aí começou a aparecer carro equipado, celular novo”. André complementa “É, porque eu voltei para minha zona de conforto. No estado de filhinho da mamãe que trouxe um netinho para mamãe e então eu ‘ah, beleza, ta tudo certinho’. Aquela responsabilidade que eu tinha cortou, você vem para o ser filho de novo... Os planos que eu tinha feito eu desfiz, então tudo que eu tinha proposto lá na frente eu invertei e foi aí quando apareceram os problemas... Comecei a gastar não só com celular novo, carro, comecei a sair também e deixar ela em casa”.

Vanessa afirma: “Eu tentei mostrar isso para ele. Tentei falar ‘olha, isso não está legal, eu tenho vergonha de abrir a geladeira da sua mãe, eu estou aqui porque a gente falou que ia juntar dinheiro, eu agüentaria se a gente estivesse juntando dinheiro, mas a gente está gastando’, mas então ele não entendeu, não viu. E não teve jeito, a gente se separou”.

## Separação

A separação aconteceu após um ano e três meses que estavam casados. Devido às brigas constantes e desentendimentos em relação aos planos familiares, Vanessa retirou seus pertences da casa da sogra e foi morar em um apartamento de dois quartos alugado em uma localização distante, comenta “Eu sozinha consegui um apartamento de dois quartos, viu como ele era chato”. Vanessa conta que André ficou com muito “ódio” dela devido à saída dela da casa da sogra e não queria contato com ela ou os amigos em comum. André se defende dizendo “É, um pouquinho, porque olha a minha cabeça ‘se eu trouxe você para casa para gente economizar’, esquece a parte que eu estava gastando. ‘Trouxe você e meu filho para casa para gente economizar, para gente poder ter uma vida lá pra frente. Você não está feliz e vai embora, deixa a gente, me deixa a ver navios assim. Vai para um lugar, para pagar de novo, para morar longe de novo, poxa, então você não está andando comigo””.

Sobre o período da separação, Vanessa relata que foi extremamente complicado “Por conta desta distância, tinha muita coisa para gente decidir, juntos assim, para mim era sério. Então, eu ia ficar meio que coordenando o dia a dia dele (Ivan), então eu tinha que falar para ele (André) tudo. E ele não queria saber, não queria saber mesmo... A minha relação estava péssima. Nossa, era super complicado conversar qualquer coisa.”. Neste momento, Ivan ficou doente, indo recorrentemente ao hospital tratar pneumonias e problemas respiratórios, Vanessa conta “Aí o Ivan ficou doente, nossa, foi terrível né amor?! Ele tinha, ele tem uma doença, que a gente não sabia na época, ele ficava muito doente, com várias pneumonias, tal. E a gente ainda, nessa bagunça toda, nossa era muito pior. E aí teve um dia que ele ficou doente de novo e o André chegou a colocar a culpa em mim e aí foi aquela lavagem de roupa suja no hospital que ele ficava tratando. E aí ele discutiu comigo no hospital, era assim o nível da relação... Então era muito complicado”.

Vanessa conta que além das dificuldades de comunicação, André era relapso com os cuidados em relação ao filho, por vezes desmarcando os encontros com o filho, ou então nos finais de semana pré-determinados para cuidar do filho, André deixava Ivan com a avó e saía com os amigos. André não discorda e diz “Cachorro, canalha, irresponsável, todos os adjetivos que eu podia ter”.

## Reconciliação

A reconciliação aconteceu depois de um ano e meio da separação. Vanessa conta que depois que Ivan melhorou, muitas coisas precisavam ser resolvidas, pois ele tinha que mudar de escola, precisava de uma babá para ajudá-la, entre outras coisas. “Depois que o Ivan melhorou... Aí começou um monte de etapa complicada, mas eu falei não, vou ter que voltar a falar com esse ser aqui, que a gente tem que decidir um monte de coisa do Ivan... Aí eu fui insistindo, sabe não, vamos conversar... E aí fui insistindo, insistindo e aí a gente começou a ter uma relação amigável de novo, dava pra conversar, dava para discutir algumas coisas. Aí a gente começou a se falar mais pela internet, que eu trabalhava com computador, ele também e ficava mais fácil, então eu mandava recadinho também e aí a gente começou a conversar fora o Ivan, né, assim, bobagens da vida. Aí um dia a gente se encontrou em uma balada que eu fui com uma amiga e ele foi também”.

Vanessa conta que no dia seguinte desta festa seria o dia de André pegar Ivan para passarem o final de semana juntos, então ao final da festa, ela pediu a André que a levasse para casa, pois desta forma, ele encontraria o filho mais cedo, podendo aproveitar mais tempo com o mesmo. André aceitou, chegaram a sua casa ainda de madrugada, então ela propôs que tomassem um café enquanto esperavam Ivan acordar. Vanessa conta “Daí a gente conversou normal e pintou um clima assim... Mas assim, a gente não ficou nem nada, ele pegou o Ivan, mas a gente se falou com mais frequência e de forma mais natural e estava menos doído. Algo bom para o Ivan, porque eu achava que era isso que a gente tinha que ter como elo”.

André complementa dizendo que voltou para casa pensando: “Acho que a gente pode tentar uma reconciliação, tanto por nós mesmos, pelos filhos, pelo Ivan. Porque quando a gente está perto, ele começa a falar dela e quando estava perto dela, ele falava um pouco de mim e em nenhum momento, quando eu estava perto dele falava mal dela e ela nunca falou também”. Entretanto aponta: “Só que tinha um problema. Ela estava namorando e eu também na época”.

Vanessa afirma que neste momento resolveu conversar sobre a idéia de reconciliação, André aponta: “Parecia um encontro de negócios, não parecia um relacionamento. Pegou um papel assim e sentou na mesa: ‘por favor, experiência, o senhor adquiriu alguma neste



decorrer do tempo?’. E eu: ‘ah não’”. Vanessa se defende dizendo “É porque assim, eu falei ‘oh, até gente pode voltar’, mas eu não queria casamento de novo, eu achava que não ia rolar, porque a gente teria que tentar outra coisa, aquilo não ia dar certo. E eu falei ‘então, certas coisas, a gente vai ter que resolver’, então assim, algumas coisinhas, eu pedi ‘você conseguiria fazer isso?’, ‘você aceita fazer isso?’ e ele ‘ah não, tudo bem e tal’ e aí a gente começou a ver os problemas que a gente teve e ele me pediu também algumas coisas, ‘ah, você tem que falar menos’, não consigo até hoje”.

Nesta conversa, Vanessa afirma que estruturaram um relacionamento e decidiram terminar as relações anteriores para ficarem juntos. Entretanto estava decidido que não morariam na mesma casa, apenas namorariam. Porém, a mãe de André decidiu vender a casa em que moravam e o mesmo resolveu que não iria se mudar com a mãe e a irmã. Em busca de um lugar para morar com os amigos pediu a Vanessa que o deixasse ficar em sua casa por alguns dias, dias estes que duram até hoje, “Ele dizia que ia morar com os amigos, só que não rolava, não rolava, ‘Ah, Van, posso ficar posso ficar um pouquinho?’ Está até hoje”.

### Retomada do casamento

Após um período que André já estava morando na casa de Vanessa, ambos decidem retomar o casamento e alugar um apartamento maior para os dois, Vanessa afirma “Aí a gente conseguiu finalmente fazer planos juntos, caminhar juntos. Assim, então agora a gente vai trabalhar, não quer morar de aluguel, vai juntar dinheiro pra comprar”. André complementa a esposa dizendo: “Aí sim parecia aquele plano inicial, que estava tudo no papel... A gente alugou um apartamento, a gente cuidou do Ivan, porque eu estava perto do trabalho dela, já tinha como pegar ela mais fácil e voltar do trabalho para casa. Aí juntava, pagava aluguel, pagava as contas e estava indo bem assim, a gente tinha as nossas discussões, mas estava muito melhor do que antes”.

Sobre a separação Vanessa afirma que aconteceu “por livre e espontânea vontade, a gente não tinha consultado nenhum advogado, mas dali a três meses, ele já me levou a separação, dizendo ‘assina aqui’”. Um tempo depois de retomado o vínculo, devido a uma

documentação que Vanessa precisava para seu trabalho, descobriram que a separação não estava homologada, sendo assim, haviam permanecido casados durante toda a relação. Em determinado momento da entrevista, André faz referências aos papéis da separação, afirmando que o casal os mantém guardados até o presente momento e explica: “A gente também é separado, então é fácil para mim e para ela também, quando a gente briga, ‘eu quero a separação’ e o outro ‘ah, mas você tem’”, complementa sua explicação dizendo que o inverso também é verdadeiro, quando o casal está bem, consideram-se casados.

Sobre o nascimento do segundo filho André afirma que não queria, que costumava dizer “Chega, o Ivan dá muito trabalho, vai ser filho único para sempre”, porém, relata que a esposa demonstrava vontade de ter outro filho e sua mãe também sempre apontava que seria importante para o Ivan ter um irmão. Vanessa explica que quando retomaram a relação “a gente tinha essa, de estruturar de uma forma adequada. Então eu trabalhava perto da escolhinha do Ivan, estava muito próxima, isso dava uma tranquilizada. Só que ainda não era o suficiente, a gente sabia que ele tinha alguma necessidade extra, que não rolava numa escola padrão... Ele é um menino mais sensível, que não é de disputa, não é aquele menino mais agressivo. Então a gente percebeu que não era o lugar dele, aí colocamos ele na escola nova. Mas na escola nova é meio período, eu trabalhava período integral, o André também. Aí eu falei ‘não, vamos decidir que eu não quero mais trabalhar período integral’”.

O casal então se estruturou financeiramente para que Vanessa pudesse trabalhar apenas meio período fora de casa, podendo assim, ocupar-se dos cuidados com o filho, em seguida, mudaram Ivan de escola. Vanessa continua, explicando em relação à nova escola, “E lá eles tem uma proposta de ter mais filhos, eles acham que ser o filho único não é o mais adequado para a criança... Aí como a gente estava lá e foi tudo tão bacana, eu fiquei mais voltada para o Ivan, assim, tinha tempo, tomava café com ele à tarde, sabe, ver ele crescer, então pensei ‘ah, acho que agora dá, porque eu estou em casa’. Mas aí, tinha que convencer o André e ele já falou não, mas aí eu fui falando, falando, só mais um né, para ele não ficar sozinho, mas ele não queria, mas também já começou a não falar tanto”. A gravidez acabou acontecendo, o casal afirma que foi antes do esperado, pois pretendiam mudarem de apartamento, entretanto, Vanessa explica: “a vontade foi maior”. Seis meses após o nascimento de Bruno, o casal consegue comprar seu apartamento e se mudam.

## Relacionamento conjugal

Sobre os conflitos do casal, André afirma que nos primeiros anos de casamento, eles apresentavam “incompatibilidade de pensamento”, o que dificultava a convivência diária, uma vez que cada um almejava coisas diferentes para o estilo de vida familiar. Vanessa afirma que os conflitos após a reconciliação do casal eram de ordem diferente, tinham problemas de entendimento em relação ao que o outro apontava. Relata que André entendia todos seus pedidos como uma “cobrança”.

Vanessa ainda relembra que cerca de dois anos após a reconciliação do casal, houve um desentendimento complicado a seu ver. Ela estava grávida do segundo filho e descobriu que André trocava e-mails com a antiga namorada, do período da separação. André então se propõe a explicar o acontecimento, “Bom é assim a gente estava tendo todos esses eventos rotineiros. Só que eu vivia antes nos outros relacionamentos, aquela coisa linda, porque era namoro, então só via de final de semana e voltava a trabalhar. Então não tinha discussão, tipo essas discussões de dinheiro, filho, casa, tal. Só que eu queria viver aquela coisa linear, suave e não tinha isso, então eu comecei a confundir as coisas”.

Vanessa afirma que foi uma sensação “horrível”, pois se sentiu traída, relata que conversou com sua mãe e irmã e resolveu pedir a ele que decidisse com quem queria ficar. André continua dizendo: “Aí eu parei tudo assim. Porque também eu pensei, que se a gente se separasse para eu ficar com ela, ia acontecer a mesma coisa, não existe essa coisa platônica de nunca tem nenhum problema, ser aquela coisa lindinha, você pode estar com a pessoa perfeita do seu lado, vocês vão ter um problema e por menor que seja... Aí a gente separou e voltou de novo neste curto período, mas foi mais tempo a reconciliação depois disso. Eu tinha que chegar nela de novo, tive que reconquistá-la novamente. A confiança se perdeu uma vez, um abraço”. Vanessa concorda dizendo que estava muito magoada e então realmente exigia algumas coisas do marido, André então afirma “foi difícil assim, eu tinha todo dia que provar”.

Em relação à resolução dos conflitos, o casal afirma que procura conversar. Relembrem que a última conversa que tiveram sobre o relacionamento, foi há cerca de seis meses atrás, em função de perceberem que, por vezes, um deles tinha atitudes para “se vingar” do outro quando estava magoado, então resolveram conversar. Vanessa conta “Aí a

última conversa que a gente teve, eu falei ‘vamos partir da idéia, que assim, nós estamos juntos porque nos gostamos, então a gente não quer magoar um ao outro, então a gente parte deste pressuposto. Então se ficar chateada com alguma coisa que você fez, antes eu vou pensar não quer me magoar, então eu vou tentar entender o porquê’”. Relata que isso ajudou muito a relação dos dois, tornando as discussões mais “leves”.

André concorda dizendo: “É, acho que foi a opção de ficar ausente de competição, pelo menos para mim”. Relatam que isso facilitou o relacionamento, juntamente com a idéia de que são diferentes e precisam compreender a diferença um do outro. André afirma que a esposa é por vezes grossa, que procura compreender que ela não está sendo grosseira, mas seria apenas o jeito dela. Vanessa complementa “eu também tenho que entender que eu não preciso ser desse jeito, que eu posso manejar”. André assume que por vezes anda em círculos tentando pedir algo a esposa, pois teme magoá-la e que atualmente tem procurado se policiar para ser mais direto. Ambos apontam que estas diferenças são sentidas e usadas pelo filho mais velho, como forma de obter o que deseja, sendo este outro motivo para criarem acordos, buscando um funcionamento menos conflituoso.

O casal afirma que acredita que o mais importante para a construção e manutenção do vínculo conjugal é a capacidade de comunicação e a possibilidade de criar acordos entre eles. Vanessa ao falar do momento da separação afirma: “A hora que eu me separei, falei ‘agora é para sempre’ adorei morar sozinha sabe. Sabia o que eu tinha que fazer no dia a dia e não tinha que depender de outra pessoa, é mais difícil, eu acho que casamento para mim é difícil por causa disso, a gente não sabe, eu não sei o que que ele está afim de fazer hoje e se eu estiver afim de arrumar a casa e ele não, aí eu vou ter que conversar sobre isso, convencer ele a me ajudar ou não. Então é tudo mais complicado”, André concorda e afirma que é preciso entrar em acordos.

Relatam terem pouco tempo para o casal, sendo que desde o nascimento do segundo filho apenas uma noite saíram sozinhos, Vanessa explica: “A gente foi no cinema uma vez sem eles sim. A gente deixou na sua mãe e foi no cinema e voltou correndo... É que assim, o Bruno é um neném ainda, vai fazer dois anos, ele ainda exige muito da gente, pai e mãe... Quer ficar com a gente ainda”.

Sobre planos futuros, o casal aponta que determinaram um planejamento para mudarem do Brasil, dentro de cinco anos. Vanessa afirma que estão “Cansados um pouco dessa nossa cultura. A cultura de dar um jeitinho”, André complementa “A gente vai fazer

com que os filhos não façam parte disso e cresçam num lugar em que isso não exista, ou mínimo”.

Em relação às interferências das famílias de origem no relacionamento conjugal e familiar André afirma que em relação à sua família, nunca interferiram “de uma forma agressiva, mas de outra forma que incomodava bastante”. Vanessa complementa “É, ela ficava falando um monte de coisas que eu achava que ela num era exemplo para falar. Se fosse a minha mãe falando exatamente a mesma coisa, eu já aceitaria de forma diferente. Porque assim, o pai dele saiu de casa, meio que abandonou eles e ela dizia ‘não, se você fizer assim, você vai conseguir dobrar ele’ e eu pensava ‘ué, nem ela dobrou o marido dela, ela quer que eu dobre ele’. Ainda, ela se preocupava muito com o que os outros iam pensar”. Em relação à família de Vanessa, ambos afirmam que não há interferências.

#### Histórico da família de origem – André

André afirma que não tem informações sobre seus avós, que os conheceu muito pouco, tanto os paternos quanto maternos. Sobre seus avós maternos, relata que a avó morava no interior do Nordeste e quando a conheceu já era separada de seu avô. De acordo com sua mãe, eles se separaram, pois seu avô tinha muitas mulheres. A respeito dos avós paternos, “Minha avó também é separada desde sempre. Pelo menos foi o que me disseram, ela bebia demais e acabou se unindo a um companheiro que tinha um bar”.

Em relação aos pais, André conta que seus pais moravam no interior de São Paulo, quando sua mãe teve problemas para consertar algo em sua casa e seu pai foi até lá consertar, dando início à relação. Logo se mudaram para capital, onde construíram sua casa, após três anos de relacionamento sua mãe engravidou dele (André) e logo em seguida de sua irmã mais nova. Afirma que sua mãe era solteira e tinha uma filha de um relacionamento anterior, sobre seu pai diz: “Ele tinha um monte de mulheres”.

A respeito da história de seus pais afirma: “Aí foi indo. Só que aí eu fui crescendo, minha mãe foi ficando muito triste. E aí ele tinha na verdade o que eu tive, de viver a vida enlouquecidamente até os 70 anos. Só que ele não se tocou, que ele estava perdendo a

família aos pouquinhos, porque ele não ficava em casa, ele só saía, ficava com os amigos e tal”. Conta que seu pai saiu de casa quando ele era adolescente e comenta emocionado: “A história de casar, voltar e separar de novo, parece, eu li um livro chamado ‘não dito’ alguma coisa assim, dessas coisas que são passadas de pai e mãe e que você acaba fazendo de novo. Dessa separação, se ele se separar, você também vai se separar uma hora ou outra na vida. Eu falei putz, aí eu fiquei com isso na cabeça ‘eu não vou me separar, eu vou ter filho, uma família’, porque não tinha... Não, só a parte da separação, porque ali, conciliou, porque ele também teria o mesmo pensamento que eu, de não assumir a responsabilidade e depois eu... Tem essa experiência, da família dele mesmo e ele acaba fazendo a mesma coisa. Aí chegou uma hora que eu falei ‘pô’, eu olhei para trás, ‘ah, não, não vou fazer igual a ele não, não é o que eu quero’”. E aponta para Vanessa dizendo que a história dela também tem semelhanças com a história de sua mãe.

Atualmente sua mãe mora com a irmã mais nova, a irmã mais velha é casada, tem dois filhos e mora no exterior.

#### Histórico da família de origem – Vanessa

Vanessa relata não ter conhecimento sobre como seus avós maternos se conheceram, mas que foram para a capital em busca de trabalho, “Eles devem ter se conhecido nessas andanças da vida”, tiveram sete filhos e depois de um tempo se casaram. Conta que seu avô era muito violento com os filhos, mas que a avó não o enfrentava, apenas cuidava dos filhos depois de apanharem. Sobre o relacionamento dos dois diz: “Ele vivia elogiando ela e ela vivia reclamando dele. Mas eu nunca vi os dois terem algum tipo de contato físico, no máximo uma mão no ombro”, relata que permaneceram casados até a morte de seu avô.

Seus avós paternos se conheceram no Nordeste, onde foram prometidos um ao outro, tiveram doze filhos no total, sua avó era dona de casa e seu avô trabalhava para o sustento da família, “minha avó reclamava muito do meu avô, mas ela fazia tudo para ele, desde por a comida no prato, até cobri-lo ao se deitar... Eles mal se falavam. Acho que nunca presenciei

eles conversando... Meu pai comenta que meu avô era bem difícil”. Conta que também permaneceram casados até a morte de seu avô.

Sobre a história de seus pais, Vanessa diz que seus pais eram vizinhos e seu pai era amigo de escola de uma de suas tias. Afirma que eles se conheceram no colégio e começaram a namorar, passaram dois meses apenas segurando nas mãos, para depois poderem se beijar. Logo no início do namoro sua mãe engravidou de seu irmão mais velho. Relata que sua avó preocupada com a “moral” pediu que ela fizesse um aborto, mas sua mãe se recusou. Sendo assim, seu avô obrigou seu pai a se casar. Em seguida tiveram mais três filhos, uma menina, Vanessa e outro menino.

Descreve seu pai como uma pessoa muito “sossegada”, dizendo que o mesmo não queria que sua mãe trabalhasse para cuidar do filho, mas também não ajudava financeiramente no sustento da casa. Sendo assim, “Minha mãe teve que assumir todo esse lado e teve que começar a trabalhar”. Afirma também, que seu pai era muito romântico e que a primeira briga que tiveram como casal foi por volta de seus cinco anos, quando sua mãe saiu de casa, pois ele era um pai muito bravo. Conta que seu pai insistiu muito para reatar o relacionamento, até que sua mãe cedeu. Entretanto a relação não funcionou como esperada e eles se separaram quando ela ainda era adolescente. Vanessa arremata dizendo “Então assim, até por isso, que eu não pensava que a gente era obrigado a casar quando engravidou, mas enfim... Pensando no que o André falou, até que a história com a minha mãe é parecida, não tinha percebido isso antes”.

### Contato Final

Ao final da entrevista Vanessa questiona se a gravação será digitada, a pesquisadora afirma que sim, mas que os dados são sigilosos, ela então afirma “Ah, não, a gente já passou da fase de ter vergonha. Hoje a gente gosta da nossa história”. Em seguida, questionam a escolha por parte da pesquisadora por casais que engravidaram antes do casamento, quando explicado sobre a inexistência de pesquisas com esta população Vanessa comenta: “Nunca

tinha pensado se para quem não é assim é mais fácil, será?! Acho que sim!”, André responde: “Ah, talvez, ou então é tão difícil quanto”.

O casal faz questão de acompanhar a pesquisadora até a portaria do prédio, junto com seus dois filhos. Ao adentrar no elevador, André direciona-se a pesquisadora e diz: “Olha, este daqui é o casamento e este a consumação” apontando respectivamente para Ivan e para Bruno. Ivan pergunta ao pai o que significa consumação e o mesmo responde “quando as coisas ficam sérias”.

### Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais

A entrevista foi realizada em uma mesa de jantar quadrada, com tampo de vidro, localizada na sala do apartamento. André e Vanessa se sentaram um em frente ao outro, deixando a pesquisadora ao meio dos dois. Durante toda a entrevista, o casal ficou harmonicamente mexendo as pernas embaixo da mesa; quando um recuava suas pernas, o outro as esticava apoiando-se na perna do primeiro. O espaço da entrevista foi ocupado em grande parte por Vanessa, que muitas vezes tomou a frente em assuntos relacionados a André, que apresentava dificuldades para ocupar devidamente seu espaço durante a entrevista.

Sendo a pesquisadora uma figura feminina que vai ao encontro de um casal, cabe ressaltar as mobilizações decorrentes deste encontro, provenientes principalmente de projeções. Vanessa estabelece uma relação de confiança imediata com a pesquisadora, enquanto André, no início do encontro, apresenta-se ansioso e desconfortável com a presença da mesma, despertando contratransferencialmente certo sentimento de desconfiança. Acredita-se que o fato da pesquisadora ser do sexo feminino facilitou a busca de conluio por parte de Vanessa, remetendo transferencialmente a entrevistadora a um lugar de proximidade e intimidade semelhante ao estabelecido por Vanessa com sua mãe.

No decorrer da entrevista, foram percebidas diversas tentativas por parte de Vanessa em formar parceria com a pesquisadora. Estas tentativas eram ainda mais evidentes nos momentos em que descrevia atitudes imaturas do marido, ou os conflitos vivenciados ao longo do relacionamento conjugal. Observou-se que Vanessa buscou conluio com a



pesquisadora, tentando denegrir a figura do marido, remetendo a entrevistadora novamente à relação de Vanessa com sua mãe, quando ambas investiam negativamente a figura paterna da mesma. Possivelmente o conhecimento intuitivo de André acerca das tentativas de conluio da esposa com a pesquisadora tenha sido fator determinante para sua desconfiança inicial.

Uma vez que as tentativas da esposa foram sendo frustradas, André sentiu-se mais à vontade para expressar seu ponto de vista, ocupando seu espaço na entrevista, enquanto Vanessa demonstrava certo desapontamento pela recusa de conluio por parte da pesquisadora. Diante da atitude imparcial da entrevistadora, o casal organizou-se de forma diferente, Vanessa passou a questionar o marido “você quer contar essa parte?” e o mesmo passou a se posicionar “agora eu vou contar o meu lado da história”, mesmo arranjo observado no movimento sincrônico de pernas embaixo da mesa.

Com relação à dinâmica entre casal durante a entrevista, observou-se que André apresentava um cuidado excessivo em relação à Vanessa, despertando na pesquisadora a sensação de estar preocupado em não magoá-la. Em contrapartida, Vanessa mostrava-se machucada pelas atitudes passadas do marido, demonstrando impossibilidade em perdoá-lo. Acredita-se que este movimento diga respeito à dinâmica conjugal, sendo a impossibilidade em perdoá-lo uma forma de garantir a continuidade do vínculo.

Durante a entrevista ocorreram algumas interferências dos dois filhos, que por vezes chamavam um dos pais ou iam até a sala solicitando atenção. Vanessa e André dividiram equilibradamente os cuidados com os mesmos, apesar de por vezes Vanessa fazer menção a um cuidado mais imaturo da parte de André em relação aos meninos. Apresento alguns momentos de interferência, com intuito de ilustrar o posicionamento dos pais acerca dos papéis ocupados pelos filhos. Ao ser chamada para resolver um conflito entre as crianças, Vanessa explica: “Oh tadinho! Tudo o Ivan faz sabe?! O Ivan nem está aqui, mas ele fez!”. Em outra ocasião, a mãe responde ao chamado de Ivan dizendo: “Pega outra cadeira Ivan e senta mais atrás que daí ele não vai se incomodar. Esse menino fresquinho!”. E o pai complementa: “Oh, é difícil! Porque você não viu ele tomando banho ainda”. Cabe ressaltar que Vanessa refere-se ao filho mais velho como “gatão” e ao marido como “gatinho”.

Acerca da disposição do apartamento, bem como, dos relatos do casal a respeito da organização do mesmo, observa-se que a moradia reflete a incipiência da relação conjugal e familiar, impossibilitando a existência de um espaço de intimidade do casal, sem a presença de terceiros. Ainda, a entrevista suscitou na pesquisadora sensação de que o foco de atenção do casal são os filhos. Com a transcrição das fitas, nota-se que o discurso do casal está envolto

pelo tema dos filhos, mesmo quando diz respeito ao relacionamento conjugal, sem nenhuma menção à individualidade do casal conjugal ou, mesmo, sua sexualidade.

Por fim, o casal mostrou-se solícito em relação à pesquisadora, inclusive refletindo acerca da indicação de outros casais. A rapidez com que atenderam ao convite de pesquisa e disponibilizaram-se a respondê-la aponta a necessidade apresentada por ambos em contar sua história a fim de, utilizando as palavras de André, consumá-la. Atenta-se ainda, para o fato de que o casal foi extremamente dinâmico ao contar seu percurso, abordando diversos assuntos sem a necessidade de questionamento prévio por parte da pesquisadora. Acredita-se que o espaço da entrevista foi de grande utilidade ao par, permitindo a retomada e reflexão acerca de sua história, possibilidade antes nunca experimentada, como dito por Vanessa ao fim do encontro: “Nossa, acho que a gente nunca tinha contado a nossa história toda assim, de uma vez só, acho que a gente nem costuma falar muito disso”.

## Casal 2 – Mateus e Adelini

Mateus – 26 anos

Adelini – 27 anos

Maria Carolina – 6 anos

### Primeiro Contato com o Casal

Adelini soube sobre a pesquisa a partir de uma amiga, autorizando a mesma que passasse seu contato telefônico à pesquisadora. Sendo assim, o primeiro contato foi realizado por telefone com Adelini, que confirmando os dados referentes ao enquadramento da pesquisa, demonstrou disponibilidade em participar, solicitando que a pesquisadora entrasse em contato novamente em alguns dias, para que conversasse com seu marido. O segundo contato telefônico foi realizado e foi Mateus quem atendeu a ligação, agendando a data da pesquisa. O processo de agendamento ocorreu rapidamente, contando com uma semana entre o primeiro contato telefônico e a realização da entrevista.

Na residência do casal, após apresentação da pesquisadora, o casal conversa sobre a filha, que estava na casa dos pais de Adelini, Mateus decide ir buscá-la antes de iniciarmos. Enquanto esperamos por Mateus, Adelini sugere que a pesquisadora sente-se indicando um sofá de dois lugares, enquanto ela se sentou na ponta de um sofá de três lugares. Enquanto esperávamos o marido retornar, Adelini comenta sobre a pessoa que os haviam indicado para a pesquisa, afirmando que estudaram juntos na faculdade e ela acompanhou toda a relação dos dois. Relata que outro dia esteve pensando que se não fosse pela filha acreditaria que os dois não teriam se casado, mas que as coisas aconteceram muito rapidamente. Mateus retorna, senta-se na outra ponta do sofá em que a esposa está e Maria Carolina posiciona-se entre os dois.

O Termo de Consentimento é lido e devidamente assinado. A pesquisadora fornece informações sobre a gravação e Adelini fala a Mateus que acha melhor a filha ficar no quarto, para que não escute a história dos dois. Ele a leva e Adelini comenta: “Acho que tem coisas que é melhor ela não ouvir”. A pesquisadora entrega o gravador na mão de Adelini, solicitando que ela o coloque próximo aos dois, ela então coloca entre o casal e damos início à entrevista.

### Histórico do casal

Mateus e Adelini engravidam um ano após o início do namoro e casam-se aos seis meses de gravidez, consolidando um casamento de seis anos.

### Início da relação

O casal se conheceu na faculdade durante o trote de calouros de Mateus. Adelini afirma: “Eu conheci ele de vista e aí eu paquerei ele, me informei para saber o nome dele... Foram minhas amigas, elas foram perguntar o nome dele, aí depois ele quis saber quem é que era. Depois que ele ficou sabendo que era eu a gente conversou e começou a ficar”. Mateus complementa “Para mim era novidade, eu tinha acabado de entrar na faculdade, acho que foi o primeiro dia ou segundo. Então tinha um barzinho, todo mundo ficava ali, do nada chegou umas meninas lá, ‘como é que você chama?’ começaram a conversar, me abordar. Aí eu quis saber quem era, me mostraram ela, aí comecei a ver ela era bonita... Começamos a sair, mas depois ela não queria, acho que ela se arrependeu”.

Adelini responde dizendo: “Não me arrependi não, é que ele era muito saidinho às vezes. No outro dia que a gente se encontrou no corredor, ele veio e me deu um beijo assim, bem perto da boca e todo mundo olhando, nossa, eu fiquei tão nervosa”. Mateus continua

dizendo “Ah, não foi nada premeditado. A gente saiu a primeira vez, saiu a segunda, aí esse dia ela brincou, ficou brava, aí que eu gostei mesmo dela... Então começamos a conversar, sair uma vez, outra, de vez em quando. Aí a gente começou a sair quase todo dia, se falava todo dia e começamos a namorar, fomos viajar juntos para praia”.

O casal afirma que depois da viagem a praia o relacionamento tornou-se mais sério. Adelini comenta que, entretanto, ela nunca foi pedida em namoro e o marido responde dizendo que não era preciso. Mateus aponta que depois da viagem à praia foi à casa de Adelini conhecer a família dela. A partir de então, dormia algumas noites na casa da namorada, deixando claro que era no quarto do irmão de Adelini. Explicam que Mateus morava em uma cidade próxima a capital, então precisava se locomover uma grande distância todos os dias para ir à aula, sendo assim, aos finais de semana vinha preparado para dormir na casa de Adelini. Após um ano de relacionamento Adelini engravidou.

#### Descoberta da gravidez

Adelini relata que devido ao atraso em seu ciclo menstrual realizou dois testes de farmácia. Diante do resultado positivo agendou um ultrassom, ao qual foi acompanhada de sua irmã gêmea. Conta que no momento em que a médica confirmou a gravidez “Foi um transtorno, eu nem acreditava... Na hora comecei a chorar, nossa, fiquei desesperada. Falei ‘pelo amor de Deus, eu não posso ter’ nossa senhora, você pensa em mil coisas, pensa em tirar, pensa em abortar, pensa a minha mãe vai me matar. Porque a minha família era muito conservadora. Assim, eles são assim de religião, então a minha mãe acha que tem que ser tudo certinho, primeiro namora e casa, é tudo assim por ordem certa, entendeu. E assim, na minha família não tinha acontecido nada assim de extraordinário, foi sempre tudo certinho, namorou, casou, teve filho, não tem ninguém separado da minha família, não tem nada, nada de errado, ninguém fuma, ninguém bebe”.

Mateus complementa a esposa dizendo “Nos moldes, o chamado molde conservador, daquela família tradicional, aquela família certinha entre aspas. Se conhece, namora, fica noivo, casa, tem a sua casa, vai morar junto, tem os filhos, seria o molde correto de família”.

Adelini concorda e afirma que após o exame entrou em contato com Mateus, que permaneceu calmo afirmando que esperasse o dia seguinte, que ele iria visitá-la para contar aos seus pais e conversar sobre o assunto.

Entretanto, Adelini comenta que chorava muito, afirma “Na hora eu comecei a chorar, nossa fiquei desesperada. Eu chorei a minha gravidez inteirinha, o que mais fiz foi chorar” e relembra que no mesmo dia do exame de ultrasson, voltando para casa começou a se sentir muito mal e ter dores, assim a irmã resolveu solicitar à mãe que as ajudassem. Lembra que no momento em que disse a mãe que havia descoberto que estava grávida, a mesma batia a cabeça na parede dizendo que não acreditava que isso tinha acontecido e foi chamar o pai de Adelini, “Quando vê meu pai chega lá no meu quarto perguntando ‘que que houve?’. Minha mãe ‘a sua filha, essa vagabunda, ela num presta, ela engravidou’. Aí nossa, meu pai falou tudo o que tinha que falar, nossa senhora, ele falou um tanto, só que eu chorava, que eu não tinha mais nem fôlego de tanto que eu chorava”.

Ainda rememorando o momento, Adelini emocionada comenta: “Depois meu pai ficou um mês sem falar comigo, sem olhar para minha cara, sabe, vivia em casa como se eu não estivesse ali. E assim, minha mãe ela nunca, ela assim, nunca foi em um ultrasson comigo, nada sabe, como se não tivesse acontecido nada, desprezava, por causa da minha família ser assim... Mas tinha alguns da minha família que me ajudavam, ficavam do meu lado, mesmo sabendo que eu estava errada”. Complementa dizendo que se surpreendeu com a atitude dos pais do Mateus, que acharam “normal” o fato de ela engravidar.

Mateus conta que para seus pais não foi um choque e explica “Minha mãe me apoiou demais. Ela tem hoje 70 anos, eu fui o filho que cheguei aos 43 anos dela e 44 do meu pai, então fui a rapa do tacho. E eu saía bastante, assim, trabalhava numa empresa grande. Meu pai queria me criar como filhinho quietinho, ali embaixo da saia, só que eu não era assim, eu tinha objetivos, sempre tracei metas na minha vida. Então trabalhava junto com meu pai e se quisesse podia ficar a vida inteira trabalhando ali, daquele jeitinho e eu não almejava isso para mim. De repente fui convidado para trabalhar numa empresa que era gigantesca, todo mundo foi contra eu ir, mas fui. Todo mundo achava que era uma aventura, então eu era meio que rebelde. Então para eles, para minha mãe, eles entenderam ‘ótimo, agora ele vai casar e vai ficar quietinho, vai aquietar”.

Neste momento da entrevista, Maria Carolina, que estava em seu quarto, chama pela mãe, Mateus então responde: “Agora a mamãe não pode, está ocupada.”, a filha obedece permanecendo em seu quarto.

Sobre a sua reação frente à notícia da gravidez, Mateus afirma: “Quando eu recebi a notícia, ao mesmo tempo em que caiu o mundo, pô, acabou sendo normal para mim, eu não senti tanto assim. Eu senti onde, poxa 20 anos de idade, em plena flor da juventude, o momento de transição, vinte aninhos, sabe, estava tudo encaminhado, comecei a fazer faculdade, trabalhava numa empresa reconhecida mundialmente, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, só que ao mesmo tempo, de repente, vou ser pai... E a gente tinha pouco tempo de namoro sabe ainda, não era aquele, tipo igual o meu irmão, quatro anos, cinco anos, esse tipo de namoro, a gente estava se conhecendo, não estava... Era aquele negócio, aquele namoro normal, não estava nada, ‘ah, vamos planejar alguma coisa’, não existia isso, era um namoro”. Adelini complementa a fala do marido dizendo “Tanto que a gente fala assim que se eu não tivesse engravidado a gente não estaria junto hoje. Ele também acha a mesma coisa”. Ambos acreditam que o namoro teria terminado com o tempo, pois eles tinham muitas brigas desnecessárias devido à imaturidade de ambos, fator que de acordo com o casal desgasta a relação.

Mateus retoma as lembranças do momento em que descobriu que seria pai e afirma “Eu lembro que eu sentei no quintal de casa, estava sozinho, deitei no degrau e fiquei viajando. Fiquei uma meia hora assim viajando, não sabia para quem ligar, com quem falar, onde ir, o que fazer, eu sei que eu fiquei imaginando, ‘e agora o que eu faço, minha vida vai mudar?!’, só que ao mesmo tempo eu falava assim ‘nossa, será que vai ser menino, nossa, será que vai ser um moleque, será que vai ser uma menina, e agora, eu vou comprar isso, eu vou poder fazer isso, quando será que vai falar, quanto tempo demora’, eu já fiquei fantasiando”. Relata que sua maior preocupação naquele momento era com Adelini, pois acredita que para o homem seja mais fácil suportar um acontecimento destes. Diz também, que observava ela ser maltratada e desrespeitada pelos pais, o que potencializava sua preocupação.

### Decisão pelo casamento

Quando questionados frente o motivo pelo qual optaram pelo casamento, Adelini afirma “Porque meu pai que forçou a barra, foi atrás dele, mas ele não... Eu vejo assim, eu não

sei bem, mas eu acho que ele não queria casar assim sabe, nem eu queria casar”. Relata que seu pai não queria uma “mãe solteira em casa” e Mateus complementa dizendo que os pais de Adelini estavam mais preocupados com a repercussão que isso iria ter na família, do que com o bem estar da filha. Adelini continua dizendo que até depois do casamento não sabia que seu pai tinha ido algumas vezes conversar com Mateus sobre os dois, mas que acreditava que seu pai havia pressionado Mateus a tomar uma decisão.

Mateus conta que o pai de Adelini o procurou, pois estava preocupado com a situação social da filha, afirma “Era preocupado se eu era o primeiro dela, se a gente ia se casar. Nas primeiras conversas chegou a ameaçar ‘você quer casar, casa, se não quiser eu vou mandar ela para fora, você não vai ver ela nunca mais’ e eu sempre fui protelando. Aí de repente a barriga estava crescendo, começou a ser visual, eles ficavam incomodados e então ele ‘você tem até tal dia para decidir se vai casar ou não’”. Posteriormente continua dizendo “Aí eu pensei por um lado, vou deixar solta no mundo, eu fiz, tenho certeza que é meu e agora vou deixar para quem criar e se ela se envolver com um marginal, traficante, esse bebê vai ser criado em que ambiente? Isso acho que foi o que mais pesou. Eu ter um filho e tá bom, eu vou ficar curtindo a minha vida de solteiro e ao mesmo tempo meu filho vai estar jogado aí no mundo para quem quiser cuidar. Não sei, de repente a cabeça dela, depois de um trauma desse, ela pode se desvirtuar... Imaginou meu filho chamar outro de pai, aí isso pesou né, porque eu gostava, eu gostava dela também claro, acabou pesando tudo”.

Adelini conta que se casaram aos seis meses de gravidez, porém só no civil, afirma que optou por não casar na igreja, pois a barriga já estava visível e explica “Assim, eu não queria casar, mas decidi sim, porque eu estava meio perdida a minha família não me apoiava tanto”. Relata que momentos antes do casamento, ao encontrar seu pai ele disse a ela “‘Se você não quiser não precisa ir, ainda está em tempo’ aí ele falou assim ‘eu sei que você está meio por pressão, mas não precisa casar’, aí eu falei ‘pai, o Mateus quis casar?’, aí ele ‘quis’, então eu falei assim, ‘então ta, então eu vou casar também, então eu também quero né’. Aí assim, eu também estava meio perdida e o Mateus era o único que ficava do meu lado”.

### Primeiros anos de casamento



O casal conta que após o casamento, foram morar em uma casa alugada pelos pais de ambos, cerca de dois quarteirões da família de Adelini. Relatam que foi um momento difícil, pois não tinham carro e sem o apoio dos pais de Adelini a situação se complicava. Mateus conta “Ela andava um quilometro todo dia de manhã, sete horas da manhã, grávida, para pegar carona para o trabalho. Isso quando conseguia a carona”, porém afirmam que esta situação durou alguns meses, pois em seguida Mateus foi promovido no trabalho e a situação financeira foi se estabilizando.

Adelini complementa dizendo que seus pais não a ajudaram durante a gravidez, mas que após o nascimento de Maria Carolina, eles mudaram. Relata que ficou hospedada na casa da mãe os primeiros quarenta dias após o parto, para a mesma a ajudar com os cuidados do bebê e deste momento em diante, Maria Carolina vem sendo “paparicada” por toda a família.

Mateus conta que quando viajava em função do trabalho, passava muito tempo longe de casa deixando a esposa e a filha sozinhas. Confessa ter sido ausente no início da relação, Adelini ressentida comenta “Muito, toda vez que ela ficava doente, a minha mãe que tinha que correr atrás de hospital, de médico. Nossa, quantas vezes, esses dias até falei pra ele, ‘amor, nunca que a Maria Carolina estava doente você estava aqui em casa’ a gente sempre precisava dele... Então sempre eu cobrava dele, só que eu sei que era o serviço dele, mas na época eu não entendia”.

### Relacionamento conjugal

Quando questionados sobre os conflitos conjugais apresentados durante o casamento Adelini responde, “Nossa, muitos, a gente já quase separou um monte de vezes. A gente já até quase separou os móveis”, Mateus complementa “Eu cheguei a fazer a mala”. Em seguida, Adelini aponta que o casal brigava muito, pois Mateus era “moleque” e ela não tinha muita responsabilidade, afirma que de forma alguma conversavam sobre as brigas e que isso só piorava, que tinham por costume “descontar” atitudes que não gostavam que o outro tivesse e termina dizendo “Ele viajava muito também, ele já me traiu uma vez, não sei se foi uma vez só”. Mateus afirma “É, ficava muito fora”, diante da resposta do marido, Adelini diz “É, não

muda não... Até hoje ele não fala, mas eu tenho certeza... É sim Mateus, porque que você num fala?” e Mateus responde “Que eu viajava sim, o resto não é verdade”, a esposa insiste, mas Mateus nega.

Diante das reclamações da esposa, Mateus aponta que no início do relacionamento, não tinha o suporte e a parceria da mesma, afirma que viajava muito, mas que Adelini não compreendia que estava preocupado com a família. Afirma: “Eu precisava de uma parceira, era complicado, tinha um monte de coisa, um monte de problemas, eu chegava em casa, ela não estava vendo, ela não entendia o que eu estava fazendo... não entendia que eu estava fazendo todo esse sacrifício para melhorar, para ter alguma coisa, para gente ter um padrão de vida melhor”

Continuando, Adelini afirma que o relacionamento melhorou há um ano, quando ela começou a trabalhar, diz: “O meu serviço me ajudou a ver, se eu não estivesse trabalhando... A gente fica com a cabeça em outro lugar, fica pensando um monte de coisas, ficava pensando um monte de coisas dele sabe”. O marido concorda dizendo “O pivô de tudo foi quando ela começou a trabalhar, para ocupar a cabeça com alguma coisa... Enquanto ela não trabalhava, a cabeça dela estava preocupada onde eu estava, ela não estava preocupada se eu estava trabalhando, se eu estava viajando legal... Ela não tinha essa preocupação. A preocupação dela era ‘aonde o Mateus está, será que tem mulher, o que que ele está fazendo, será que ele ta saindo, com quem ele está’”. Adelini se defende dizendo que o marido já havia dado motivo para ela desconfiar dele, então desconfiava mais ainda. Afirma que durante a madrugada pegava o celular do marido e retornava todas as ligações que ele tinha efetuado durante o dia.

O casal aponta que a entrada no mercado de trabalho influenciou positivamente a autoestima da esposa. Mateus explica: “Todo o problema era esse (referindo-se à desconfiança da esposa), aí ela começou a trabalhar, começou a ser independente, antes todo mundo era ‘ah, tadinha dela, vou dar um lacinho de cabelo que ela não pode comprar nada’, nisso, todo mundo fazia o que com ela, só diminuindo e ela ia só regredindo, não tinha autoestima”. A esposa aponta que ele também colaborava com a desvalorização dela, Mateus concorda dizendo: “é, e eu fui também, ela dizia ‘ah, eu preciso comprar algo’ e eu respondia ‘ah, vá pedir dinheiro para a sua mãe’, eu falava, ‘quem tem que sustentar você é ela’”.

Adelini conta também, que era muito difícil para ela ficar sozinha em casa com a filha. Diz que Maria Carolina era muito pequena e tinha bastante energia, enquanto a mãe arrumava as coisas, ela desarrumava, o que deixava Adelini “muito estressada”. Mateus complementa

dizendo que o fato de passar o dia todo com a filha, quando ele retornava para casa, não tinham assunto para conversar com a esposa, pois as únicas atividades que ela tinha realizado era arrumar a casa e cuidar da filha, aponta que agora eles costumam falar das atividades diárias de cada um.

O casal afirma que atualmente procuram resolver suas diferenças através do diálogo, Mateus diz “Hoje tem (diálogo). Não é perfeito, não é cem por cento, mas do que era...”. A esposa então relembra a última briga do casal, dizendo que discutiram por causa de pizza “A gente discutiu, um falou mais alto que o outro. Aí no outro dia falei para ele ‘nossa amor, eu até assustei’, porque fazia tempo que a gente não brigava assim”, Mateus complementa “É, uma discussão assim, por nada”.

Ainda sobre as brigas, Adelini relembra que em uma das últimas discussões do casal, ela passou uma semana na casa de sua mãe, deixando o marido sozinho em casa. Após este período veio até ele dizendo: “Que era para a gente dar um tempo e ele falava que se fosse para dar um tempo então a gente não ia voltar mais. Mas aí no outro dia eu vim aqui, a gente conversou bastante, ele falou umas coisas que ele queria, eu falei as coisas que eu queria e ele falou assim ‘vamos tentar então a última vez’”. Neste momento da entrevista, Maria Carolina vem à sala procurando a mãe, dizendo que não se sente bem.

Em relação ao tempo reservado para o casal, Mateus diz que atualmente o casal tem conseguido ficar mais tempo juntos quando a filha dorme na casa de alguém. Adelini concorda e conta que a rotina da filha é dormir tarde e normalmente o marido reclama disto, pois ela, Adelini, não consegue acompanhar a filha e acaba dormindo mais cedo. Conta que a filha dorme a noite toda sozinha, mas que precisa de companhia para começar a dormir. Assim sendo, ela tem por hábito ir para a cama com a filha, mas relata que acaba dormindo antes que Maria Carolina, quando acorda e vai para seu quarto, o marido já está dormindo. Ambos concordam que realmente só existe um tempo para o casal quando a filha está na casa de algum parente, mas dizem não gostar muito que a filha fique fora de casa, preferindo que ela durma com eles. Complementam dizendo que aos finais de semana costumam fazer programas familiares, pois não gostam de sair sem a filha. Relatam que quando saem sem Maria Carolina “parece que falta algo”, concluem dizendo que o tempo do casal é muito escasso.

Sobre a construção e manutenção do casamento, Adelini afirma que acha importante o diálogo entre o casal, pois se houver diálogo não é preciso brigas. Mateus aponta que em sua opinião o mais importante é respeitar a opinião do outro. Adelini concorda e afirma que o

marido não costuma respeitar a opinião alheia. Mateus afirma que “Nunca fui de ouvir, é desse jeito, quer, quer, não quer, não quer”. Complementando o marido, Adelini diz: “Era ele que mandava, tinha que ser daquele jeito porque senão ele emburrava e não conversava com você, era bem criança, tinha que ser a opinião dele, você não podia nem ter uma opinião sua. Agora hoje não sabe, eu falo assim ‘não, não concordo com isso, eu tenho a minha opinião’, então ele achava que só ele mandava nela (Maria Carolina), sabe, a minha opinião não vale nada, eu não sou mãe, não sou nada. Agora ele começou a respeitar mais a minha opinião”. Sobre a fala da esposa, Mateus afirma em tom de brincadeira: “Agora eu ouço né, não sigo, mas agora eu ouço, já é um começo”.

Em relação aos planos para o futuro Mateus responde diretamente: “Ah, um filho semana que vem”, Adelini prossegue “Mas a gente tem planos assim, de ter a nossa casa”. Então o casal explica que a casa em que moram atualmente é alugada, sendo os pais de Adelini os proprietários. Mateus afirma que primeiro o mais importante é manter a empresa, em seguida, comprarem uma casa para eles, pois assim teriam um ambiente só deles, para depois poderem ter mais um filho. Adelini diz que não quer ter mais filhos e Mateus prontamente responde: “Eu quero, vai ter que ter de algum jeito ué, se você não quiser...”. Então a esposa explica que ficou com medo depois de tudo que aconteceu na gravidez de Maria Carolina, teme engravidar e contar aos seus pais novamente. O marido afirma que agora a situação é diferente, “Isso vem até para provar a superação, ter um segundo filho, é a superação, este nós planejamos, nós queríamos”.

Sobre a interferência das famílias de origem no relacionamento familiar Mateus aponta que mesmo depois do casamento ainda havia desrespeito em relação à Adelini por parte de sua família. “Esse respeito eu acho que deveria ter tido e até hoje às vezes não tem. Interferem na vida dela... Tem este fato também, que a hora que eu fui buscar a Maria Carolina, é aqui do lado. Esse fato de estar do lado, tudo corre lá, essas coisas eu não acho legal também”. Adelini defende a família dizendo “Mas eu entendo agora, eu até falo pro Mateus, eu sei do jeito que a minha família era, minha mãe era. Então foi um conflito para a família inteira, minha mãe, meu pai, foi quase a família inteira que fez uma mudança né... Agora hoje eu entendo assim, sabe, antes eu ficava nervosa assim, ficava chorando, agora hoje eu entendo, minha mãe, meu pai, porque eles fizeram assim, eu entendo”.

Mateus expõe: “A mãe dela influenciou e manda, até hoje, tudo e todas as decisões que ela toma”, Adelini então responde “Não, ele acha que é assim, mas não é assim, todo mundo me fazia de gato e sapato sabe, era uma coitada. Os outros falavam, eu abaixava a

cabeça, mas porque eu queria, entendeu, porque eu deixava, me xingava, eu ficava quieta, sabe, era uma coitada, era uma boba dos outros. Agora hoje já não é assim, nem tudo... O que eu tiver que falar eu falo, não fico segurando, eu tenho gastrite nervosa, sempre me atacava, eu fiquei internada um monte de vezes, por causa disso. Ficava nervosa atacava o meu estômago, aí fiz tratamento de estômago, nossa, tudo depois da gravidez assim que aconteceu todas essas coisas”. Mateus continua dizendo que a esposa tinha problemas de autoestima e todos a desrespeitavam, Adelini aponta até Mateus tinha a mesma atitude, ele concorda dizendo “É, eu também, ela ‘ah, preciso comprar isso’ e eu falava ‘ah, vai pedir dinheiro para sua mãe, quem tem que sustentar você é ela’. Não enxergava este lado também”.

A respeito da família de Mateus, ele diz “Meu pai é mais velho, então a gente não tinha tanto diálogo de pai e filho assim, não tinha tanto orientação. Já a minha mãe tinha um pouco de ciúmes da Adelini”, mas confirma que ambos não interferem no relacionamento familiar.

#### Histórico da família de origem – Mateus

Sobre seus avós paternos Mateus afirma que não os conheceu. Comenta que não tem informações sobre a família paterna, pois “Meu pai nem toca no assunto, a família do meu pai é mais distante. Minha mãe que às vezes fala que meu avô era meio ruim para a minha avó e tal, mas meu pai nem gosta que toque no assunto. Os irmãos do meu pai, a família dele também não se fala, se vê muito pouco, são seis irmãos, eles se vêem uma vez por ano, o contato deles é pouco, não por briga, mas não tem aquela afinidade, não sei nem o motivo”. Mateus comenta que dos seus avós maternos conheceu sua avó por pouco tempo, recorda-se dela já em fase terminal e seu avó um pouco mais, mas era muito pequeno. Conta que eles moravam em fazendas vizinhas e por isso se conheceram, mas relata não ter maiores informações.

Em relação aos seus pais Mateus diz: “Minha mãe, meu pai, como eles se conheceram?! Não falam assim também não, mas minha mãe fala que meu pai era meio ganhão, meio sem vergonha... Era tudo na fazenda aquela época que eles moravam, meu

pai sempre vivia nas festas, naquelas festas tradicionais, acabou conhecendo a minha mãe. Meu pai trabalhava com meu avô, era muito amigo do meu avô, que é o pai da minha mãe. Aí começaram a trabalhar juntos, tal, meu pai conheceu minha mãe, acabou casando, mas tudo dentro dos conformes também, primeiro casa, depois veio meu irmão mais velho, depois meu irmão do meio, tudo isso na fazenda, depois na cidade só nasceu eu”.

A respeito do relacionamento de seus pais afirma ter pouco conhecimento anterior, “mas hoje a minha mãe é meio encrenqueira e meu pai é um coitado, que não tem boca para nada. Ele é quietinho, sossegado, muito difícil, nunca foi de ir ao bar. É da casa para o trabalho, do trabalho para casa só, muito tranqüilo e minha mãe não, minha mãe já acha que se meu pai ficar meia hora a mais no trabalho... Ela fantasia algumas coisas. Mas de briga é mais isso, mais superficial, nada que fere, é mais discussãozinha, picuinhas com ele, é mais isso. Não teve nada assim mais sério, acho que a época que era das brigas mesmo eu era muito pequeno, não tenho nem recordação disso”. Complementa dizendo que o pai tem uma personalidade marcante e “eu sou meio assim, puxei para ele, opinião forte, ele falou que vai fazer ele faz”.

Mateus conta que ele e seu irmão mais velho contam com uma diferença de idade de 17 anos. Sendo assim nunca teve muito contato com o mesmo. Porém, relata que o irmão namorava há cinco anos quando a namorada engravidou e então se casaram, Mateus explica “Eu já não vejo hoje como casou grávida, vejo como normal, porque já eram namorados há vários anos”. A respeito do segundo irmão, dez anos mais velho que Mateus, afirma “Meu irmão do meio, ele casou, namorou dez anos, nove anos, aí depois casou certinho nos padrões. Aí foi lá, depois de dois anos de casados que ela engravidou também, foi tudo planejado, queria, foi tudo nos conformes, mas não adiantou nada, faz três meses que separaram”.

#### Histórico da família de origem – Adelini

Em relação aos avós paternos Adelini afirma que não conheceu seu avô, pois faleceu quando seu pai ainda era criança e desta forma, não pode fornecer informações sobre o início ou funcionamento do relacionamento conjugal dos avós. Relata que após a morte do marido a

avó não se casou novamente, permanecendo sozinha. Conta que atualmente, a avó mora com uma das filhas (tia de Adelini) que é solteira.

Sobre seus avós maternos afirma que foram figuras presentes em sua vida. Lembra que em sua infância e adolescência habitava por mais tempo a casa da avó do que a dos pais. Afirma que sua mãe trabalhava muito e não tinha tempo para cuidar dos filhos, sendo assim, ela e sua irmã passavam as tardes e por vezes as noites na casa da avó. “A gente tinha até um quarto na minha avó. Então sempre foi mais presente assim para mim, até, faz sete anos que a minha avó morreu e quando ela morreu eu senti muito, porque eu contava tudo para ela. Eu me revoltei quando a minha avó morreu”. Neste momento Adelini se emociona e fala com bastante pesar a perda da avó, demonstrando uma relação de extrema afinidade com a mesma.

Conta que sabe pouco sobre como seus avós maternos se conheceram, mas que o pai de sua avó tinha um bar onde sua avó trabalhava e acredita que seu avô a conheceu lá, pois é um homem que gosta de freqüentar bares. Afirma que o avô deixava sua avó sozinha em casa por diversas vezes e que a avó sempre aceitava, criando os filhos sozinhos. Complementa dizendo que o avô sempre foi um pai e avô ausente. Após o falecimento da avó, ele atualmente está namorando e este relacionamento não é aceito pelo restante da família, em função do tradicionalismo familiar.

Adelini relata que seus pais se conheceram por intermédio de uma de suas tias, irmã do seu pai, que trabalhava com sua mãe e acreditava que os dois deveriam se conhecer. Seus pais começaram a namorar e após o casamento tiveram Adelini e sua irmã gêmea, seguido de outro filho. Conta que seus pais são muito conservadores, “Eu nunca vi nada, nunca vi eles discutirem na frente nossa, dos filhos. Diferente de mim e do Mateus, que sempre era na frente dela (Maria Carolina). Meu pai e minha mãe são muito conservadores. Minha mãe nunca deixou a gente assistir programa que não era para nossa idade e para mim era uma relação boa. Lógico que agora a gente vê que tem as discussões deles, as coisas, mas quando criança, sempre foi aquela família normal. Agora é diferente, as vezes minha mãe fala ‘ah, ontem eu briguei com seu pai’, mas de pequeno nunca, sempre passearam com a gente, sempre foi uma família super boa, uma família ótima, sempre tive tudo que eu quis, não posso reclamar de nada”.

A irmã de Adelini é solteira e ainda mora com os pais. Seu irmão mais novo está morando em outra cidade, cursando a faculdade, Adelini comenta “Ele tem uma namorada, que mora mais ou menos junto. Meu pai e minha mãe fingem que não sabem, para a família, para conservar”. Mateus mostra-se indignado pelos pais de Adelini terem tratado a filha com

desrespeito quando engravidou e agora permitirem que o irmão more com a namorada e Adelini defende os pais dizendo “Se for ver, é porque ele é homem, homem é diferente de mulher mesmo, em algumas coisas tem que ser mais preservado”. Adelini termina o relato da história de sua família, dizendo que em todo histórico de sua família não houve outros casamentos como o dela e completa “só eu que sai da linha”.

### Contato Final

Ao final da entrevista, Adelini vai ao quarto da filha, pedindo que ela se despeça da pesquisadora. Mateus conversando afirma que nunca havia pensado sobre sua relação com Adelini desta forma. Relata ter sido importante rever todo o histórico deles e que não se arrepende, acredita que “as coisas aconteceram como deveriam, mesmo que não fosse naquele momento, em outro minha vida teria que mudar”. Adelini, retornando, pergunta à pesquisadora se está tudo “certo” com eles apesar de terem engravidado antes de casar, a pesquisadora acolhendo a pergunta afirma achar importante que eles percebam com outros olhos o que aconteceu a eles, procurando um novo significado, que não seja o de que fizeram algo “errado”.

### Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais

Durante toda a entrevista o casal permaneceu separado pelo gravador, tocando-se apenas em alguns momentos. No início, Adelini apresentou-se retraída e um tanto preocupada, buscando diversas vezes o olhar de aprovação do marido. Mateus apresentava-se aparentemente despreocupado e à vontade, esforçava-se em incentivar a esposa a falar, entretanto, em diversos momentos tomava a frente em assuntos que diziam respeito à Adelini,



adotando uma atitude centralizadora. No decorrer da entrevista, Adelini foi ocupando um espaço maior, o que foi gerando alguns atritos entre o casal.

Acerca da transferência estabelecida, notou-se que Mateus desde o princípio assume uma postura de segurança e confiança a respeito da entrevista e da presença da pesquisadora, em diversos momentos busca compactuar com a mesma, a fim de obter confirmação acerca da imaturidade da esposa. A rapidez com que se deu o estabelecimento de uma transferência positiva remete a pesquisadora à relação estabelecida entre Mateus e sua mãe, sendo a mesma de extrema intimidade e cuidado, utilizando palavras de Adelini, “cheia de mimos”.

Adelini apresenta-se apreensiva e insegura nos primeiros momentos da entrevista, com uma postura mais distante, o que nos leva a pensar acerca do relacionamento conflitivo estabelecido com sua mãe. Acredita-se ainda, que este distanciamento estabelecido por Adelini seja um mecanismo defensivo diante da tentativa de conluio apresentada pelo marido. Diante da imparcialidade da pesquisadora, Mateus, em alguns momentos, tenta ridicularizar a esposa e a mesma passa a se defender, porém, com pouco êxito. Com o decorrer da entrevista Adelini estabelece uma transferência positiva com a pesquisadora, sentindo-se à vontade para contar sua história.

Percebeu-se durante toda a entrevista um contato físico praticamente inexistente entre o casal, ocorrendo apenas em momentos pontuais, como uma forma infantil de brincadeira, em que um cutucava ou empurrava o outro. No momento em que Adelini relatava a possível traição do marido, diante da negativa do mesmo, a esposa bateu algumas vezes a cabeça na almofada, fazendo com que o marido chamasse a atenção para o que ela fazia. Em diversos momentos da entrevista Mateus faz menção à gravação em tom de brincadeira, dizendo à esposa para atentar ao que fala, pois está sendo gravado. Em um destes momentos diz rindo: “Está ficando gravado, está vendo, está ouvindo a sua alteração de voz, está vendo o que eu sofro” e dirigindo-se à pesquisadora fala “Eu só tenho uma coisa para te pedir, eu preciso de uma cópia dessa fita”. Reforçando o pedido ao final do encontro, segue recorte da entrevista:

Pesquisadora: “Tem algo que vocês queiram acrescentar, que achem importante para compreender a história de vocês?”

Mateus: “Acho que não, que foi tudo”

Adelini: “Você falou tudo mesmo amor?” (risos)

Mateus: “É, eu vou pegar a cópia, porque umas partes eu me interessei e vai ser editado e vai ser usado contra você a qualquer momento tá!”

Adelini: “Nossa Senhora!”

No decorrer da entrevista, houve apenas uma interferência por parte da filha, que vem à sala dizendo que está se sentindo mal, Adelini prontamente atende a filha, enquanto Mateus aponta “olha que cara de manha” e brinca com a menina. Este incidente acontece exatamente no momento em que a pesquisadora questiona a respeito dos conflitos apresentados no vínculo conjugal e o casal discorre acerca das brigas e discussões, incluindo as ameaças de separação. Maria Carolina permanece um período na sala, o que faz com que Mateus mude o foco da conversa. Esta situação aponta para o papel depositado pelo casal e assumido pela filha de intermediária e mantenedora da relação conjugal.

A disposição da casa e a postura do casal no início da entrevista apontam para uma compreensão entre a separação do espaço conjugal e do parental. Ambos demonstram preocupação em delimitar a distância entre a intimidade do casal e o relacionamento com a filha, entretanto, esta delimitação não fica muito bem estabelecida.

O casal apresentou-se bastante receptivo à entrevista, respondendo a todas as perguntas. O encontro foi percebido como satisfatório, permitindo à pesquisadora riqueza na coleta de dados e, ao casal, a oportunidade de retomar toda sua história. Observa-se que esta foi a primeira vez que puderam resgatar alguns acontecimentos, como por exemplo, a decisão pelo casamento. Enquanto contavam para a pesquisadora como havia sido, o outro cônjuge prestava extrema atenção e em alguns momentos pontuava “É, isso eu não sabia.”. Acredita-se, inclusive, que o espaço funcionou de forma terapêutica, para ambos, Adelini podendo estabelecer relação com uma figura feminina que não a recrimina pela gravidez antes do casamento e; Mateus elaborando parte de sua história, podendo se sentir orgulhoso em relação à mesma.

### Casal 3 – Marcelo e Luciana

Marcelo – 28 anos

Luciana – 28 anos

Jairo – 4 anos

#### Primeiro Contato com o Casal

Luciana enviou um e-mail à pesquisadora afirmando interesse em auxiliar a pesquisa. O contato telefônico é realizado com a mesma, que confirma os dados de enquadre e agenda a entrevista, que foi realizada 16 dias após o primeiro contato via e-mail.

Ao chegar à residência do casal a pesquisadora foi recebida por Luciana, que afirma que o marido está jantando com o filho. Na sala, Luciana senta-se em um sofá de três lugares, indicando à pesquisadora que sente-se em outro sofá, localizado ao lado dela. Enquanto esperávamos Marcelo, cerca de 20 minutos, Luciana comenta que o casal, há um tempo atrás, pensou em ir morar na França para fazer pós-graduação. Entretanto, não foram, pois ela precisa de segurança para realizar as coisas e queria ter dinheiro suficiente para viver lá por 6 meses, mesmo que não estivesse ganhando nada. Porém pelo marido eles iriam de qualquer forma, pois ele adora viajar, afirma que esta é uma “palavra mágica” para ele. Complementa dizendo que haviam reservado um dinheiro para a viagem, mas por conta de cirurgias que precisou realizar não foi suficiente. Explica que fez uma redução de estômago e em seguida duas cirurgias plásticas para retirada do excesso de pele.

Posteriormente, Luciana conta que tem um filho, Carlos, de um relacionamento anterior, mas que não reside com o casal. Afirma que justamente por este motivo sua história com Marcelo é complicada, pois quando a gravidez aconteceu temia que a história se repetisse. Marcelo chega à sala e senta-se na outra ponta do sofá de três lugares em que está a esposa. Jairo vem logo depois do pai, senta-se no meio do casal e pede ao pai para assistir a

um filme. A mãe permite, dizendo que terá que assistir com fone de ouvido para não atrapalhar a gravação. Enquanto Marcelo vai com o filho buscar o computador, Luciana comenta que prefere que o filho assista ao filme, pois existem detalhes da história do casal que ele não sabe e ela não quer que saiba. Voltando, o filho recosta-se no pai com o computador no colo.

Em seguida, a pesquisadora fornece as informações necessárias à pesquisa, apresentando o Termo de Consentimento que foi devidamente assinado. Neste momento Marcelo afirma considerar a necessidade de realizar um processo terapêutico. Quando questionado o motivo, afirma não saber explicar. A pesquisadora entrega o gravador à Luciana, pedindo que o posicione próximo aos dois. Ela então coloca ao lado do filho, entre ela e o marido.

### Histórico do casal

Luciana e Marcelo se conheceram na faculdade e namoraram cerca de um ano e nove meses até a descoberta da gravidez. A relação foi bastante conturbada desde o momento da descoberta até aproximadamente um ano de vida de Jairo, quando o casal comprometeu-se em noivado e assumiu uma relação estável, habitando a mesma residência até o momento, contando três anos.

### Início da relação

O casal conta que se conheceu na faculdade. Luciana cursava marketing e Marcelo não estudava no momento, mas namorava uma amiga de Luciana. A esposa relata que Marcelo “não estava muito afim dela (a amiga) e a gente já estava começando a se gostar e tal”. Conta que o marido ia às aulas da faculdade “só para me conquistar” e afirma “mas ele me enrolou

durante sete meses que ele não queria namorar de jeito nenhum. Ficava aqui, passava o final de semana aqui, mas quando saía no shopping não queria dar a mão assim, sabe essas coisas para não assumir... Aí depois a gente namorou durante um ano mais ou menos, não dá para saber”. Luciana explica que não é possível precisar o tempo de namoro, pois este período da relação foi conturbado, contando com alguns momentos de separação entre o casal devido a brigas. Entretanto, explica “a gente ficava separado, mas ele nunca saía daqui, ele vivia vindo, dormia aqui, ficava comigo, não me deixava ter ninguém, vivia por aqui e eu gostava muito dele, toda vez que ele vinha para mim era uma recaída”.

Luciana afirma que cerca de seis meses depois que se conheceram, Marcelo entrou em outra faculdade, cursando Administração. Ela observando as matérias de Marcelo gostou da grade curricular e resolveu mudar de faculdade e curso, transferindo-se para a mesma sala que Marcelo. Luciana afirma que na faculdade tinham um bom relacionamento profissional “porque a gente se desentende muito, mas a gente trabalha muito bem junto. Então porque assim, ele faz as coisas, eu critico e com a minha crítica, ele fica com raiva e ele vai e faz o negócio perfeito, era assim que funcionava e até hoje é assim”. Lembra que neste mesmo período, Carlos, seu primeiro filho, ficou doente e foi morar com seus pais, onde habita até o momento. Explica: “minha mãe não faz nada o dia inteiro, fica só com ele o tempo todo, ele tinha cinco anos, então para ele foi perfeito e acabou ficando até hoje lá”.

A esposa ao explicar o período de namoro afirma “Muita coisa aconteceu na minha vida e eu tenho a consciência de que eu me desestabilizei muito. Eu tinha o Carlos, isso nunca foi um problema no nosso relacionamento, meu e dele (Marcelo), muito pelo contrário, eles sempre se deram muito bem. Quando o Carlos tinha mais ou menos cinco anos, meu pai foi chamado para trabalhar em outro estado e meu pai resolveu ir. Ele me deixou aqui na casa, com os dois cachorros, um peixe; que tinha um peixe vermelho ainda na época, com o Carlos; porque meus pais me ajudavam com ele, a minha irmã, adolescente, o namorado dela e aí tudo isso para mim era muita responsabilidade. Então eu amadureci muito, a minha cabeça era outra, as minhas cobranças eram outras, as minhas aflições eram outras e o Marcelo, ele sempre foi muito mimado, ele não tinha responsabilidade com nada”.

### Descoberta da gravidez

A esposa conta que a descoberta da gravidez aconteceu quatro meses após reatarem o namoro. Luciana relata que a descoberta foi ao acaso e explica que foi ao laboratório realizar um exame por suspeita de mioma, pois estava menstruando há doze dias seguidos, quando descobriu a gravidez que já estava com quatro meses. Isto aconteceu sete meses após os pais mudarem de casa. Afirma que sua única preocupação era não repetir o que havia acontecido com Carlos, explica “Quando eu engravidei, eu cheguei para ele e falei: ‘não, não posso, não quero, não quero’, mas assim, um não posso, não assim, eu vou tirar ou qualquer coisa, mas um eu não posso tipo eu não posso repetir o que já foi na minha vida, outro filho, de um outro pai, não quero, não posso. Aí ele falou assim ‘fica tranqüila, que a gente vai casar’, a gente começou a ver apartamento, meu pai falou que ia ajudar a gente, conversamos com meus pais, ele falou assim que a gente ia casar, tal, que queria trazer o Carlos para cá”.

Luciana continua “Aí a gente começou aquela coisa da gravidez sabe, que eu tinha ciúmes de tudo, chorava muito, me irritava muito e ele não tinha maturidade para entender que tudo aquilo era uma fase, ou que tudo dentro de mim era muita insegurança, sabe medo de não dar certo, até hoje. Hoje ele consegue enxergar, que tudo que sai do meu controle, tudo que sai do planejado para mim, aquilo me dá uma insegurança, meu humor muda muito...”. Marcelo concordando comenta “Só agora, com o jantar” e Luciana interrompe a fala do marido e continua “É, já fiquei brava e agora a gente já se entende, na época, eu tinha uma decisão muito séria, porque eu estava carregando, não era só um neném, era tudo que vinha, eu ia ter que encarar a sociedade de novo, eu ia ter que encarar minha família de novo, eu ia ter que ter dois filhos de dois pais diferentes, sabe. É uma carga que vem muito pesada, eu sabia o tamanho daquilo tudo. Aí vem aquela parte da minha sogra, a minha sogra foi aquela época a pior coisa que já tinha acontecido na minha vida, ela ficou totalmente descontrolada... A gente estava nessas brigas e tal, não atava e não desatava, as vezes ele vinha, às vezes ele não vinha... Então uma coisa que eu não aceito, foi quando eu estava no sétimo mês de gravidez, ele falou que ele ia para o Sul, arranjar um emprego e na verdade era para a Nova Zelândia, bem diferente né?! É lá do outro lado do mundo”. Marcelo confirma dizendo “Lá do outro lado”.

Então a esposa continua seu discurso afirmando “É, do outro lado do mundo, imagina você vivendo uma bomba dessas, uma menina, grávida do segundo filho e achando que tudo vai ser diferente entendeu... Então assim, é isso que eu acho que a minha ótica é diferente, da dele, ele nunca vai sentir o que eu senti, ele nunca vai ter idéia do que eu passei na minha

vida... Então, eu me desesperiei, eu chamei ele aqui, eu chorei, eu virei a madrugada gritando, quebrando tudo, minha mãe teve que vir para cá... E eu sei que isso me fez muito mal e eu acabei passando tudo isso para o Jairo, até pouco tempo atrás ele tinha terror noturno, porque ele fica agitado à noite, muito agitado, ele fica se debatendo, a gente até tenta acordar ele, a gente tem que por ele debaixo do chuveiro pra despertar ele, e na verdade ele fica preso em uma sensação, não é no sonho, é essa sensação de abandono, de desespero, que eu tinha de insegurança, tudo isso que eu senti, tudo o que aconteceu comigo... Na minha ótica né! Aí depois ele foi. Ah, no dia seguinte, fizeram a maior presepada do mundo, a mãe dele, o meu pai, eu liguei pro meu pai, o meu pai ligou pra casa dele, e o vôo dele era no final da tarde, que era para dar tempo de botar ele dentro do avião para o meu pai fazer nada entendeu, não tentar mudar a situação, e foi, foi embora...”.

Em seguida, Luciana relata, entre outras coisas, que Marcelo foi viajar para a Nova Zelândia e conta “Quando voltou eu quis falar com ele e não sei por que cargas d’água ele não vinha, tinha medo, não sei, a mãe dele veio aqui e ficou junto para gente conversar. Aí sabe, ele voltou e eu implorava para ele, eu tinha medo, sei lá, qual era a palavra, mas era esse constrangimento entendeu. Então aí ele foi, ele ficou comigo tal, mas até hoje meu pai não fala com a mãe dele, não se olham na cara, depois, me enganaram de novo, ele acha que não, mas eu acho que sim...”. Luciana prossegue explicando que próximo ao nascimento do filho, ela informou a Marcelo que ficaria o período de licença maternidade hospedada na casa de sua mãe na região centro-oeste do país. Então, Marcelo decidiu viajar novamente. A esposa conta: “Aí eu falei para ele, ‘olha, eu vou passar um mês com a minha mãe e volto’ e a mãe dele louca para tirar ele de perto, dessa estrutura que eu queria para mim. Fui para lá e ele foi viajar de novo, ele falou que ia passar trinta dias lá, quando chegou, dez dias antes de eu voltar para São Paulo, ele foi, ficou mais três meses lá, me enrolando, dizendo que voltava e não voltava, dizendo que voltava e não voltava e o menino (Jairo) crescendo. Quando ele chegou aqui, ele chegou no domingo, na segunda eu já tinha que ir trabalhar, não tinha arrumado com quem o meu filho ia ficar, eu fiz tudo sozinha e preocupada, porque eu tinha que voltar a trabalhar e não tinha com quem ficar. Eu resolvi tudo sozinha, o chá de bebê eu fiz sozinha, o quarto dele eu fiz sozinha, então essa mágoa eu tinha muito dentro de mim, tipo ‘ah, ele nunca esteve por perto’, eu passei tudo sozinha”.

Luciana dá continuidade relatando que quando terminaram a universidade, ela começou a trabalhar em uma empresa muito boa e explica: “Então aí eu fui começar a me descobrir como mulher, como profissional, aí foi quando ele percebeu e que eu vi que eu não

queria, aí ele rebolou”. Neste momento da entrevista Marcelo se manifesta dizendo “Ah não, até o momento eu não discordo de nada, só essa parte eu já discordo”. Marcelo é interrompido pelas risadas da esposa que prossegue contando sua versão da história, “Ah é! Aí ele resolveu correr atrás do prejuízo, aí a gente voltou, a sair e aí foi acontecendo aos poucos. Isso foi tudo em agosto, quando chegou no final do ano, ele comprou a passagem para França para gente. A gente foi e lá, nem sabia, mas foi muito especial, aí a gente já voltou juntos”.

Ainda continuando, Luciana, diz: “Bom, aí a gente ficou junto e hoje, o Marcelo mudou muito e eu sei o porquê ele está mudando, aonde foi que ele começou a enxergar as coisas, o jeito que é a mãe dele e aceitar o jeito que é a mãe dele e saber como lidar com ela, se impor junto com a família dele, a dizer não pra ela, entendeu... E ele está bem desse jeito, aí, ele ficava, três dias da semana ele dormia aqui mais ou menos e estava tudo de cabeça para baixo aqui, eu estava perguntando as coisas, cobrando, muito nervosa e foi de tudo isso que ela se aproveitou. Porque quando ele voltava pra lá, ela falava para ele, ‘isso não vai dar certo, porque ela deve estar fazendo isso e isso e isso’ e era tudo que eu estava fazendo, mas porque eu estava insegura e ela sabia disso, porque já tinha passado pela mesma situação, mas ele não via isso antes. Aí foram pintar o apartamento deles e ele veio para cá e não foi mais pra lá, veio, foi ficando e aí ficou e a gente... Bom, a gente está na casa do meu pai né e tem mais gente aqui, então a gente quer mudar para o nosso apartamento, para ter a nossa vida, para ser só a gente, porque aqui sabe, não é muito linear, sempre tem interferência...”. Luciana e Marcelo dividem a casa com a irmã mais nova de Luciana e sua filha.

Neste momento do discurso de Luciana, a pesquisadora a interrompe, voltando seu olhar a Marcelo, questionando qual a visão dele sobre a história dos dois, segue recorte de entrevista, para maior esclarecimento:

Pesquisadora: “Bom e você Marcelo? A sua visão da história de vocês?”

Luciana: “A sua ótica.”

Marcelo: “Ah... mas, ah não sei, a maioria das coisas tudo bate assim né, no meu ver...”

Luciana: “Mas tem menos intensidade, num tem pra você?”

Marcelo: “Menos intensidade?! Que jeito?!”

Luciana: “É, tudo isso que...”



Marcelo: “Tudo que aconteceu?! O que aconteceu? Não sei direito o que aconteceu.”

Luciana: “Na minha ótica, ele foi manipulado pela mãe dele... tipo ela vendeu um sonho para ele entendeu. Porque desde sempre ele tinha um sonho de conhecer o mundo, a vida ideal era ele viajando o mundo, as férias ideal...”

Marcelo: “Peraí, eu não achava...”

Luciana: “Ele acha ainda, as férias ideais é conhecer o mundo, a lua de mel ideal é pelo menos conhecer cinco países, tudo para ele é isso entendeu... e para mim é assim, me tirar do meu porto seguro é desestabilidade total, eu sou mandona, eu sei disso, tudo que eu sou aqui, lá eu não sou, lá ele tem total domínio, entendeu... desde os quinze anos ela seduz ele de ir para Disney, então eu acho, ao meu ver, ela falou ‘Meu Deus, eu preciso tirar o meu filho do problema’ porque ela sempre quis tirar ele do problema, nunca deixou ele sofrer, por exemplo, até hoje é assim, estoura alguma coisa lá e ele está em casa, sem fazer nada, ela não liga para ele, ela liga para mim, porque ela não pode deixar o filhinho com peso, porque ele não pode passar nervoso, porque senão ele vai passar mal, porque não sei o que, aí ela estoura em mim, fala e liga e briga e nananá, então ela não, não bate contra ele, ela protege ele o tempo todo... você vê que ele fala que nem ele sabe porque que tudo isso aconteceu... no meu ponto de vista, ele já tem o desejo de conhecer os lugares, de viajar, tudo dentro dele, e ela viu... ‘bom, eu preciso tirar ele desse problema, como que eu faço? Eu vou dar para ele o que ele mais quer... a primeira viagem dele pro exterior’”. Luciana prossegue.

Durante o relato, por vezes, Luciana apresenta dificuldade em lembrar as datas dos acontecimentos, questionando Marcelo, porém, antes que o marido possa responder continua seu discurso.

### Perspectiva do marido

Durante toda a entrevista foram necessárias intervenções da pesquisadora no sentido de buscar a perspectiva de Marcelo sobre o histórico do casal. Entretanto, suas falas foram inúmeras vezes interpeladas pela esposa, que completava seus comentários, trazendo novamente o foco para a visão dela. Portanto considerou-se importante, para a compreensão da opinião de Marcelo, delinear um recorte de seus poucos apontamentos.

Referindo-se à opinião de Luciana sobre a sogra ser “estrategista” e fazer “as coisas para tirar ele do problema”, bem como, ao histórico do casal, Marcelo comenta: “Então, pode ser que ela tenha feito por isso, agora eu não analiso o porquê ela tenha feito, o que eu analiso é o seguinte, o que estava acontecendo naquele momento, as discussões e tal. Mas na verdade, o que acontece, tem algumas questões na história, que, por mais que eu fale que não foi xis coisa que aconteceu, para ela (Luciana) é ‘não, foi, só pode ter sido’. Eu não sabia que a minha mãe tinha ligado e tinha marcado um jantar à noite e que foi no dia que eu estaria no avião por exemplo... Eu tenho problema para dizer que é pra sempre, é uma coisa que eu tenho que trabalhar, por isso que eu disse no começo que eu preciso de um psicólogo, porque eu tenho esses problemas com essa questão. Então eu acho que, olhando pelo ponto de vista do que ela (Luciana) está falando, talvez ela (mãe) soube usar também muito esta questão do pra sempre... se não fosse um filho por exemplo, se fosse um casamento, eu acho que talvez ocorresse isso também, se for partir pelo que ela está falando, eu estou pensando agora, eu acho que eu teria problemas pra dizer um sim... não porque é com ela (Luciana)”.

A respeito da história dos dois, Marcelo afirma “Eu sei que tem várias coisas na história que não são como as pessoas contam ou como a história realmente é. Mas também não uso isso para me isentar de nada e também nem quero me isentar de nada, para mim o que for a minha culpa de verdade e o que não for minha culpa de verdade, mas que ela (Luciana) entenda que é minha culpa, tudo bem. Daí o que acontece, tem muitas coisas que eu passei lá (Nova Zelândia), que me preocuparam muito e que eu também, eu nunca comentei isso também com ela. Porque, não iria amenizar a dor dela em nenhum momento e não chegava nem perto da dor que ela também tinha, também tenho consciência disso”.

Em relação à primeira viagem à Nova Zelândia, Marcelo conta que naquele momento Luciana estava muito preocupada em função da gravidez, gerando diversas discussões entre o casal. Então explica “Quando ela tinha algumas atitudes, por conta de tudo isso que ela explicou, daí, eu saía daqui e ia para casa e não contava nada para minha mãe, mas mesmo eu não contando nada pra minha mãe, ela virava e falava assim ‘ela deve estar fazendo isso, isso

e isso' só que isso, isso e isso era o que ela estava fazendo e eu parava e pensava 'nossa...' e aí rola a pressão e a imaturidade... E eu não agüentei a pressão daqui”.

Sobre a segunda viagem à Nova Zelândia, após o nascimento do filho, Marcelo explica “Agora é uma coisa que eu discordo em várias questões foi a segunda vez, porque a segunda vez, eu tinha o intuito, não falei exatamente para ela, porque ela é, igual ela falou, ela é uma pessoa enraizada... Para mim foi uma coisa, que eu tinha um objetivo que quando eu cheguei lá, eu não consegui concluir esse objetivo, passei uma semana lá também terrível... Naquele momento eu estava lá, minha idéia era falar para ela ‘eu tenho um dinheiro, vem pra cá, a gente vai fazer a nossa vida aqui’... Então essa era a minha idéia quando eu estava lá, eu já tinha arrumado alguns empregos e tal, mas eu não tive coragem de fazer isso... É, não sei se era direito a palavra, mas eu não tinha direito vai, de virar para ela e fazer uma proposta dessas, depois daquilo que eu tinha acabado de fazer com ela. Na verdade na minha cabeça o meu direito, é, na verdade eu estava me sentindo assim ‘na minha vida eu não vou fazer mais nada’, como se eu tivesse me penitenciando, vê se você me entende, mas tipo, ‘vou cuidar do meu filho e tudo que ela precisar vou fazer, em todos os sentidos, assim, eu vou ficar aqui, se ela quiser ter um relacionamento, tudo bem’ e por causa disso, quando eu estava lá eu não tive coragem, tanto que eu voltei antes”.

### Decisão pelo casamento

Quando questionados sobre a influência da gravidez na decisão pelo casamento, ambos demonstraram-se bastante confusos, retomando assuntos anteriores, como a questão de Marcelo gostar de viajar, as brigas com a mãe dele, entre outros. Então Luciana afirma “Ai, não sei, não sei se seria diferente... A gente estava conversando isso esses dias. Acho que não é só por causa do Jairo, eu sempre amei muito ele, não pensava em separação, amava também a idéia de ter uma família estruturada. Mas assim, o que eu fiz para ficar com ele, o que eu passei por cima para ficar com ele, para não deixar influenciar as minhas mágoas no nosso relacionamento, para não descontar, para ver que eu também tive culpa neste processo entendeu, eu penso, se ele fez tudo isso comigo, é porque eu deixei. Hoje, a coisa que eu mais admiro nele, é ele como pai, a pessoa que ele se transformou, a bondade, então assim, às

vezes eu vejo ele com o Jairo e falo para ele, ‘está vendo, foi por isso que eu lutei, para ver esse momento’. É muito assim, eles tem uma afinidade fora de sério, eles tem uma relação, que não dá para explicar, então eu lutei para isso, mais do que o meu amor, foi para esse elo deles dois, que eles têm hoje. Então é meio que missão cumprida, mais do que a gente se amar, claro, eu continuo amando ele, assim, imensamente, eu não sei fazer minhas coisas, sem ter ele do lado, eu não penso em nada sozinha, mas mais do que isso, eu me sinto mais feliz quando eu vejo um gesto dele para o Jairo, do que dele para mim, você entende. Porque o Jairo é meu herói... É, eu acho que hoje a gente não está junto pelo Jairo, a gente está junto e o Jairo fortalece tudo isso, ele amadurece a gente, a gente se preocupa muito com o Jairo”. Marcelo complementa a esposa dizendo “não só o Jairo, né, é o Jairo e o Carlos”.

#### Primeiros anos de casamento

Luciana afirma que foram nos primeiros anos de casamento que Marcelo passou a perceber as características da própria mãe. Explica: “Porque, a gente começou a criar, a se moldar do jeito que a gente gosta, porque a gente é parecido, neste aspecto de pensar o que a gente quer para o nosso filho. Aí também ele voltou a ter muito contato com o pai dele, que é muito parecido com ele, é justo, é sincero. O pai dele é muito transparente, a mãe dele não, a mãe dele é cheia de mistério, porque ela está sempre articulando. Então assim, a gente passava quatro dias lá na casa do pai dele, depois voltava para cá e via a estrutura que a mãe dele e o padrasto tem, ele via como era pesado, como era diferente, e ele conseguiu identificar essas coisas... Claro que ele não tem raiva da mãe dele e nem eu estimo isso”. Marcelo concorda com a esposa e diz “Minha mãe é uma personalidade muito forte, muito e eu passei anos da minha vida, achando normal e com a Luciana só que eu fui perceber algumas coisas que ela fazia e que eu não percebia antes, mas demorou também”. Luciana completa:

Luciana: “Sabe, então você está vendo como a mãe dele seduz ele...”

Marcelo: É, você também...

Luciana: (Gargalhadas)...

Marcelo: Ah, mas é...

Luciana: Que horror!! (risos)...

Em seguida, Luciana relembra “Mas ele não estava no chá de bebê, foi a primeira coisa, depois a primeira vez que o Jairo comeu papinha, então tudo isso, é o que eu falei para ele, já está escrito”.

### Relacionamento conjugal

Luciana conta que o principal motivo de desentendimento entre o casal é a paixão de Marcelo por viagens. Relata que o marido “sempre dá um jeito” quando o assunto é viagem e isso a incomoda. Então Marcelo tenta se explicar “Não, porque às vezes quando ela quer uma coisa e eu estou...” e Luciana o interrompe dizendo “Ele não sabe falar não para mim”. Neste momento Marcelo expõe: “É como se, não vou desagradar, não quero desagradar, eu já sou tão criticado, já critica tanta coisa que eu faço e aí eu vou ficar desagradando. E tem outro problema que eu acho que eu vejo. Eu passei a minha vida inteira ouvindo a minha mãe falar mal de homem, então eu cresci na verdade falando ‘eu não vou crescer esse cara’, só que o problema é que hoje eu percebo o porquê que esse cara fazia tal coisa, entendeu. Hoje eu percebo o porquê que eles tinham tal ou tais respostas, mas só que eu não consegui ainda, eu não consigo falar o que ela faz de errado, eu não falo, guardo para mim”.

A esposa aponta que Marcelo costuma guardar as coisas para si e ficar bravo. Ele então aponta que a solução é simples, é só a esposa o agradar que ele esquece o acontecido. Então explicam que a forma como resolvem os conflitos é “esquecendo”, Luciana relata que ela tem um temperamento mais explosivo, quando se sente incomodada, fica nervosa e grita, mas logo depois acabam esquecendo o acontecido. Marcelo aponta que acredita que falta um momento de conversa entre o casal.

Quando questionados sobre o tempo reservado para o casal, demonstram-se confusos, debatem sobre o início do namoro e a dificuldade de Marcelo em assumir a relação, em

seguida, apontam que, atualmente, o tempo para o casal é escasso. Luciana explica: “É, porque assim, o Jairo não deixa a gente conversar, então eu chego em casa às onze horas da noite todo dia e às vezes que a gente está conversando, ele fica do lado assim ‘mãe, agora é minha vez, posso falar com meu pai’, ‘mãe, por favor, posso falar com meu pai’”.

Em relação aos planos futuros Luciana responde “casamento” enquanto ao mesmo tempo Marcelo responde “viajar” o que gera risadas por parte do casal. Assim sendo, Luciana expõe “Então a gente vai ter que fazer meio a meio, parece que também, se a gente não tiver dinheiro e a gente tiver que escolher...”. Marcelo então explica que a prioridade do casal é comprar um apartamento, podendo, assim, sair da casa dos pais de Luciana e evitar a interferência dos mesmos no relacionamento familiar. Relatam que a família de Marcelo também interfere, exigindo muita atenção.

Sobre a possibilidade de terem mais filhos Luciana responde enfaticamente que não. Quando questionado pela pesquisadora, Marcelo afirma: “Acho que não, mas é ela quem sabe” e vira-se para brincar com o filho, que neste momento está no chão com seus brinquedos. Luciana então explica novamente todo o sofrimento que passou durante a gravidez e afirma que não quer sofrer isso novamente.

A respeito da construção e manutenção do relacionamento, Luciana responde: “Acho que a paciência, você tem que ter muita, aturar muita coisa”. Marcelo então afirma: “Acho que tudo aquilo que está no quadro, que a gente fez no noivado”. Explica que na viagem à França, quando ele a pediu em casamento sugeriu que criassem um quadro pontuando tudo que achavam importante para o relacionamento deles. Marcelo mostrou o quadro à pesquisadora, onde, entre outras palavras, estava escrito: amor, fidelidade, companheirismo, respeito, paciência, confiança, Jairo, Carlos. O marido explica: “Mas às vezes eu dou uma olhada no quadro, vejo algumas coisas que eu falo ‘putz, está faltando’. Às vezes você se perde, você esquece de alguma coisa, tem algumas palavras aí que não pode esquecer. Mas só que daí às vezes quando a gente briga e tal, eu vou dormir, eu dou uma olhada, daí eu vejo uma palavra, de uma coisa que eu esqueci e ao mesmo tempo vem uma palavra de alguma coisa que ela esqueceu também. Mas daí na hora, eu acabo dormindo, deixo passar e pra variar, eu acabo não falando a palavra que ela esqueceu”.

Luciana relata que Marcelo é o responsável pelos cuidados com o filho, “ele leva o Jairo na escola, ele traz, o Jairo faz a lição de casa com ele, ele é muito mais paciente, ele faz muito mais parte da vida do Jairo...”. Ainda, Marcelo é o responsável pelas compras de supermercado e por cozinhar para a família.

### Histórico da família de origem – Marcelo

Sobre seus avós paternos, Marcelo conta que o avô era baiano, casou-se com sua avó e tiveram seis filhos. Explica que só esteve com seus avós paternos uma vez, portanto não tem maiores informações. A respeito dos avós maternos relata que avó era índia e se casou com um italiano. Explica que eles tiveram vários filhos, cerca de vinte filhos, mas que eles entregavam os filhos a outras famílias para cuidarem. Conta que sua mãe morou com a avó até os oito anos e em seguida, foi para São Paulo, morar e trabalhar na casa de uma família de poder aquisitivo alto.

A respeito de seus pais Marcelo tenta explicar que primeiramente sua mãe conheceu um homem, que hoje é seu padrasto, quando Luciana o interrompe e conta a história da sogra. Luciana diz que ela namorava um homem, que engravidou ela e a irmã dela (Tia de Marcelo) e decidiu-se casar com a irmã, abandonando a mãe de Marcelo. Ela teve o filho, porém o entregou a uma família para ser cuidado e se mudou para o interior, onde conheceu o pai de Marcelo, casou-se e engravidou. Luciana continua contando “Só que aí ela engravidou do Marcelo, só que a minha sogra ela é muito gananciosa e o meu sogro é muito simples... E aí, aqui em São Paulo, o padrasto do Marcelo teve mais dois filhos com a tia dele e a tia dele não valia nada, traiu ele. Ele descobriu e fez uma proposta para a minha sogra, para vir para cá... Ela seduzida por tudo, porque ela era, ela é gananciosa, pegou o Marcelo e foi embora”.

Marcelo tenta retomar a história dizendo “Daí, só voltar um pouquinho, meus pais eles tinham uma casa, um terreno assim, aí no meio da discussão ela falou ‘não eu vou embora’ e tal e ele ‘quer ir vai’”. Neste momento novamente é interrompido por Luciana que diz: “É, a sua mãe, a sua mãe usa palavras para justificar as atitudes dela, em uma briga de casal a gente fala coisas absurdas e depois volta atrás, sua mãe é muito manipuladora, muito, então ela usa as palavras como ela quer, ao que convém”. Luciana prossegue explicando que a sogra voltou para São Paulo e exigiu que o padrasto de Marcelo procurasse o filho que ela havia entregue. Conta que encontraram e explica “Mas o menino não convive com eles, porque a minha sogra ela não sabe dividir o amor, ela diz que só ama o Marcelo, que dois filhos é dividir o amor”.

Neste momento da entrevista a pesquisadora pergunta a Marcelo se ele quer contar a sua história e ele responde “Não, até a minha parte ela já falou”. Então Luciana explica que a mãe de Marcelo sente mais liberdade em contar para ela a sua história e prossegue falando da sogra.

#### Histórico da família de origem – Luciana

Luciana conta que seu pai é filho de portugueses. Afirmar não ter conhecimento sobre como seus avós se conheceram, mas sabe que sua avó mudou-se para o Brasil ainda grávida do primeiro filho. Seus avós tiveram sete filhos e já faleceram. Sobre o relacionamento conjugal de seus avós paternos Luciana explica: “Meu avô era um português muito ruim, batia na minha avó e ela era muito submissa. Depois que ele faleceu ela voltou a rir, ela voltou a brincar. Meu avô, se ela risse, se ela gargalhasse do jeito que ela gostava, ela apanhava, então assim, ela respeitou muito a morte do meu avô, mas foi um alívio para ela”.

Sobre seus pais relata que se conheceram na escola e namoraram por dez anos. Afirmar que a mãe era única filha mulher de três irmãos homens e, portanto, tinha uma vida bastante controlada, expõe: “Ela não podia fazer nada, então casou para ter a vida dela, mas voltou da lua de mel grávida, então ela não queria e o corpo dela rejeitava esta gravidez”. Conta que a mãe estava grávida dela e explica: “A minha gravidez não foi uma gravidez desejada, a minha mãe teve depressão pós-parto, minha mãe não me amamentou, minha mãe não me queria... Foi tudo um parto para ela, aí quando eu nasci o meu pai se apaixonou. Então assim, eu era muito bonita, eu chamava muita atenção, então ela tinha raiva de tudo aquilo, porque meu pai era louco por mim. Então a partir do momento que ela conseguiu ter realmente meu pai e ter a vida dela e tudo mais, ela teve que dividir ele com alguém”. Luciana conta que seu relacionamento com a mãe sempre foi conturbado, com brigas e agressões. Relata que em seguida sua mãe teve um filho, que faleceu aos seis meses e posteriormente sua irmã. Afirmar que a mãe “não era uma boa mãe”, explica que a mesma nunca foi carinhosa com os filhos e também, não tinha paciência.



A respeito do relacionamento de seus pais afirma “Ah, a minha mãe deixou tudo para acompanhar ele, hoje ele joga isso na cara, tipo ‘ah, você podia ser alguém, mas você não é, você não trabalha, você não faz nada’ e ela fez tudo isso achando que estava fazendo por amor e ele não dá valor para ela, justamente porque ela deixou de fazer tudo isso, entendeu. E hoje, eles precisam do Carlos para se relacionar... Ela acha que se não fosse o Carlos o casamento já tinha acabado, que meu pai teria largado dela, porque o que segura os dois juntos é ele e teria mesmo, porque meu pai volta mais cedo para casa para ver o Carlos, meu pai leva eles para sair por causa do Carlos”.

Referindo-se aos avós maternos, afirma que sua avó faleceu quando ela tinha três anos, mas explica “Por mais que eu tenha ficado pouco tempo com ela, ela foi quem realmente me apoiou quando a minha mãe não me quis. Ela cuidou de mim quando a minha mãe estava com depressão pós-parto. Então esse carinho que a gente criou, este vínculo, foi como se ela fosse a primeira que tivesse me aceitado, me amado, e me acolhido. Então para mim ela é muito especial e para mim, saber isso bastava, eu nunca soube muito mais sobre a vida dela”.

### Relacionamento Anterior Luciana

Luciana conta que Carlos, seu primeiro filho, veio de um relacionamento que durou seis anos. Eles tentaram estabelecer uma relação durante os dois primeiros anos de vida do filho, mas o marido era muito ciumento, discutindo com diversas pessoas. Aponta que o momento culminante para o término do relacionamento foi quando o namorado enfrentou o pai de Luciana. Explica que ele acompanha o crescimento do filho, visitando-o cerca de uma vez por mês.

### Contato Final

Ao final da entrevista Luciana insistiu em levar a pesquisadora até o ponto de táxi e seguiu todo o caminho falando. Primeiro sobre o marido não conseguir falar não para ela, afirmando que acredita que se ele conseguisse o relacionamento dos dois iria melhorar, pois ela se sentiria mais atraída pelo mesmo. Em seguida, relatou sobre seus medos, principalmente em relação às mulheres sozinhas, afirmando que a rua é muito perigosa, que ela se sente insegura e teme constantemente possíveis tentativas de estupro, principalmente à noite. Demonstrava-se excessivamente preocupada, olhando para os lados a todo momento, quando não estava falando sobre isso, falava sobre a mãe do Marcelo e os acontecidos anteriores, procurando confirmação da pesquisadora sobre o entendimento da situação.

#### Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais

A entrevista foi realizada na sala da casa, onde tinham dois sofás dispostos em forma de “L”, a pesquisadora se sentou na ponta do sofá de dois lugares, Luciana se sentou na ponta do de três, bem próxima à pesquisadora. Quando Marcelo veio à sala, se sentou na outra ponta, posicionando-se distante da esposa e da pesquisadora. A maior parte do tempo da entrevista, Luciana permaneceu de costas para o marido, dirigindo o olhar a ele poucas vezes. Não houve nenhum contato físico entre o casal.

O espaço da entrevista foi tomado em sua maior parte por Luciana, que adotou uma postura controladora e centralizadora, tomando a frente a assuntos relacionados ao marido, bem como, interrompendo suas falas. A esposa também fazia afirmações a respeito de sentimentos e gostos do marido. Luciana discursa compulsivamente e deposita muita intensidade nas palavras, dificultando inclusive o questionamento da pesquisadora, causando mal estar na mesma. Nos momentos em que a pesquisadora direcionava o espaço a Marcelo, Luciana desmonstrava-se angustiada e, em poucos minutos interrompia o marido, novamente dando as costas a ele e, centralizando o assunto em si mesma e em suas questões. Ainda, em determinado momento, quando o marido explicava sua perspectiva acerca da história do casal,

Luciana mostrou-se extremamente incomodada, levantando-se e saindo com o filho. A esposa retornou minutos depois.

Marcelo apresentou dificuldade em ocupar devidamente seu espaço. Ao início da entrevista, mostrou-se desinteressado, adotando uma postura distante, como se a mesma fosse um espaço exclusivo da esposa. Concordava com as colocações de Luciana e apenas completava suas frases. Depois de algumas vezes em que a pesquisadora direcionou a atenção a ele, abrindo-lhe um espaço, Marcelo descrevia sua opinião, entretanto, passou a apresentar-se incomodado com a dificuldade de escuta por parte da esposa e suas constantes interrupções. Contratransferencialmente, esta configuração despertou na pesquisadora uma grande sensação de peso, gerando esgotamento e exaustão no transcorrer da entrevista. O mesmo sentimento de cansaço e exaustão se fez presente na transcrição das fitas e análise da mesma.

Durante toda a entrevista, os contatos e interações do filho foram direcionados a Marcelo, que claramente assume o cuidado da criança. Luciana demonstra-se excessivamente magoada com os acontecimentos passados e a interferência da mãe de Marcelo na relação dos dois, retomando o assunto constantemente. Mesmo nos momentos em que o filho não estava presente, o casal permaneceu sentando cada um em uma ponta do sofá, não houve contato físico entre os cônjuges em nenhum momento, apresentando-se distantes um do outro.

### Casal 4 – Antônio e Denise

Antônio – 29 anos

Denise – 26 anos

Paulo – 8 anos

José – 3 anos

#### Primeiro Contato com o Casal

Denise encaminhou um e-mail à pesquisadora demonstrando interesse em participar da pesquisa. Em seguida, foi realizado um contato telefônico com a mesma, com intuito de confirmação dos dados de enquadramento e agendamento. Denise demonstrou-se solícita, afirmando que confirmaria uma possível data com o marido. No mesmo dia Denise retornou a ligação agendando a entrevista, fornecendo explicações da localização da residência do casal e insistindo em encontrar a pesquisadora na estação de metrô próxima a sua casa.

A entrevista foi realizada dez dias após o primeiro contato via e-mail. Denise foi ao encontro da pesquisadora na estação do metrô, estava acompanhada do filho mais novo do casal, afirmando que o mais velho estava em casa esperando a comida que haviam pedido via delivery. Denise explica que o marido está um pouco atrasado e pede desculpas. Chegando a casa, ela serve a comida aos filhos e senta-se no sofá com a pesquisadora. Em conversa inicial, Denise afirma que os filhos são “ótimos”, que sempre que podem ajudam os pais e pede desculpas por ela ser “atrapalhada”, perdendo o celular, entre outras coisas. Em seguida, pede informações sobre a pesquisa e comenta: “Eu brinco com o Antônio que ele casou comigo por dinheiro”, então explica que o casal precisou oficializar a relação para retirarem o financiamento da casa em que moram.

Antônio chega à residência acompanhado de um casal de amigos. Denise então explica que eles são os padrinhos de Paulo, que vieram brincar com os filhos enquanto ela e o marido

respondem à pesquisa. Antônio senta-se em uma cadeira próximo a Denise. A pesquisadora fornece as explicações necessárias e o Termo de Consentimento é devidamente assinado. O gravador é entregue à Denise, com a solicitação de posicioná-lo próximo ao casal. A esposa decide apoiá-lo no braço do sofá, entre ambos.

### Histórico do casal

Antônio e Denise se conhecem e cerca de três meses depois descobrem a gravidez, resolvem ter o filho e prosseguem com o namoro. Dois anos depois Denise se muda para a casa dos pais de Antônio, permanecendo lá por um período de oito meses depois, se mudam para um apartamento. Um ano e meio após a mudança Denise engravida de seu segundo filho.

### Início da relação

Denise afirma que morava no Paraná com o pai e veio a São Paulo visitar sua mãe. Nesta visita conheceu Antônio em um bar, devido a uma amiga em comum. Explica: “Acabamos ficando e aí eu ia passar uma semana aqui, nessa uma semana que eu passei aqui a gente ficou junto. Depois eu fui para o Paraná e a gente continuou se falando por telefone e tal. Dois meses depois eu vim morar aqui, já com a minha mãe, vim morar com a minha mãe e aí a gente começou a namorar, aí, um mês depois eu engravidei”. Desta forma, Denise e Antônio namoraram por três meses antes da gravidez, sendo dois meses um relacionamento à distância.

### Descoberta da gravidez

Sobre a descoberta Denise afirma: “Minha primeira reação foi, ele vai achar que não é dele, minha primeira reação, porque a gente se conhecia, a gente se curtia, mas a gente não tinha... Eu não conhecia ainda a minha sogra, não conhecia a família, não conhecia os hábitos dele direito e tal. A reação dele foi comer uma feijoada sozinho. Verdade, eu entreguei o exame, ele falou ‘vamos’, a gente foi até o restaurante, ele não falava comigo, ele só comia, aí depois a gente sentou e resolvemos ter, né. Porque o primeiro pensamento é ‘vamos tirar né’, era uma coisa que passou pela minha cabeça a princípio e eu abandonei a idéia quando ele falou para mim assim ‘você não está pensando em tirar né, a gente está junto nessa’ foi quando eu falei ‘então, então ficamos juntos nessa’. E aí foi enfrentar a família, que foi tranqüilo da minha parte”.

Antônio comenta que para sua família também foi tranqüilo aceitar a gravidez, pois sua irmã também estava grávida do namorado. E relembra que a sensação que sentiu quando recebeu a notícia foi de medo, explica: “Dá medo, porque, ter uma criança, eu nem conhecia ela. Assim, na minha cabeça não ia dar certo”. O casal afirma que naquele momento, a decisão tomada foi por ter o filho e continuar o namoro, Denise expõe: “Eu achava muito brega casar porque estava grávida, ele não queria se amarrar naquele momento e eu entendi muito bem. Então assim, a nossa primeira decisão foi a mais acertada eu acho, um passo de cada vez, vamos primeiro ter o filho, depois a gente vê o que faz”.

Retomando o sentimento diante da descoberta, Denise aponta: “meu grande medo na gravidez foi, eu não tinha terminado os estudos, o que eu vou fazer, eu nunca tinha trabalhado, eu era filhinha de papai, aí de repente um filho, era muito estranho.”. O casal conta que Denise permaneceu residindo com a mãe, Antônio na casa dos pais e continuaram namorando. Denise comenta: “O nosso grau de independência era zero, porque eu morava com a minha mãe e não trabalhava. Ele trabalhava com a mãe, então o grau de independência era zero. Acho que é isso que foi o impacto maior, foi a partir da gravidez que a gente começou a querer crescer, querer sair da barra da saia de alguém”. Ambos contam que em seguida, Denise foi trabalhar em loja de shopping e Antônio arrumou um emprego meio período durante o dia e outro em que trabalhava a noite toda. Sendo assim, o casal se via apenas um dia nos finais de semana, Denise conta: “era namorado de final de semana, só que

inclui um filho aí”. Este funcionamento perdurou por cerca de dois anos, Antônio estudava e trabalhava, enquanto Denise se responsabilizava pelos cuidados com o filho e finalizava seus estudos, afirmam que tiveram grande ajuda por parte das famílias de origem, principalmente uma tia de Denise.

### Decisão pelo casamento

Acerca da escolha por estabelecer uma vivência familiar e de casal, ambos afirmam que ocorreu como um processo natural, Denise conta: “Foi indo, foi indo, foi muito natural. Ele dizia que queria ficar mais perto de mim e do Paulo e eu dizia que queria que ele fosse mais presente na vida do Paulo e na minha. O único jeito de fazer isso era esse (morarem juntos). Mas não teve um pedido formal mesmo, foi super natural”. Neste momento, o casal relata que iniciaram um financiamento para comprar o apartamento e cerca de dois anos após o início da relação Denise foi morar na casa dos pais de Antônio.

Sobre a mudança para a casa dos pais de Antônio, Denise explica a decisão: “Eu morava na minha mãe, estava tudo certo. Quando eu estava grávida de três meses, a minha mãe engravidou, eu tenho um irmão da idade do meu filho, mais novo até. E aí estava tranquilo, a gente fez o pré-natal juntas, chá de bebê e tal. Quando as crianças nasceram, começou a gerar alguns problemas de preferências. E aí um dia meu padrasto, os dois brigaram, foi defender o dele e agredir o meu, aí eu entrei no meio não deixei, foi aquele barraco. O apartamento estava pronto, o nosso, já estava pronto, já tinha sido entregue as chaves, mas a gente estava com a idéia de mobiliar ele todo primeiro para depois entrar. Aí eu resolvi adiantar o ponto, porque estava insustentável ficar na casa da minha mãe. Aí eu fui para casa da minha sogra, com a idéia da gente comprar rápido um fogão, uma geladeira e uma cama, para gente ir para o apartamento. E aí eu acabei ficando oito meses, porque alguém não queria sair da casa da mãe e o apartamento lá, vazio.”.

Antônio confirma e expõe que era muito confortável morar na casa da mãe, pois não precisava se preocupar com nada, era “um hotel cinco estrelas”. Denise então comenta: “a gente morou junto na mãe dele oito meses antes de ir pro nosso apartamento, mas era assim,

eu lavava a minha roupa, a empregada da mãe dele lava a dele, eu arrumava a minha cama, a empregada arrumava.... porque a gente dormia, a gente não dormia junto, porque ele trabalhava de madrugada, a minha rotina era completamente diferente da dele. Eu convivia mais com a minha sogra, meu sogro, meu cunhado, para você ter ideia, dormia em um quarto, estes oito meses, eu e ele, o Paulo e o irmão dele (Antônio), que era da minha idade na época, então tudo isso era conturbado, a gente não tinha uma relação de marido e mulher, a gente tinha uma relação de, de... ele não voltava pra casa, ele não era o chefe de família né, e eu não era a dona da casa.”

### Primeiros anos de casamento

Ambos concordam que os conflitos se intensificaram quando foram morar juntos. Denise conta que o período de transição da casa dos pais de Antônio para o apartamento foi “traumático”, relata a ausência de responsabilidade que vivenciavam no período em que habitavam a casa dos pais de Antônio, e explica: “quando a gente mudou para o apartamento, nós continuamos com a visão de que o outro faria... ‘ah, não vou fazer porque ela faz’ e eu ‘ah, não vou fazer porque ele tem que fazer, ele tem que me ajudar’. Então, são muitas obrigações, que na verdade não são de ninguém, é só para o bem comum, muitas obrigações a gente ficava apontando, então não tinha como dar a liga, né... E assim, ele queria uma vida de solteiro e eu queria ter uma vida de dona de casa, eu não podia ter a vida de dona de casa porque eu queria trabalhar, não podia deixar a casa brilhando, o que me incomodava muito e ele não podia ficar no bar com os amigos, porque eu cobrava isso dele”.

Antônio concorda com a esposa e complementa “Eu acho que é falta de maturidade também, porque eu nunca tinha feito nada, até então a minha mãe sempre fazia tudo para mim”. Denise explica a diferença entre os dois devido à criação recebida por seus pais. Afirma que o marido é de família tradicional, que tem por modelo o pai trabalhando e a mãe dedicada aos cuidados dos filhos. Enquanto ela, filha de pais separados, sempre assistiu a mãe trabalhando e o pai dividindo o cuidado dos filhos. Relatam que estas diferenças se perpetuaram por cerca um ano de casamento, no qual tiveram muitas discussões. Antônio comenta: “Eu esperava ela chegar, onze e pouco, porque meia noite tinha que estar no



trabalho, então se via tipo meia hora. Ela trabalhava de domingo, eu não via ela, continuava sem ver a semana inteira e mal no fim de semana, mesmo morando juntos”.

Denise complementa “Eram muitas cobranças e pouca convivência, porque não batiam os horários. Então, o que que ele fazia à tarde? Ficava na mãe dele, me irritava muito, porque ele tinha a casa dele, ele tinha o apartamento dele, que ele podia estar lá, sei lá, trocando a lâmpada. Mas ele ficava lá, então almoçava na mãe dele, ficava no computador, não tinha carro, só tinha moto, então ele usava o carro da mãe, ainda era muito dependente. As roupas dele às vezes, eu não era uma dona de casa, então, às vezes eu manchava alguma coisa, estragava alguma coisa, ele ficava muito bravo, então ele direto vinha trazer roupa na mãe dele”. Neste momento, o marido complementa:

Antônio: “Até hoje eu levo roupa na minha mãe.”.

Denise: “Hoje eu até peço para ele levar, mas assim, a cama dele ainda existe na mãe.”

Antônio: “E o armário também, qualquer dia eu vou voltar para lá.”  
(risos).

Após um ano e meio morando juntos em seu apartamento, Denise engravidou do segundo filho. Explica que estavam pensando na possibilidade de ter mais uma criança, mas que a gravidez também não foi planejada. Conta “Eu tomava um tipo de anticoncepcional que era injeção e o médico pediu para eu parar, tinha que dar um tempo porque era muito hormônio. Aí eu tinha que parar três meses e nesses três meses eu acabei engravidando”. Antônio continua explicando “Assim, eu não queria outro naquele momento, se não viesse por mim eu não teria até hoje. Porque assim, o Paulo já tomava banho sozinho, já fazia as coisas sozinho e a gente começou a ter tempo para gente, que a gente não teve... Desde o começo, se for ver, a gente nunca namorou, aí a gente começou e já veio o José”.

Denise prossegue dizendo, “aí foi outra luta, porque então tínhamos dois e a rotina muda completamente”, gerando novos conflitos entre o casal. Em função da chegada do segundo filho, o casal decidiu trocar o apartamento por uma casa maior para a família. Para utilizarem o fundo de garantia da esposa na compra do novo imóvel, foi necessário realizarem

um casamento no civil, Denise afirma “A gente nunca teve necessidade de casar” e Antônio complementa “Nunca teve a vontade, mas aliança sempre usou”.

### Relacionamento conjugal

Quando questionado sobre como resolviam os conflitos entre o casal, Denise referindo-se aos conflitos do primeiro ano de casamento afirma: “Olha, eu nem sei te dizer exatamente como a gente resolveu. Eu acho que o amor foi crescendo, sabe, ao longo do tempo, com pequenas coisinhas. Por exemplo, quando a gente brigava, a gente quebrava o pau, brigava, ficava uma semana sem se falar, quando ele queria fazer as pazes, ele não tinha por hábito, até hoje ele não tem, de pedir desculpas, de chegar e falar ‘pisei na bola, foi mal’. Eu já falo muito, eu já gosto de discutir relação, ele não, ele é mais reservado, mas o que que ele fazia? Ele fazia um prato que eu adorava. Então foi com estas pequenas coisinhas e a vontade de dar certo”.

Neste momento da entrevista a pesquisadora questiona o motivo pelo qual queriam que a relação desse certo. Após um grande silêncio, Antônio responde. Segue recorte da entrevista:

Antônio: “Não sei.”

Denise: “Eu acho que foi o amor... Eu acho que foi o amor, não foi?”

Antônio: “Deve ter sido.”

Denise: “Eu acho que foi, eu tinha muita vontade de dar certo, de que desse certo, eu não gosto de fracassar em nada, quando eu entro é para dar certo, né. E, muitas vezes... É para abrir o coração né?! Vou abrir... Muitas vezes eu pensei, ‘eu vou embora desse lugar, que que eu to fazendo aqui, está tudo ruim’, só que lembra que eu briguei com a minha mãe, eu não tinha para onde ir. Então eu já engoli muito sapo, eu já não chutei o balde muitas vezes por não ter para onde ir. Até teria, se a situação ficasse gravíssima, eu teria para onde ir, mas, eu também tenho

um orgulho que não me deixava, a crise era muito menor do que orgulho de pedir arrego pra minha mãe. Então muitas vezes eu pensava ‘não, eu vou agüentar, eu vou fazer dar certo, porque eu não tenho para onde ir agora, então eu tenho que fazer dar certo aqui’. Já aconteceu muitas vezes, de eu pensar isso muitas vezes.”

Antônio: “Que medo!!”

Denise: “Você não pensava isso?”

Antônio: “Não, eu tinha. Nunca pensei nisso...”

Em seguida, Denise continua explicando que acredita que a participação dos pais de Antônio foi fundamental para a estruturação conjugal dos dois. Relata que eles sempre estiveram presentes auxiliando nos cuidados com o neto e a casa, bem como, aconselhando o casal sobre o relacionamento. Afirma que a interferência deles no relacionamento familiar era “maravilhosa”. Antônio dá continuidade à fala da esposa dizendo: “O que ajudou muito também, foi assim, ela saiu do shopping e entrou em outro emprego, aí ela trabalhava em um horário normal. Aí ela começou a me encher para mudar de horário, porque eu continuava trabalhando à noite, aí eu também mudei, aí já ficou os dois sabe em horário comercial e os dois chegavam em casa. A gente começou a entrar na rotina de casal mesmo”. Relatam que esta rotina suscitou em ambos a necessidade de construírem planos em comum, fator que também foi influenciado pelas necessidades do filho.

Relembrando este momento da relação Denise afirma “Eu até estava pensando estes dias, dentro dessa nossa trajetória de casal, nós estamos começando a fazer coisas só a gente agora. Então por exemplo, nós viajamos sozinhos, os dois, só nós dois, uma vez, que foi há um mês atrás, dois meses, a gente pegou um fim de semana e fomos só nós dois, jogar boliche, nós nunca fomos só nós dois, sabe. São coisas simples, mas que a gente não fez só nós dois, porque a gente não teve tempo e agora a gente pretende ter. Hoje a gente faz questão de um tempo para a gente, a gente sai só nós dois, vamos ao teatro, a um show”. O marido afirma que pelo menos uma vez por mês eles tentam sair só os dois.

Sobre o relacionamento do casal, quando questionados, Antônio afirma “Ah, todo casal briga, como pais assim não” e então Denise explica “A gente tem uma sintonia boa em relação às crianças” e retoma o relacionamento conjugal dizendo “A gente já teve muito mais brigas, muito mais brigas. Hoje está mais tranquilo, mas ainda tem. Neste momento, por exemplo, hoje é sexta, está fazendo cinco dias que a gente está de mal. A gente brigou na

verdade no sábado passado e a gente não conversou ainda sobre a briga do sábado, então a gente ainda tem que sentar para conversar”. E Antônio continua “Sim, mas é que vai mudando. Hoje, em relação ao que eu sou e ao que eu era, assim, antes. Que nem, pelo menos uma vez por semana você vai com suas amigas e eu pelo menos, no mínimo, se eu não saio de quarta-feira, eu saio de sexta. Então assim, isso no começo, imagina, eu saía, ela não podia, entendeu, se ela falasse que ela saía, eu virava um monstro, sabe, ‘não, não vai, porque eu vou junto, eu vou junto’. Então assim, você vai mudando com o tempo e isso vai facilitando o relacionamento”.

Denise prossegue dizendo “Ah, o que eu vejo é que a relação mudou muito, mas muito de lá para cá. É que assim, eu evolui, ele evoluiu e a gente nunca, a gente já falou algumas vezes ‘então tá, vamos separar’, toda briga a gente fala, ele fala ‘então tá, quer que eu vá embora?’. Na época que a gente estava no apartamento...”. Neste momento Antônio interrompe a esposa dizendo “Ah, mas a gente ficou uns três meses separados, quatro” e Denise pergunta ao marido se quer mesmo falar sobre o assunto. Desta forma, explicam que o período em que já estavam no apartamento e Antônio trabalhava à noite, durante a tarde ficava na casa da mãe ou em bares, o que incomodava muito a esposa. Certo dia “flertou” com uma garota em uma lanchonete e a esposa descobriu através do celular do marido. Denise conta que arrumou as coisas do marido e levou para a casa da sogra, dizendo “estou devolvendo”. Relatam que ficaram alguns meses separados. Denise comenta “foi até eu me recuperar do baque, aí depois a gente sentou, conversou e decidimos nos dar uma segunda chance. Eu acho que foi aí que ele acordou para a vida, para o chefe de família... Caiu a ficha do que ele queria para ele.”. O casal explica que hoje em dia os conflitos são bem menores e que existe cumplicidade entre o casal.

A respeito da constituição e manutenção do relacionamento, Denise afirma a importância de ceder, afirma que é preciso abrir mão de certas coisas em função do outro e complementa dizendo “Eu acho que de verdade, o segredo da nossa relação estar até hoje é a liberdade, que ele aprendeu a me dar e que eu sempre dei para ele”. Antônio concorda e acrescenta que é importante mudar, explica que em função do casamento mudou características e opiniões suas que geravam conflito.

Em relação aos planos futuros, Denise afirma “A gente está em um conflito, porque eu tenho um plano e ele tem outro, sendo bem sincera. Eu tenho um plano de reformar essa casa, aumentar, construir, fazer acontecer a casa dos meus sonhos, ele tem um desejo há muito tempo de morar no interior. Mas assim, ele tem um grande problema, porque ele quer, mas

pergunta se ele procura o que ele quer... Mas assim, enquanto eu não sentir firmeza, eu vou continuar com meu projeto que é construir... Então por incrível que pareça hoje a gente está em projetos paralelos. Mas eu sei que daqui para frente, a gente vai chegar em um denominador comum, ou construir aqui, ou morar no interior”.

Sobre a possibilidade de terem mais filhos, Antônio responde: “Não, eu não quero, ela quer, eu não quero, acho que está bom dois. É um puta de um trabalho, gasta pra cacete e assim, eu não vou conseguir dar a mesma qualidade de vida que eu dou para os dois se eu tiver mais um”. Denise então explica, que após o nascimento de José passou a utilizar o método contraceptivo DIU e há cerca de quatro meses engravidou novamente. Relata ter sofrido aborto espontâneo e conta: “Eu fiquei muito abalada. Eu acho que foi a coisa que mais me abalou na vida até hoje, eu me senti completamente impotente... Então aí já veio umas viagens minhas e tal, e aí mexeu muito, meu instinto materno falou muito mais alto e eu cismeiei que eu queria outro. Só que ele está categórico ‘não vamos ter’ e de fato, não vamos ter se ele não quiser, porque eu preciso dele também. Então para mim ainda está em aberto, mas a gente tem muito tempo para pensar nisso ainda, mas eu tenho esperança que ele mude de idéia. Eu ainda tenho vontade de tentar uma menina”.

Ante ao questionamento, por parte da pesquisadora, sobre a influência da gravidez na decisão e manutenção do casamento Antônio responde. Segue recorte de entrevista:

Antônio: “Não, assim, se não tivesse o Paulo eu não estaria com ela, ponto. Ah, não estaria vai De, estaria?”.

Denise: “Não sei, você que está falando, eu estaria.”.

Antônio: “Não, acho que não... Acho que não.”.

Pesquisadora: “Porque você acha que não?”.

Denise: “Porque muitas vezes que ele deixou de ir embora, a gente deixou de se separar por conta do Paulo?”.

Antônio: “Sim, não?!”.

Denise: “Amor, tá bom, é tua opinião. Eu discordo, eu não me separei de você porque eu não tinha para onde ir, lembra que eu falei agora?”.

Antônio: “Tá bom... Não dá para saber... Se fosse um casal de namorados, sem filho, sem nada, brigasse, eu não sou obrigado a agüentar isso, ia pegar as minhas coisas e ia embora. Ah, não sei, muitas vezes, pensava ‘bom, mas tem o Paulo né’. E aí nem chegava a brigar, eu acho que o Paulo ajudou muito.”.

Denise: “Eu acho que filho não segura o casamento, ajuda a prolongar. Se não tiver que ser, não vai ser, não vai dar certo, mas ele dá uma prolongada. Dá uma amenizada.”.

Acerca das interferências das famílias de origem, Denise conta que ambas as famílias tem livre acesso à residência do casal, relata que todos são muito “participativos”, auxiliando no cuidado com os filhos. Diz acreditar que sua família incomoda mais à Antônio do que a família dele à ela, ao que o marido responde dizendo, “foi mais difícil, agora, chega a avó dela aqui, nada contra a avó dela, eu dou um beijo nela e vou dormir, vou pro quarto, saio entendeu, antes ela me obrigava a ficar com ela aqui”. A respeito da família de Antônio, Denise explica que a mãe dele tem opinião diferente sobre a criação das crianças, “mas eu acho que ele concorda com o que acontece aqui, não com o jeito que ela gostaria que fosse...”, Antônio interrompe a esposa:

Antônio: “Senão casaria com ela.”.

Denise: “Essa frase é minha hein.”.

Antônio: “Eu gostaria de casar com a minha mãe.”.

Denise: (risos) “já falei muitas vezes pra ele, então casa com a tua mãe.”.

Antônio: “Não dá, meu pai ia ficar bravo, mas ia ser a mulher perfeita.”.

#### Histórico da família de origem – Antônio

Referindo-se aos avós Antônio diz: “A história deles, nem por parte de pai, nem por parte de mãe eu sei. Eu sei que por parte de pai, meu avô, o pai do meu pai, meu avô casou com a minha avó tiveram quatro filhos e o meu avô sumiu, caiu no mundo, separaram. Ele foi voltar, assim, eu era grandão já, meu avô estava batendo as botas já, voltou e passou dez anos e morreu, não dez anos não, acho que é menos”. Relata que este período que acompanhou o relacionamento dos avós paternos observava que ambos se tratavam com muito carinho. Sobre seus avós maternos, afirma que permaneceram casados todo o tempo e são “um caszinho bonitinho e tradicional”. Explica que não tem muito interesse em acompanhar a história de sua família, por isso não pode dar maiores informações.

A respeito de como seus pais se conheceram Antônio afirma “Não sei, sei que meu pai era amigo do meu tio, já contaram várias vezes, mas não lembro assim dos detalhes”. Relata que a família de seus pais é muito tradicional, afirma que estão casados há mais de quarenta anos e tem uma filha, ele e um filho. Explica que não mantêm contato com sua irmã devido a brigas, mas que ela namorava há quatro anos quando engravidou e seu relacionamento não deu certo, vive hoje com os pais de Antônio. Conta que o irmão é solteiro e também vive na casa dos pais. Sobre o relacionamento dos pais diz: “Tipo gato e rato assim sabe. Eles brigam pra cacete, é casal assim normal”.

#### Histórico da família de origem – Denise

Sobre seus avós maternos Denise conta que ambos viviam no meio artístico, eram cantores e nunca se casaram. Tiveram duas filhas, sua mãe e sua tia que é excepcional. A respeito do relacionamento dos avós afirma: “Foi uma relação só sexual e financeira”. Posteriormente fala sobre seus avós paternos, “A minha avó e meu avô por parte de pai eu nunca tive muito contato. Mas eu sei que era uma relação muito submissa da parte da minha avó em relação ao meu avô. Ele não era violento, mas ele era autoritário e a minha avó era sempre muito submissa a ele. Ela casou virgem e tudo mais. Então assim, família do meu pai era super tradicional, apesar dele não ser, ele é o desgarrado. Para você ter idéia, na minha família, não tem nenhum primo ou prima que casou sem estar grávida, por parte da minha mãe”.

Em relação aos seus pais Denise conta: “Minha mãe é separada do meu pai, desde que eu tinha onze anos. Se conheceram na faculdade, no colégio e aí ficaram juntos, casou grávida de mim, mas viveram onze anos, então foi uma relação que deu certo. Aí meu pai chegou na idade do lobo, começou a querer comer todo mundo e minha mãe não agüentou a barra e eles se separaram. Afirma que além dela, seus pais tiveram outra filha, que é atualmente casada e também tem uma história parecida com a dela, “Casou grávida, mesma história que eu, bem parecida, mas ela está, ainda está naquela fase daquele ano difícil”.

Denise relata que a relação de seus pais era péssima, pois seu pai ficava boa parte do tempo fora de casa e não ajudava financeiramente. Afirma que a mãe passou por diversas dificuldades financeiras, inclusive para alimentar as filhas. Conta que após a separação ela e a irmã não tiveram muito contato com o pai que se mudou para outro estado. Entretanto, quando adolescente foi morar com o pai, conhecendo-o um pouco melhor, explica emocionada: “Nossa, é muito difícil falar dele. Ele é um péssimo pai, péssimo marido, mas uma ótima pessoa, dá para entender? Ele é muito egoísta, ele te ama quando ele está te vendo, você virou as costas esquece”.

### Contato Final

Após o término da entrevista Denise decide acompanhar a entrevistadora até o metrô. Então mostra à pesquisadora um papel dizendo “Olha, é segredo, ele vai ficar louco”. Apresenta um teste de gravidez positivo e explica que irá realizar um ultrassom antes de contar ao marido. Afirma que sabe que ele ficará bravo no começo, mas que depois vai gostar.

### Observações da Pesquisadora e Aspectos Transferenciais



Desde o início da entrevista Denise estabeleceu uma transferência positiva com a pesquisadora, mostrando-se confortável e segura para compartilhar sua história. Por alguns momentos, tentou sutilmente compactuar com a pesquisadora, a fim de obter confirmação da imaturidade do marido, frente à vivência conjugal e parental. Fato este, que fica evidenciado ao final da entrevista, quando Denise apresenta o teste de gravidez e solicita que a pesquisadora compartilhe com ela este “segredo”. Esta configuração remete-nos à relação de extrema intimidade estabelecida entre Denise e sua mãe, aliando-se contra a figura de seu pai, descrita pela mesma como “péssimo pai, péssimo marido”.

A princípio, sentando-se isolado da esposa e pesquisadora, Antônio adotou uma posição distante e desinteressada, ocupando-se em brincar com o filho mais novo, enquanto tomava uma cerveja. Diante deste posicionamento, a pesquisadora passou a direcionar o olhar e perguntas a Antonio, fazendo com que Denise, por vezes, solicitasse maior envolvimento por parte do marido, dizendo “é para você falar também”. Desta forma, Antônio passou a envolver-se com a entrevista, o que levou o filho a chamar constantemente o pai. Antônio apenas olhava para o filho e prosseguia conversando com a pesquisadora. Diante da insistência do menino, Denise pede desculpas, pega o filho pela mão e o leva para o quarto.

Cerca de trinta minutos após o início da entrevista, Antônio apresentava uma postura de maior interesse, participando ativamente da mesma, mostrando-se à vontade para contar sua história. Acredita-se que o fato de a pesquisadora ser uma figura feminina, fez com que Antônio precisasse de mais tempo para estabelecer uma relação de confiança.

Durante a entrevista, houve outras interferências das crianças. O casal demonstrou-se adequado quanto ao trato, solicitando aos filhos que fossem ao quarto brincar com os padrinhos. Na terceira intervenção de um dos filhos Denise solicita à pesquisadora que espere um momento, pega a criança no colo e caminha até o quarto, explicando ao mesmo que ela e o pai não podem dar atenção a ele naquele momento. Nestas interferências, ficou evidente uma postura mais ativa de Denise em relação aos filhos, preocupada em explicar o que acontecia, enquanto Antônio apenas dizia aos filhos “agora não”.

Em determinado momento, alguns amigos de Antônio gritaram seu nome no portão. Diante do chamado ele solicita que os amigos entrem, os acompanha até a cozinha e diz: “peguem o que quiserem, daqui a pouco estou de volta”. A atitude de Antônio frente aos amigos, a disposição e organização da casa, bem como, os diálogos do casal a respeito das tarefas domésticas, suscitaram na pesquisadora a sensação de ausência de um espaço de intimidade conjugal ou familiar.

Ao longo de toda a entrevista Denise e Antônio mostraram-se confortáveis com a presença um do outro, tocando-se carinhosamente em alguns momentos e em outros brincando um com o outro. Em alguns momentos, as brincadeiras estabelecidas entre o casal, apresentavam-se imaturas, remetendo a pesquisadora ao sentimento de uma relação fraternal, com a presença de disputa e rivalidade. Entretanto, a atmosfera da entrevista foi de leveza e descontração, o discurso do casal foi envolto por uma atmosfera de tranquilidade que despertou contratransferencialmente a sensação de ausência de comprometimento quanto às responsabilidades da vida adulta e familiar.

## **Análise das Entrevistas**

Uma vez descrita as entrevistas, os resultados foram classificados de maneira didática em duas categorias: *constituição e manutenção da conjugalidade*, considerando-se aspectos relevantes à formação do vínculo conjugal, as identificações com as funções do feminino e masculino, bem como, a estruturação da parentalidade como reflexo do relacionamento conjugal; e *transmissão psíquica*, observando a influência geracional na constituição do vínculo conjugal e parental, assim como, no exercício das funções parentais e vivências conjugais.

### **Casal 1 – André e Vanessa**

#### **Constituição e manutenção da conjugalidade**

O início do vínculo conjugal foi marcado por inúmeras divergências quanto às necessidades e projetos pessoais, seja na escolha por uma residência para família, ou mesmo na prática das atividades diárias. Posteriormente observa-se um distanciamento efetivo da figura de André, tanto em relação às funções parentais quanto do relacionamento conjugal. Este panorama culminou na separação do casal, denotando a dificuldade apresentada por ambos para uma estruturação do funcionamento conjugal e parental simultaneamente.

Observa-se que a reconciliação do casal ocorreu em função dos problemas de saúde apresentados pelo filho mais velho, apontando para a influência desta gravidez na continuidade do vínculo conjugal, bem como, para a necessidade de inserção de terceiros na construção do relacionamento do casal. Considerando o apontamento realizado por André, ao explicar o encontro do casal para a retomada do relacionamento: “parecia um encontro de

negócios, não parecia um relacionamento”, observa-se a dificuldade de ambos em lidar com as questões emocionais envolvidas em um relacionamento amoroso.

Com a retomada do vínculo conjugal o casal descreveu uma melhor estruturação da vida familiar e parental. A saúde do filho mais velho havia sido estabilizada, bem como, os cuidados e a demanda de atenção por parte da criança haviam diminuído. Ivan estava com 6 anos, período em que a criança conta com certa independência. Este panorama denota o surgimento de um espaço no relacionamento familiar que poderia ser utilizado para a construção do vínculo conjugal. Entretanto, surge por parte de Vanessa a necessidade de ter mais um filho, atualmente com dois anos de idade, fase em que a criança ainda demanda certa quantidade de cuidados parentais. Acredita-se que este filho venha ocupar o vazio provocado pelo crescimento do primeiro filho, confirmando a necessidade de inserção de terceiros na manutenção do vínculo do casal, levando-nos a inferir sobre a impossibilidade deste casal em deparar-se diretamente com o outro da relação, constituindo uma conjugalidade propriamente dita.

Considerando todo o desenvolvimento cronológico da família, observa-se a inexistência de um convívio conjugal livre da presença de intermediários, sendo estes por vezes os filhos ou as figuras parentais femininas das famílias de origem.

Em relação à estruturação dos planos futuros do casal observamos novamente a presença e influência dos filhos. O casal aponta planos de morar no exterior, justificando esta necessidade, pela decisão de que seus filhos não cresçam inseridos na cultura cosmopolita e consumista da cidade em que habitam. A necessidade de inclusão de terceiros no vínculo conjugal se faz evidente também na disposição e dinâmica apresentada durante a entrevista, incluindo a pesquisadora no papel do terceiro intermediário.

Diante da descoberta da gravidez, André aponta sua preocupação em abandonar o lugar de filho, para tornar-se pai. Com o desenvolvimento do relacionamento conjugal, fica evidente a dificuldade do mesmo em abandonar este lugar e assumir o papel de pai de sua própria família, fato que se torna ainda mais evidenciado quando o mesmo propõe o retorno à casa de sua família, momento em que assume novamente, com suas próprias palavras, “o estado de filhinho da mamãe”, abdicando de suas responsabilidades enquanto pai e marido. Vanessa demonstra inquietação quanto ao papel de cuidadora, descrevendo incompatibilidade entre a construção de uma família e seu desejo manifesto de desenvolvimento e ascensão profissional.

A respeito da decisão pelo casamento percebe-se em André uma preocupação em não repetir os padrões conjugais de sua família de origem, buscando, através do casamento, romper com o padrão geracional transmitido, algo a ser melhor abordado mais adiante. Por parte de Vanessa nota-se a busca por uma relação de amparo e segurança, diante da dificuldade em aceitar a gravidez, remetendo-nos a concepção freudiana de escolha de objeto anaclítica. Entretanto, Vanessa apresenta-se ainda extremamente ligada à sua família de origem, recorrendo constantemente à mãe diante de situações difíceis, buscando na mesma a segurança, que não se faz presente na relação conjugal. Esta insegurança quanto ao vínculo do casal é sentida também a partir da explicação fornecida por ambos dos benefícios a respeito dos documentos da separação que ainda guardam.

Sobre as questões de gênero, percebe-se que Vanessa demonstra ambivalência quanto a sua identificação com o papel feminino. Em diversos momentos, nota-se em seu discurso a necessidade de pontuar pensamentos e comportamentos desconectados dos padrões tradicionais femininos, enfatizando a inexistência de anseios por casar e a expectativa por desenvolver-se profissionalmente. Entretanto, em outros momentos, mostra-se identificada com esse papel uma vez que demonstra a necessidade de dedicar-se exclusivamente aos filhos e cuidados da casa. Esta ambivalência leva-nos a pensar a respeito de um desejo de identificar-se com sua mãe, descrita por Vanessa como uma figura à frente do seu tempo, que lutou pela revolução feminina, porém, este desejo é impedido em função do modelo tradicional introjetado.

Em relação a André observa-se uma identificação com uma figura masculina enfraquecida. Muitas vezes apresentando dificuldades em se posicionar, possivelmente em função de um sentimento de culpabilização pelo histórico apresentado pelo casal. André emociona-se ao relatar sobre sua ausência inicial no relacionamento conjugal e familiar, bem como, ao explicar que “quebrou a confiança” da esposa devido ao incidente com a antiga namorada. Em função deste acontecimento, afirma a necessidade de reconquistar a esposa diariamente.

Os dados coletados apontam que o filho mais velho do casal, Ivan, está identificado no lugar da criança que necessita de atenção devido à sua sensibilidade e o filho mais novo, Bruno, está posicionado no lugar de criança “birrenta”. Esta configuração em relação aos filhos nos remete aos momentos antecedentes à entrevista, em que a família tomava café da manhã, onde foi possível observar uma necessidade por parte de Ivan em corresponder às expectativas parentais, exibindo à pesquisadora seus dotes musicais.

Neste caso, observa-se a partir do histórico do casal, a função de união e manutenção da relação dos pais depositada em Ivan. Vanessa afirma durante a entrevista que sempre acreditou que Ivan deveria ser o “elo” entre ela e André. André ao final da entrevista aponta o filho dizendo “este daqui é o casamento”. Desta forma, compreende-se a exibição de Ivan, mostrando à pesquisadora suas habilidades em diversos instrumentos musicais, como tentativa de apontar riqueza emocional no relacionamento conjugal e familiar, respondendo às projeções narcísicas dos pais.

Considerando o desenvolvimento das figuras parentais como reflexo da estruturação conjugal, observa-se no início do relacionamento grandes dificuldades do casal quanto ao exercício parental. Primeiramente pela ausência de conhecimentos quanto aos cuidados do bebê e posteriormente por ausência de coerência entre o casal parental. Durante o processo de separação do casal, devido às constantes brigas e à “incompatibilidade de pensamento”, o casal parental apresentava uma dinâmica extremamente conflitiva e geradora de sintomas no filho. Com a retomada do vínculo conjugal, o casal descreve melhora no exercício das funções parentais, porém com presença de inconsistências entre os cuidados fornecidos. Estas inconsistências eram sentidas e utilizadas pelo filho, como descritas por André. Percebe-se através do relato de Vanessa e André que a harmonia do casal parental foi atingida recentemente, apresentando flexibilidade quanto às funções parentais, uma vez que os dois participam nos cuidados dos filhos, embora Vanessa dedique mais tempo aos mesmos.

Esta estruturação parental recente aponta para a abertura de um espaço, que é descrito pelo casal como a possibilidade de estruturação de um vínculo conjugal, denotando a necessidade de estabelecimento de acordos entre os sujeitos, em função das diferenças existentes entre os dois egos. Esta tentativa de construção de um espaço conjugal ausente da presença de terceiros é apontada por ambos, como tendo emergido há poucos meses, suscitando no casal a necessidade de estabelecimento de regras de funcionamento, que vêm sendo discutidas.

O discurso do casal perpassa, a todo momento, os filhos e a relação parental e enfatiza a diferença dos indivíduos envolvidos no vínculo conjugal. Observa-se grande dificuldade na estruturação do vínculo conjugal na interface com o parental, com a presença predominante da estrutura de terceiridade limitada, de funcionamento de hiperdiscriminação. De acordo com Berenstein e Puget (1994) este tipo de funcionamento consiste na dificuldade em estabelecer o mínimo vínculo estável, sendo a hiperdiscriminação uma defesa “contra a vivência aterrorizadora de um vínculo dependente”. (p. 45).

### Transmissão psíquica geracional

A respeito da transmissão geracional o casal refere semelhanças em relação à família de origem tanto na atuação de cada um dentro do vínculo conjugal, quanto na construção da história familiar. Durante vários momentos da entrevista André traça paralelos entre suas atitudes em relação à dinâmica familiar e conjugal e a de seu pai. O marido, também, aponta à Vanessa a existência de semelhança entre sua história e o desenvolvimento da família de origem da mesma.

Em relação ao exercício da função parental e envolvimento conjugal, André apresenta-se imaturo enquanto Vanessa coloca-se de forma mais madura. Este olhar parece muito mais influenciado por Vanessa, que insiste em apontar a incapacidade do marido em lidar de forma adequada com os filhos e com ela. Porém, no decorrer da entrevista, André mostrou-se atento e adequado às necessidades das crianças, que demonstravam uma relação segura com o pai, bem como, apresentou-se cuidadoso na relação com a esposa, respeitando o espaço da mesma, suas colocações e pontuações. Acredita-se que possivelmente a esposa projete no marido o papel de pai e marido imaturo, como resposta aos papéis parentais introjetados de sua família de origem. Lembrando que Vanessa descreve seu próprio pai como “sossegado... uma pessoa super bacana de conversar, mas não rola na dificuldade”. André não discorda dos apontamentos da esposa, assumindo para si o papel de figura parental imatura, provavelmente identificando-se com o seu próprio pai, descrito como uma figura ausente.

Ainda, se considerarmos o histórico de três gerações na família de André, observamos a transmissão de uma ruptura do vínculo conjugal, a partir da linhagem materna, que acontece em função de figuras masculinas promíscuas, fato este que também se repetiu na história do casal. A repetição tornou-se consciente à André em determinado momento da vivência conjugal, despertando no mesmo uma necessidade de reescrever uma história diferente.

Acerca da família de Vanessa, observamos uma conjugalidade estruturada na interface com a parentalidade sendo transmitida desde sua avó materna. A respeito do padrão de relacionamento conjugal, nota-se uma identidade conjugal enfraquecida, em detrimento do

exercício da função parental, com ausência de vinculação afetiva, transmitida por ambas as famílias de origem.

## **Casal 2 – Mateus e Adelini**

### Constituição e manutenção da conjugalidade

Observa-se que o início do relacionamento conjugal é permeado por brigas, ameaças de separação e suspeita de traição, justificadas pela imaturidade de ambos enquanto casal. Imaturidade esta, que ainda se faz presente na relação conjugal atual, apesar do discurso manifesto de amadurecimento. Vincula-se a maior maturidade do relacionamento conjugal à entrada da esposa no mercado de trabalho, afirmando que o mesmo proporcionou maior igualdade de relação ao casal, possibilitando um diálogo mais igualitário entre as partes. Entretanto, atenta-se para a presença de um posicionamento submisso da esposa em relação ao marido, que ocupa o papel de autoridade no vínculo.

Adelini encontra-se identificada com o papel tradicional feminino, adotando uma postura dependente e submissa em relação ao marido. Demonstra-se ressentida em relação ao mesmo, apontando todos os momentos em que ele estava ausente, afirmando sua necessidade de suporte. O mesmo sentimento se faz presente diante da falta de tradicionalismo da relação, quando Adelini chama atenção ao fato do marido nunca ter proposto namoro à mesma, bem como, por ter vivenciado outros relacionamentos antes dela, sugerindo certa desvalorização do amor do marido para com ela. Diante da expressão da mágoa por parte da esposa, Mateus posiciona-se com ar de superioridade, assumindo a falta, ausente de sentimento de culpa.

Mateus, por sua vez, identifica-se com o papel tradicional de homem provedor, apresentando uma postura de controle e rigidez, contando com orgulho que é responsável pelo sustento da família, permitindo, sem interferências, que a esposa faça uso pessoal de seu dinheiro. Mateus reclama da falta de compreensão e suporte por parte da esposa, acerca de sua



profissão. Demonstra ainda, desvalorização acerca do papel de esposa e mãe, colaborando para a submissão e dependência de Adelini. As tentativas de independência apresentadas por Adelini são sentidas pelo marido como ameaçadoras ao vínculo, uma vez que estabelecem uma relação de complementariedade, ele o forte e ela a dependente.

Frente à descoberta da gravidez, Adelini apresenta pouca estruturação egóica, regredindo à posição de filha, ausentando-se de qualquer responsabilidade acerca da decisão pela continuidade da gravidez ou escolha pelo casamento. Mateus demonstra preocupação quanto ao abandono do lugar de filho para assumir a responsabilidade por sua própria família. No decorrer do histórico do casal, fica nítida a dificuldade do mesmo em sair do papel de filho e tornar-se pai, posicionando-se como uma figura ausente, que passa a maior parte do tempo viajando, sem fornecer suporte emocional à família. O mesmo ocorre em relação ao papel de marido, diante do pedido de auxílio da esposa, solicita que a mesma busque suporte na relação com os pais.

A precocidade da gravidez provocou conflitos intensos entre as famílias de origem de Mateus e Adelini, sendo sentida como um ataque direto à idealização do modelo tradicional mobilizando diversas proibições egóicas, principalmente nos pais de Adelini. Acredita-se que a reação da família frente à descoberta da gravidez agiu de forma a potencializar, em ambos os cônjuges, o conflito interno acerca dos padrões do modelo tradicional. Este período é marcado por forte preconceito por parte dos parentes, gerando sentimentos de culpabilização e vergonha no casal, que carrega, até os dias de hoje, a certeza do erro. Mateus apresenta-se mais ressentido com a ausência de apoio e respeito por parte da família de Adelini, a todo momento lembrando a esposa dos acontecimentos desagradáveis e, apontando que ele esteve sempre presente. Compreende-se que este comportamento de Mateus seja um mecanismo defensivo frente à angústia e insegurança suscitada pela fragilidade do vínculo conjugal e como tentativa de garantir a continuidade da relação do casal.

Observa-se forte interferência das famílias de origem e dos padrões tradicionais na decisão pelo casamento. Ambos afirmam que o conservadorismo das famílias de origem, o medo acerca do preconceito social e a pressão familiar foram os principais motivadores para a escolha pelo casamento. Por conseguinte, Mateus apresenta como motivação pessoal a preocupação acerca da vivência parental, refletindo o medo do distanciamento entre pai e filha, com a possibilidade de perder o lugar de pai. Nota-se que a decisão pelo casamento ocorre em função da parentalidade. Já Adelini demonstra a busca por uma relação de suporte e apoio, que antes era encontrada na relação com a avó materna. Atenta-se para o fato da

gravidez acontecer após três meses da morte da avó. Porém, o vínculo conjugal apresenta-se fragilizado, não proporcionando a relação de segurança almejada por Adelini, o que faz com que a mesma recorra aos pais constantemente. Ainda, observa-se que a descoberta da gravidez e as brigas constantes entre as famílias de origem acerca da decisão pelo casamento colaboraram para potencializar, em ambos os cônjuges, proibições edípicas. Adelini apresenta-se completamente dependente da figura paterna, da ordem do pai e, Mateus, por sua vez, fica sobre o julgo do pai de Adelini.

Em seu discurso, o casal deixa evidente o papel decisivo da gravidez no estabelecimento do vínculo conjugal, “se não fosse por ela a gente não teria casado”. Durante relato acerca do relacionamento conjugal, o papel de terceiro intermediário ocupado pela filha fica ainda mais claro. O casal descreve dificuldades em estabelecer uma conjugalidade, apontando a filha como impeditivo, entretanto, em outro momento declaram não se sentirem confortáveis diante da ausência da mesma. Acredita-se que a inserção de um terceiro como mediador do vínculo ocorre em função da dificuldade de ambos em vislumbrar o outro da relação e constituir um vínculo conjugal dotado de intimidade.

Acerca da influência das famílias de origem na estruturação familiar e conjugal atual, nota-se o comportamento intrusivo da família de Adelini e a dificuldade do par em posicionarem-se como casal e família frente à intrusão. A família de Mateus por sua vez, não interfere no relacionamento conjugal e familiar, entretanto, este distanciamento estabelecido não decorre de um posicionamento mais assertivo do casal, mas sim, em função da idade avançada de seus pais.

Diante do questionamento acerca dos planos futuros, observa-se a presença de desejos diferentes em cada membro do casal. Frente à diferença, Mateus adota uma postura rígida e autoritária, demonstrando-se inflexível quanto ao seu desejo de ter mais filhos, inclusive ameaçando a esposa. Postura que posteriormente é amenizada quando Adelini explica seus motivos. Todavia, Mateus procura convencer a esposa de seu desejo, justificando-o pela possibilidade de confirmação social da escolha pelo vínculo conjugal, bem como, tentativa de reescrever a história do casal, deixando para trás a marca do erro.

A respeito da vivência parental, observa-se o reflexo do vínculo conjugal. Adelini aponta para a questão de que o marido adota a postura de autoridade, posicionando-se como único responsável pela estruturação de regras e normas. Este posicionamento é unilateral e não conta com um processo de escuta e debate acerca da opinião da esposa. A mesma coloca-

se submissa às decisões tomadas pelo marido e adota uma relação de maior afetividade com a filha.

Durante toda entrevista, o discurso do casal apresenta-se impregnado pelo conservadorismo e tradicionalismo quanto aos padrões sociais, com ênfase às diferenças do casal conjugal. Observa-se um vínculo conjugal de complementariedade, de tal forma onde a individualidade de um sobressai e anula a do outro, marcados pelo tradicional de família. Considerando-se a tipologia de Berenstein e Puget (1994), nota-se a predominância da estrutura de terceiridade limitada, com funcionamento de hiperdiscriminação, onde as divergências dificultam a cotidianidade.

#### Transmissão psíquica geracional

O casal demonstra pouco conhecimento a respeito da história de sua família de origem, principalmente acerca do relacionamento conjugal de seus avós e pais, norteando o discurso pela relação parental estabelecida. A falta de conhecimento quanto ao vínculo conjugal, leva-nos a refletir acerca da pobreza de investimento emocional no mesmo. Acredita-se na existência de um padrão de relacionamento focado na vivência parental e estruturação familiar, em detrimento ao estabelecimento de um vínculo conjugal satisfatório, transmitido geracionalmente.

A descrição acerca das relações remete-nos aos padrões de casamento tradicional, que tem como foco a construção de uma família, atendo-se ao modelo patriarcal de casamento, com submissão e fidelidade absoluta da mulher, que se mantém dedicada à criação dos filhos, enquanto o homem dedica-se ao provento da casa. Observa-se, também, a transmissão geracional deste padrão tradicional, do papel feminino e masculino, nas famílias de ambos os integrantes do casal. Mateus e Adelini apresentam-se extremamente ligados ao padrão da família de origem, sendo extremamente difícil se desprender deste modelo geracional.

Refletindo acerca da decisão pelo casamento, nota-se que Mateus e Adelini casam-se por lealdade aos padrões tradicionais e familiares transmitidos geracionalmente. A precocidade da gravidez torna-se uma traição à esta lealdade familiar, claramente descrita por

Mateus, quando o mesmo afirma que a “primeira palavra do pai” de Adelini a ele foi: “você traiu a minha confiança, você traiu minha família”, remetendo-nos ao Édipo. O casal carrega consigo a culpa por trair as lealdades genealógicas e o vínculo conjugal carrega a vergonha familiar.

### **Casal 3 – Marcelo e Luciana**

#### Constituição e manutenção da conjugalidade

O início do relacionamento conjugal é bastante conturbado, marcado por discussões e brigas, que incluem as famílias de origem de ambos os cônjuges, principalmente a figura materna de Marcelo e a figura paterna de Luciana, remetendo-nos às relações edípicas de cada um com suas figuras parentais. O vínculo é permeado por idas e vindas, Luciana credita a responsabilidade pelas separações à figura materna de Marcelo, apresentando-a como sedutora e manipuladora, cumprindo o papel de ameaça constante ao vínculo do casal. Observa-se um vínculo conjugal formado quando ambos ainda estão presos à condição de filho.

A esposa apresenta total dependência do marido, esta dependência fica ainda mais evidente quando Luciana relata que o marido trocou de curso na faculdade e ela angustiada com o distanciamento muda junto com Marcelo. Enfatiza em seu discurso que ambos passavam todo tempo junto, incluindo trabalho e estudo até a formatura. Luciana descreve uma vivência aterrorizadora acerca da separação, apontando constantemente seu sentimento de abandono e solidão, que nos remete à relação estabelecida com a figura materna em seus primeiros anos de vida.

O desespero diante da separação nos leva a refletir acerca do momento em que a gravidez acontece. Como Luciana explica, seu pai havia mudado de cidade, deixando-a sozinha com a responsabilidade de cuidar de seu filho (Carlos) e da casa, “uma carga muito

pesada, para uma pessoa”. Acredita-se que a gravidez tenha ocorrido como forma de assegurar a vinculação com Marcelo, que até então era instável, buscando suprimir a experiência angustiante do abandono por parte do pai. Situação que fica mais evidente, quando, frente à descoberta da gravidez, Luciana não vislumbra outra possibilidade a não ser casar-se e, usando suas próprias palavras, implora a Marcelo que fique com ela. A esposa busca obter, através do casamento, certa estruturação egóica.

Diante da descoberta da gravidez, fica evidente a pouca estruturação egóica de Luciana, desestabilizando-se completamente, “gritando e quebrando tudo” de forma descontrolada. Marcelo, por outro lado, relata preocupação em abandonar o lugar de filho e assumir a responsabilidade por uma família. Frente à reação de Luciana, descreve sentir-se pressionado, não suportando a responsabilidade, ausentando-se da relação. Ausência esta, sentida pela esposa como traição. No discurso do marido fica claro que seu retorno se dá em função do filho, apontando para influência da parentalidade no estabelecimento do vínculo conjugal e, atenta para a relação estabelecida entre Marcelo e seu pai, ausente durante grande parte de sua infância. Desta forma, acredita-se que, através da relação com o filho, Marcelo busca reescrever sua história com o pai.

Observa-se que Luciana estabelece uma relação fusional com o marido, com a ilusão de se constituírem como uma só pessoa, com um só desejo, sem a existência de dois egos. Enfatiza a todo momento suas semelhanças e complementações, posicionando-se como possuidora de total controle e conhecimento acerca dos desejos do marido e seu mundo interior. Ante qualquer possibilidade de diferenciação, Luciana mostra-se extremamente angustiada, rememorando o marido a respeito do sofrimento que ele lhe causou, com a função de reativar nesse o sentimento de culpa do marido e com isso retomar a fusionalidade relacional.

Marcelo por sua vez, apresenta-se identificado ao papel de figura masculina enfraquecida, aceitando as projeções da esposa e submetendo-se a sua fusionalidade. Afirma se esquivar de qualquer situação que exija posicionamento por parte dele, pois é geradora de extremo conflito com a esposa. Aponta a ausência de negativas perante os desejos da esposa disponibilizando-se a realizá-los constantemente, também justificando sua postura pela impossibilidade de Luciana em aceitar a negativa. Este panorama nos remete à relação de Marcelo com sua mãe, descrita da mesma forma, levando-nos a pensar que o marido permanece na relação com a esposa, no lugar de filho de uma mãe dominadora.

Percebe-se que Marcelo toma a decisão a respeito do casamento em função do sentimento de culpa depositado nele pela esposa e, como ele mesmo afirma, se penitencia a não realizar mais nada em sua vida, apenas viver para cuidar do filho e realizar os desejos da esposa, perpetuando a relação com a mãe dominadora. A respeito de Luciana, acredita-se que a vinculação à uma figura masculina desobjetalizada cumpra o papel de assegurar a continuidade da relação edipiana. Luciana não pode se casar com um homem forte, pois ainda não se separou de seu pai forte. Atenta-se para a relação anterior de Luciana, que termina quando seu ex-marido enfrenta seu pai, ainda, o filho desta relação é entregue aos cuidados do pai. Desta forma, ambos os cônjuges, se mantêm na posição de filhos em suas famílias de origem.

Refletindo acerca dos planos futuros do casal, constata-se novamente a posição dominadora de Luciana e o comportamento submisso de Marcelo. Ao mesmo tempo exprimem desejos completamente diferentes, entretanto, segundos depois, os planos de Luciana se sobrepõem aos do marido, que claramente afirma que a decisão é sempre da esposa, apontando para a relação de submissão existente entre o casal.

A respeito da vivência parental, nota-se que Marcelo procura, através da relação com o filho, resgatar o vínculo com o próprio pai. Marcelo ocupa o lugar de cuidador e apresenta-se atencioso e disponível às necessidades físicas e emocionais do filho. Enquanto Luciana mostra-se distante e pouco afetiva, ausentando-se da responsabilidade sobre os cuidados do menino, repetindo a mesma relação que teve com seu primogênito, direcionando a responsabilidade dos cuidados aos seus pais.

Observa-se a forte influência das famílias de origem de ambos no vínculo conjugal e parental, sendo que estas figuras representam, ainda, as relações emocionais mais significativas de cada cônjuge. Soma-se a isso o fato de ainda habitarem a casa dos pais de Luciana, denotando a impossibilidade da criação de um espaço para legitimação do vínculo conjugal e familiar, ausente de interferências das famílias de origem.

A entrevista circula em torno dos desejos e da história de Luciana, que são contados como sendo comuns ao casal. Com as interferências da pesquisadora e o posicionamento de Marcelo as diferenças surgem, fazendo com que o discurso de Luciana se torne impregnado de ressentimento acerca do abandono do marido e ódio frente às atitudes da sogra, retomando a complementariedade do casal conjugal. Observa-se a existência de um vínculo conjugal de estrutura dual, caracterizado pelo predomínio da fusão e idealização mútua, com um modelo

de objeto único, onde o outro é dotado de caráter de exclusividade, sem a possibilidade de substituição e, cuja ausência implica uma ameaça de aniquilação. (Berenstein e Puget, 1994).

### Transmissão psíquica geracional

A respeito dos padrões de relacionamento transmitidos geracionalmente, considerando o histórico de três gerações, nota-se, tanto na família de Luciana quanto na de Marcelo, a transmissão de uma conjugalidade estabelecida na interface com a parentalidade, própria do modelo tradicional de família, onde sexualidade ligava-se à procriação. Esta transmissão fica mais evidenciada na família materna de Marcelo, que descreve que os avós tiveram mais de vinte filhos e como não podiam criá-los iam “dando” a outras famílias. Este padrão de “doações” dos filhos se faz presente na linhagem materna de Marcelo, atentando para motivações inconscientes na escolha da parceira.

Observando a história da família de Marcelo, através da linhagem paterna, nota-se a transmissão de um padrão de ruptura precoce do vínculo conjugal, culminando na impossibilidade de criação de um espaço para a construção de uma conjugalidade. As relações parentais são marcadas pela ausência da figura paterna; quando não, por seu enfraquecimento e, por figuras maternas dominadoras. Acredita-se que Marcelo tenta romper com este padrão de ausência dessa figura, entretanto, encontra-se identificado com a figura masculina enfraquecida ligada a uma figura feminina dominadora.

A respeito da família de Luciana, observa-se a transmissão de um padrão de relacionamento focado na vivência parental, bem como, vínculos conjugais insatisfatórios, que requerem a presença de um terceiro intermediário que ocupe a função de manutenção da relação conjugal. As figuras femininas estão identificadas como submissas e as masculinas são dotadas de autoridade e poder, próprias da família tradicional. Retomando, acredita-se que Luciana escolha uma figura masculina enfraquecida em função de encontrar-se presa edipicamente com seu pai.

## Casal 4 – Antônio e Denise

### Constituição e manutenção da conjugalidade

Considerando o histórico de desenvolvimento familiar, atenta-se para a inexistência de um período de convivência conjugal, sem a presença de terceiros. A gravidez ocorre em um momento completamente incipiente do namoro, em que ambos os cônjuges apresenta-se dependentes, financeira e emocionalmente, de suas famílias de origem. Frente a gravidez, o casal opta por estabelecer um relacionamento à distância, permanecendo cada um na casa de seus pais, encontrando-se apenas aos finais de semana, distância esta que perdura por dois anos. Nota-se aqui, uma tentativa em realizar uma passagem do modelo tradicional de constituição familiar para a contemporaneidade, desvinculando a vivência parental da vinculação conjugal. A decisão por coabitarem a mesma residência é estimulada pela discussão entre Denise e sua mãe, fazendo com que a esposa busque suporte e apoio na casa de Antônio, mesmo com o apartamento comprado pelo casal disponível para moradia.

A convivência na residência dos pais de Antônio se apresenta extremamente conflitiva, geradora de brigas e discussões. Considera-se importante recordar, que o casal dividia o quarto com o filho e o irmão de Antônio, bem como, mantinham uma rotina extremamente diferente, propiciando o encontro do casal apenas aos finais de semana. Diante da dificuldade de Antônio em abandonar a casa dos pais e, portanto seu lugar de filho, Denise mostra-se extremamente irritada, posicionando-se de forma rígida quanto à mudança de residência.

Uma vez coabitando o apartamento do casal, ambos os cônjuges apresentam dificuldades em assumir a responsabilidade pela própria família, estabelecendo uma relação fraternal de disputa e rivalidade, geradora de brigas e discussões, que culmina na interferência das famílias de origem, posicionando-se como intermediadoras do vínculo conjugal. Assim, o relacionamento do casal tem seu início, utilizando as palavras de Denise, traumático, marcado por discussões, brigas, ameaças de separação, suspeita de traição e interferência das famílias de origem, justificadas pela imaturidade de ambos os cônjuges.



Nos primeiros momentos de convivência conjugal, Denise destaca a falta de suporte e apoio por parte do marido, permanecendo no lugar de filho, não assumindo a responsabilidade de sua própria família. Remetendo-nos à descrição acerca de sua figura paterna, que se ausenta das responsabilidades, tanto emocionais quanto financeiras, de sua família. Antônio por sua vez, apresenta um posicionamento semelhante ao modelo tradicional, delegando à esposa o cuidado da casa e dos filhos e impingindo uma relação de submissão à mesma, refletindo o padrão de relacionamento estabelecido por seus pais. A convivência conjugal permanece conflitiva até a separação do casal, que ocorre em função de uma suspeita de traição, a retomada do vínculo conjugal traz uma mudança na rotina do casal, que conta com mais tempo de convivência, provocando a diminuição dos conflitos.

Neste momento da vida conjugal, Antônio descreve com clareza a abertura de um espaço para a construção de uma conjugalidade, facilitada pelo crescimento do filho mais velho do casal, que estava com quatro anos de idade, fase em que a criança conta com certa independência, demandando menos atenção e cuidado por parte dos pais. Entretanto, ocorre uma segunda gravidez, impossibilitando a continuidade da construção do espaço conjugal, gerando novamente conflitos no relacionamento do casal. Acredita-se que a gravidez tenha ocorrido, como forma de preencher o vazio provocado pelo crescimento do filho primogênito, confirmando a necessidade de inserção de terceiros na manutenção do vínculo do casal.

Atenta-se para o fato de as famílias de origem, bem como, os amigos do casal terem livre acesso à residência da família, sugerindo a ausência de clareza quanto aos limites do público e privado. A casa da família permanece como um prolongamento da casa dos outros, fazendo-nos refletir acerca de uma defesa ante a possibilidade de um espaço exclusivo do casal. Observa-se a inexistência de um convívio conjugal livre da presença de terceiros, sendo estes os filhos, as famílias de origem ou mesmo, os amigos do casal, levando-nos a pensar sobre a impossibilidade deste casal em deparar-se com o outro da relação, podendo constituir um vínculo conjugal satisfatório.

Diante da descoberta da gravidez, tanto Antônio quanto Denise, descrevem uma preocupação acerca da responsabilidade envolvida no processo de tornar-se pais e assumir uma família. Entretanto, os cônjuges adotam uma postura de tranquilidade quanto a este processo, permitindo que aconteça, segundo palavras de Denise, de forma “natural”. Atenta-se para a questão da oficialização da relação acontecer por questões financeiras, com foco na necessidade familiar, permitindo que ambos se ausentem da responsabilidade acerca da decisão pelo matrimônio. Ainda, Antônio aponta para o papel decisivo dos filhos na

constituição e, principalmente, manutenção do vínculo conjugal, declarando que não estaria com a esposa se não fosse o primogênito e, Denise por sua vez, afirma ausência de suporte familiar ante a possível ruptura do vínculo, transformando estes em motivos para suportarem as diferenças do casal, apontando a dificuldade de ambos os cônjuges em lidar com as questões envolvida na vinculação conjugal.

Em relação aos planos futuros do casal, observa-se a existência de dois planos individuais. Diante desta diferença, os cônjuges não demonstram possibilidade de conciliação, ou mesmo de reflexão acerca das possibilidades, apenas evidenciam que uma das partes terá que abdicar de suas vontades. O mesmo acontece acerca do desejo por mais filhos, Antônio pontuando de forma categórica a ausência de desejo, enquanto Denise demonstra-se desejosa, ignorando a vontade do marido e não utilizando nenhum método contraceptivo. Frente aos conflitos conjugais, o casal descreve a ausência de diálogo.

Acerca do exercício das funções parentais, observa-se um maior envolvimento por parte de Denise que assume mais efetivamente o cuidado dos filhos, recebendo auxílio do marido em momentos mais pontuais, quando as crianças exigem uma postura mais firme. Nota-se neste casal um relacionamento parental mais estruturado que a vinculação conjugal.

Observa-se a existência de um vínculo conjugal permeado pela imaturidade de ambos os cônjuges e ausência de comprometimento quanto às questões familiares e conjugais, muitas vezes assemelhando-se a uma relação fraternal. Atenta-se para a extrema ligação existente entre os cônjuges e suas famílias de origem, acreditando-se que a vinculação conjugal se desenvolve de forma a assegurar e garantir o lugar de filhos em suas famílias de origem. Nota-se grande dificuldade na constituição do vínculo conjugal, com a presença predominante da estrutura de terceiridade limitada. (Berenstein e Puget, 1994).

### Transmissão psíquica geracional

A respeito da família de origem de Antônio, a partir de sua linhagem materna, observa-se a transmissão de um modelo tradicional de relacionamento, com foco na criação dos filhos em detrimento da vinculação conjugal. Descreve relacionamentos conjugais

conflitivos, com a presença de brigas e discussões. Os papéis de gênero também estão fundamentados no modelo tradicional, que se evidencia pela submissão das figuras femininas e caráter provedor das figuras masculinas. A respeito dos avós paternos, Antônio apenas refere a dissolução do vínculo conjugal. Ele demonstra falta de conhecimento e interesse acerca da sua história familiar, denotando pouca possibilidade de reflexão a respeito das relações estabelecidas, bem como, de ruptura quanto aos padrões tradicionais transmitidos geracionalmente.

Em relação à família de Denise, em sua linhagem materna, observa-se a transmissão de um vínculo conjugal estabelecido na interface com o parental, com a presença de uma vinculação fluída e sem comprometimento por parte dos cônjuges. Acerca da linhagem paterna descreve um padrão tradicional de relacionamento transmitido através gerações.

## Discussão

A análise das entrevistas com os casais permite uma discussão a respeito dos objetivos desta pesquisa. Uma vez apresentados os resultados, pretende-se uma reflexão acerca tanto das motivações conscientes, manifestadas pelos casais, quanto das motivações inconscientes, observadas na entrevista, para escolha do estabelecimento de um vínculo conjugal frente à presença de uma parentalidade; bem como, da influência da transmissão psíquica na decisão pelo casamento e vivência conjugal. Sendo esta uma pesquisa qualitativa, com um número reduzido de participantes, não objetiva-se a realização de um tratamento estatístico dos dados obtidos, buscando prevalência em cada um deles; mas sim, uma possibilidade de diálogo acerca das semelhanças.

Observou-se que o estabelecimento de uma transferência positiva com todos os indivíduos foi facilitado em grande parte pela relação de confiança e intimidade com figuras femininas, de forma geral, suas mães. Notou-se, em grande parte pelas mulheres, a busca por formar uma parceria com a pesquisadora, como tentativa de confirmação da imaturidade do marido e falta de suporte oferecido pelo mesmo à relação. Acredita-se que o fato da pesquisadora ser do sexo feminino tenha influenciado esta busca por conluio, remetendo à relação das participantes com suas mães.

A atmosfera de segurança possibilitou o diálogo, fazendo com que os casais contassem com fluência suas histórias, abordando os aspectos mais íntimos de seus relacionamentos. Todos os indivíduos, em algum momento do discurso, apontaram para o caráter de novidade da situação, afirmando nunca terem retomado suas histórias. Acredita-se que estes casais não puderam pensar acerca de suas vinculações devido à fragilidade das mesmas, necessitando da presença de um intermediário para essa reflexão. Entretanto, atenta-se para o fato de que todos os casais aqui apresentados demonstrarem-se solícitos em participar, não apresentando entraves durante o processo de agendamento, denotando o desejo de serem ouvidos, contarem suas histórias, possivelmente como forma de legitimá-las. Apesar do discurso manifesto observou-se que todos os casais carregam consigo o julgamento moral de terem saído dos padrões tradicionais da constituição conjugal, tendo sido de fundamental importância a todos o reencontro com suas histórias, frente a um espaço neutro.

Dos casais entrevistados, o período entre o início do relacionamento e a descoberta da gravidez variou de três meses à um ano e nove meses. Sendo este período de relacionamento caracterizado, como descrito por todos os casais aqui estudados, como um namoro frívolo, sem pretensões à construção de um relacionamento compromissado com possível estruturação familiar e, em todos os casos, permeado por imaturidade, discussões e períodos de separação. Em sua maioria, os participantes experienciavam, a partir deste envolvimento, suas primeiras relações amorosas e ainda habitavam a casa de suas famílias de origem, exceto por Vanessa, que dividia o apartamento com uma amiga.

Diante da notícia da gravidez, todos os homens entrevistados descreveram preocupação quanto ao abandono do lugar de filho em suas famílias de origem para assumir a responsabilidade por sua própria família, mesma preocupação apresentada por Denise. A respeito das outras mulheres os conflitos foram distintos: Vanessa demonstrou inquietação quanto ao papel feminino, relatando desejo de desenvolvimento e ascensão profissional, incompatíveis à construção de uma família; Adelini regrediu à posição de filha, ausentando-se acerca da decisão pela continuidade da gravidez ou escolha pelo casamento e; Luciana desestruturou-se completamente, não vislumbrando outra possibilidade além do casamento. A possibilidade de interrupção da gravidez apareceu em todos os discursos como um pensamento desesperado ante a notícia da gestação, porém sem uma reflexão real acerca de suas implicações. Os casais descreveram enfrentar, ante a notícia da gravidez, um momento conturbado, incluindo discussões e forte interferência das famílias de origem, entretanto, optaram pela construção de um vínculo familiar.

Observou-se que as mulheres aqui entrevistadas optaram pelo casamento, buscando na figura masculina amparo e segurança, o que nos remete a definição freudiana de escolha anaclítica de objeto, na qual o indivíduo busca, no objeto amado, o objeto perdido da infância, sendo este, a mulher que alimenta, o homem que protege ou as figuras substitutivas que venham ocupar este lugar de cuidado, tentando, desta forma, reconstruir a ligação original, os sentimentos que permeavam a relação com o pai ou com a mãe. Neste caso, Vanessa e Denise, a relação com suas figuras maternas e, Adelini e Luciana, suas figuras paternas, buscando preenchimento de suas vivências primitivas.

Por sua vez, os homens apresentaram outras nuances a respeito da decisão pelo casamento. André expressou a tentativa por romper com a transmissão de uma ruptura do vínculo conjugal e ausência da figura masculina na criação dos filhos, presente em sua família de origem; Mateus demonstrou preocupação acerca da vivência parental e a possibilidade de

perder seu lugar de pai; Antônio declarou o papel decisivo do filho e vivência parental implicados na decisão; enquanto Marcelo foi direcionado pelo sentimento de culpa a respeito do abandono e angústia gerados na esposa durante período da gestação. Observou-se, através das motivações masculinas, a construção de um vínculo conjugal pautado pela culpa.

O início do vínculo conjugal foi marcado por conflitos, incluindo discussões frequentes a respeito dos valores e do futuro da relação; reclamações por parte das figuras femininas do não comprometimento das figuras masculinas na construção do grupo familiar e; forte interferência das famílias de origem. Os casamentos foram perpassados por separações e suspeitas de traições, todas elas reavaliadas em função dos filhos, atentando para influência desta gravidez na continuidade do vínculo conjugal, bem como, o motivo para suportar as diferenças. Observou-se que, frente aos conflitos, os casais optaram por solicitar suporte às suas famílias de origem, não apresentando a possibilidade de diálogo entre o casal, com intuito de busca por soluções.

A capacidade de dialogar e negociar apenas se fez presente, de forma muito incipiente, no relacionamento de Vanessa e André, sendo justificada, neste momento, por um espaço de abertura para a construção conjugal, em função do crescimento dos filhos. A mesma distinção foi vista a respeito dos planos futuros do casal, uma vez que Vanessa e André descreveram a possibilidade de construção de um plano único familiar, acertado recentemente entre os cônjuges, enquanto nos outros casais fica evidente a existência de planos individuais distintos, que não se articulam.

A respeito da decisão por ter mais filhos, observou-se em todos os casais a presença de desejos diferentes. André e Antônio declararam de maneira categórica não desejarem mais filhos, enquanto Vanessa apresentou-se ambivalente quanto à decisão do marido e, Denise afirmou sua aspiração por uma filha mulher, adotando a postura de ignorar a vontade do esposo. Já Luciana e Adelini apontaram ausência de desejo, em função das dificuldades enfrentadas durante a gestação, enquanto Marcelo apresentava ambivalência a respeito da decisão da esposa e, Mateus foi pontual afirmando seu desejo. Observou-se a dificuldade destes casais em lidarem com uma sexualidade pura, ausente de procriação. Acredita-se, também, que esta dificuldade aconteça em função da ausência de segurança quanto à vinculação conjugal, onde a manutenção do vínculo se dá pela possibilidade de ter outro filho.

Sobre as questões de gênero notou-se indivíduos extremamente presos aos padrões tradicionais do casamento, onde a mulher posiciona-se como a responsável pelos cuidados das crianças e organização do lar. Sem a divisão relativamente igualitária das tarefas domésticas,

carregam consigo o discurso do cuidado solitário dos filhos. Este panorama se fez presente em todos os casais, exceto em Luciana e Marcelo, onde observou-se uma inversão dos papéis tradicionais, sendo o marido o responsável pelos cuidados da casa e do filho. Entretanto, notou-se a impossibilidade, presente em todos os casos, de uma flexibilização dos papéis feminino e masculino.

A respeito da transmissão geracional, os casais referiram semelhanças em relação às famílias de origem na atuação de cada um dentro do vínculo conjugal e na construção da família atual. Observou-se, na maioria dos casais, a transmissão de uma conjugalidade estruturada na interface com a parentalidade, exceto no caso de Adelini e Mateus, que carregam consigo a vergonha pela traição à uma descendência tradicional. Em todos os casos, ficou evidente um padrão de relacionamento conjugal insatisfatório, focado na vivência parental e ausente de vinculação afetiva, transmitido pelas gerações.

Observou-se uma identidade conjugal enfraquecida, em detrimento do exercício da função parental. As famílias de origem exerceram grande influência na estruturação e manutenção da dinâmica conjugal e familiar, demonstrando muitas vezes a necessidade de inserção de terceiros na manutenção do vínculo do casal. Os filhos cumprem com o mesmo papel, sendo mediadores e mantenedores desta conjugalidade, bem como, impedindo a construção de um espaço de intimidade do casal, apontando para a impossibilidade dos mesmos em se depararem diretamente com o outro da relação e, por assim dizer, constituírem uma conjugalidade propriamente dita. Acredita-se que a constituição do vínculo conjugal tenha por função manter recalcado a impossibilidade de saírem da posição de filhos e tornarem-se sujeitos de si.

Desta forma, concluímos a presença de dificuldades na construção e vivência de uma conjugalidade plena e independente da parentalidade e a existência de forte influência do modelo geracional tradicional na estruturação e continuidade do vínculo conjugal.

## Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi pensar a conjugalidade de casais construída na interface com a parentalidade, em função de uma gravidez precoce. Buscou-se explorar as motivações conscientes e inconscientes na escolha pela constituição de um vínculo conjugal, em um momento em que a contemporaneidade oferece inúmeras possibilidades de ser família e casal, entre elas, de uma vivência parental dissociada da conjugal. Além da interferência da transmissão psíquica geracional e do modelo tradicional de casamento. A partir da metodologia de pesquisa clínico-qualitativa obteve-se um recorte da experiência dos participantes, sem a intenção de generalizar os dados aqui obtidos a uma ampla população.

A escolha pela entrevista semi-aberta, juntamente com a atmosfera de segurança estabelecida no início dos encontros, possibilitaram o diálogo, fazendo com que os casais relatassem com fluência suas histórias, abordando os aspectos mais íntimos de seus relacionamentos. O encontro favoreceu aos casais a retomada de suas histórias, permitindo que experiências passadas fossem revividas e, muitas vezes, verbalizadas pela primeira vez aos cônjuges, desta forma, a entrevista foi um espaço importante de diálogo para o casal. Notou-se que, para todos os casais, este foi um momento onde puderam retomar a própria história de constituição do vínculo conjugal ligado a interferência de ambas as famílias. Como alcance da entrevista, alguns dos participantes trouxeram o “efeito terapêutico” que este espaço propiciou, permitindo que revivessem a própria história, não só do vínculo conjugal, bem como, a retomada da trajetória individual de cada um.

O material coletado apresentou uma riqueza de dados, vislumbrando aspectos intrapsíquicos e interpessoais dos participantes, bem como, fatores sociais relacionados à decisão pelo casamento, fornecendo um espectro da experiência vivenciada por estes casais. Entretanto, por aspectos de análise, foram feitas escolhas e recortes necessários ao desenvolvimento do trabalho. Desta forma, os dados obtidos através das entrevistas favorece a abertura para outras possibilidades de reflexão, que estão além dos objetivos aqui propostos.

Os dados obtidos vão de encontro à hipótese levantada, apontando a fragilidade do vínculo conjugal assim estabelecido, necessitando da inserção de terceiros, em função da dificuldade em deparar-se com o outro da relação. Os casais apresentam dificuldade na



criação de um espaço de intimidade do casal. A escolha amorosa se faz pautada no modelo edípiano e cumpre a função de assegurar os lugares de filhos nas suas famílias de origem.

Os participantes da pesquisa são indivíduos ainda muito determinados pelos modelos das famílias de origem, vivenciando casamento e família tradicionais e, pelo menos em dois casos, fortemente ligados a questões edípicas, sem a possibilidade de exercerem a criatividade permitida pelos modelos contemporâneos. Observou-se sujeitos ainda muito ligados aos papéis de filhos, talvez em função da precocidade da gravidez, reacendendo conflitos edípicos, resultando na estruturação de uma conjugalidade pautada na reprodução do modelo tradicional de vinculação conjugal, apesar de estes serem casais da contemporaneidade.

Portanto, dentro desse referencial tradicional observa-se a impossibilidade destes casais em desvincular conjugalidade de parentalidade. Apesar do conhecimento prévio das dificuldades inerentes à estruturação familiar, esses casais precisaram referendar a vinculação buscando um segundo filho, em alguns casos até a revelia do desejo do outro cônjuge.

Gomes e Paiva (2003), refletindo acerca do casamento na contemporaneidade, apontam que o mesmo pode ser um espaço de holding, ligando-se a uma noção de mutatividade, transformação e criatividade, ou, como melhor explicado pelas autoras:

“...o casamento, na pós-modernidade, deve ser visto como um veículo para o desenvolvimento individual, desde que haja, por parte do homem e da mulher, uma ‘desfantasmática’ das relações objetivas oriundas da infância, uma abertura para encarar o novo contido na rotina do dia-a-dia, crescimento tendente à maturidade e criação de um ‘espaço potencial’ entre os cônjuges, onde as potências de cada um possam ser exercitadas, experimentadas e integradas na vida a dois.”. (p.9).

Por fim, questiona-se com esta pesquisa a possibilidade destes casais em exercer a criatividade e estruturarem um vínculo conjugal dissociado da vivência parental, uma vez que desde o princípio estruturou-se uma conjugalidade pautada na parentalidade. Entretanto, considera-se importante mencionar que esta pesquisa não pretende afirmar que no futuro estes casais não possam lançar mão de sua criatividade, no sentido de romperem com os padrões geracionais e constituírem outro tipo de vínculo conjugal.

### Referências bibliográficas

Áries, P. (1987). O amor no casamento. In: Áries, P.; Béjin, A. (orgs). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

Benghozi, P. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crises e catástrofes humanitárias. In: Correa, O. (org). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.

Benghozi, P. (1994). Paradoxalidade do Laço de Aliança e Malha Genealógica dos Continentes do Casal e da Família. In: RAMOS, M. (org). *Casal e Família como Paciente*. São Paulo: Escuta.

Benghozi, P.; Feres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do vínculo genealógico. In: Feres-Carneiro, T. (org). *Casamento e Família: do Social à Clínica*. Rio de Janeiro: NAU.

Berenstein, I.; Puget, J. (1994). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Burchinal, M., Cox, C., Paley, B. & Payne, C. (1999). Marital perceptions and interactions across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 611-625.

Burd, M., Baptista, C. (2004). Anamnese da família: genograma e linha do tempo. In: Mello Filho, J., Burd, M. *Doença e família*. São Paulo; Casa do Psicólogo.

Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal: Introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica*. São Paulo: Editora Summus.

Cowan, C. P., Cowan, P. A., Hening, G., Garrett, E., Coysh, W. S., Curtis-Boles, H. & Boles, A. J. (1985). *Transition to parenthood: his, hers, and theirs*. *Journal of Family Issues*, 6, 451-481.

Crohan, S. E. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in african american and white couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 933-944.

Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: Wagner, A. (Org.). *Família em cena*. Petrópolis: Vozes.

Eiguer, A. (2008). *Jamais moi sans toi*. Paris: Dunod.

Falceto, O. G.; Waldemar, J. O. (2001). O Ciclo vital da família. In: Eizirik, C. L.; Kapczinsk, F.; Bassol, A. M. (orgs) *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artemed.

Féres-Carneiro, T. (2001). *Casamento e Família do Social à Clínica*. Rio de Janeiro: NAU.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 11(2) [citado 2009-09-29], pp. 379-394 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=es&nrm=iso)>.

Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras completas* (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIV.

Freud, S. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II). In: *Obras completas* (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XI.

Freud, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras completas* (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XI.

Giddens, A. (1993). *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Goldenberg, M. (1991). *Ser homem, ser mulher: Dentro e fora do casamento. Estudos Antropológicos*. Rio de Janeiro: Revan.

Gomes, I. C. (2007). *Uma clínica específica com casais: Contribuições teóricas e técnicas*. São Paulo: Editora Escuta.

Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidade: Visão panorâmica da atualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: Psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis.

Gomes, I. C.; Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e Família no século XXI: Possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*. Maringá, 8, 3-9.

Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (org). *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio. Uma homenagem internacional a Serge Lebovici*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Jablonski, B. (2003). Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Edições Loyola.

Käes, R. (2011a). *Um singular plural: A Psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas.

Käes, R. (2011b). A realidade psíquica do vínculo. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. 45(4), 155-166.

Käes, R. (2005). *Os espaços comuns e partilhados: transmissões e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lévi-Strauss, C. (2009). *As estruturas elementares do parentesco*. 5º ed. Petrópolis: Vozes.

Lewis, J. (1988). The transition to parenthood: II. *Stability and change in marital structure*. *Family Process*. September 27, 273-283.

Merli, L. F.; Zanetti, S. A. S.; Gomes, I. C. (2011). *Parentalidad Temprana, Conjugalidad y el Ejercicio de la Función Parental: Observaciones sobre una experiencia clínica con pareja*. Anais de Congresso Científico “XIX Congresso Latinoamericano da Flapag – XXVII Jornada de la AAPPG – VI Jornada Nacional de la FAPCV”. Buenos Aires – Argentina. Divulgação Digital.

Merli, L. F. (2005). *Estudo sobre as influências da dinâmica familiar nos comportamentos agressivos infantis*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Paiva, M. L. S. C. (2003). *Casamentos entre vinte e trinta anos: o uso de entrevistas e TAT na análise psicanalítica da relação conjugal*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Paiva, M. L. S. C. (2009). *A transmissão psíquica e a constituição do vínculo conjugal*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Pincus, L.; Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Porchart, I.; Gomes, P. B. (2006). *Psicoterapia do Casal: Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rios, M. G. (2007). *Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Spivacow, M. A. (2005). *Clínica Psicoanalítica com pareja: entre la teoría y la intervención*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Titan, S. V. (1999). Relação conjugal de relação analítica. In: Ramos, M. (org). *Casal e família como paciente*. São Paulo: Editora Escuta.

Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática.

Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs.

Wilkinson, R. B. (1995). Changes in psychological health and the marital relationship through childbearing: Transition or process as stressor? *Australian Journal of Psychology*, 4(47), 86-92.

## Anexo A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de Mestrado da Universidade de São Paulo.

A pesquisa se refere à conjugalidade de casais cujas relações foram precedidas e determinadas pela concepção do primeiro filho. A sua participação será através de entrevista realizada com a pesquisadora, que poderá acontecer em até três encontros, se necessário, com no máximo duas horas de duração cada. Esta pesquisa tem por objetivo compreender o estabelecimento da conjugalidade a partir de uma gravidez. A entrevista será gravada mediante sua autorização, através deste termo.

Informamos que a participação não é obrigatória, não haverá qualquer despesa para participar desta pesquisa, o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento e que possui a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta que o(a) desagrade. Gostaríamos de ressaltar que o consentimento de participação para esta pesquisa fornecerá informações importantes para o avanço no campo das ciências em psicologia.

Declaramos, ainda, o nosso compromisso com o Código de Ética Profissional do Psicólogo assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, a publicação não incluirá informações que permitam qualquer identificação dos sujeitos entrevistados, bem como, de sua estrutura familiar ou endereço residencial. Frente a qualquer dificuldade mobilizada em função da pesquisa, a pesquisadora se compromete a fornecer acompanhamento psicológico pelo período de três meses, caso solicitado pelos sujeitos.

Em caso de dúvidas, o(a) senhor(a) poderá solicitar informações com a responsável pela pesquisa – Laura Fernandes Merli (CRP 06/83187) - a qualquer momento, pelo endereço eletrônico lomerli@yahoo.com.br; ou através do “Departamento de Psicologia Clínica” do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco F, CEP 05508-030, Cidade Universitária, São Paulo – Telefone: 3091-4173.

Respeitando, portanto, o procedimento de padrão ético em pesquisa, pedimos que autorize sua participação, assinando esse termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ informado(a) dos objetivos da pesquisa acima e certificado(a) de que os dados coletados serão confidenciais e que poderei optar pela retirada do consentimento a qualquer momento da pesquisa, autorizo a participação de meus dados na pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora

## Anexo B

### Roteiro de Entrevista Semi-dirigida

1. Como vocês se conheceram?
2. Como foi quando descobriram a gravidez?
3. Como esta gravidez interferiu na decisão pelo casamento?
4. Como esta gravidez interferiu para a manutenção do casamento durante os anos?
5. Como é a relação entre vocês?
6. Quais conflitos vocês já vivenciaram e como resolveram?
7. Qual a percepção de cada um em relação à construção e manutenção da relação conjugal?
8. Como são suas famílias de origem?
9. Como seus pais se conheceram?
10. Como era o relacionamento conjugal dos seus pais?
11. Como seus avós se conheceram?
12. Como era o relacionamento conjugal dos seus avós?



## Anexo C

### Convite de Pesquisa

#### Convite

Procuro, para entrevista, casais heterossexuais com mais de 25 anos, que tenham se casado ou estabelecido uma união estável após a concepção do primeiro filho, e que estejam juntos a mais de 3 anos.

Trata-se de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que visa compreender o estabelecimento de uma conjugalidade em relação à parentalidade.

Os interessados em contribuir com este estudo serão muito bem-vindos, e agradeço se puderem entrar em contato

comigo através do e-mail [lomerli@yahoo.com.br](mailto:lomerli@yahoo.com.br)

Atenciosamente,

Laura Fernandes Merli

Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica pelo IP-USP.